



Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Escola de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Entre danças e conversas: os diários visuais e as tessituras curriculares *nosdoscom* os
cotidianos na rede pública no Rio de Janeiro.**

Wilza Lima dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind

Rio de Janeiro

2017

Wilza Lima dos Santos

Entre danças e conversas: os diários visuais e as tessituras curriculares *nos* dos com os cotidianos na rede pública no Rio de Janeiro.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Sússekind

Rio de Janeiro
2017

Catalogação informatizada pelo(a) autor(a)

L237 Lima dos Santos, Wilza
Entre danças e conversas: os diários visuais e as
tessituras curriculares nos dias com os cotidianos na
rede pública no Rio de Janeiro. / Wilza Lima dos
Santos. -- Rio de Janeiro, 2017.
136

Orientador: Maria Luiza Sússekind.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Educação, 2017.

1. Arte. 2. Cotidianos. 3. Educação. 4.
Currículos. 5. Redes de Aprendizado. I. Sússekind,
Maria Luiza , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Programa de Pós-Graduação em Educação

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Wilza Lima dos Santos

“Entre danças e conversas: os diários visuais e as tessituras curriculares nosdocom os cotidianos na rede publica no Rio de Janeiro.”

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 07 / 08 / 2017

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Sússekind
(orientadora)

Prof^a. Dr^a. Denise Espírito Santo da Silva
(avaliadora externa)

Prof^a. Dr^a. Carmen Sanches Sampaio
(avaliadora interna)

Prof^a. Dr^a. Inês Barbosa de Oliveira
(avaliadora externa)

Prof^a. Dr^a. Gláucia Soares Bastos
(avaliadora externa)

Dedicatória

Dedico essa dissertação, à minha mãe, a minha filha, Bianca Antunes Lima, e ao meu companheiro de vida que sempre esteve ao meu lado, Americo Homem da Rocha Filho.

Agradecimentos

Diante de tantos agradecimentos já feitos durante a dissertação e alguns que precisam ser feitos, o medo de ausentar alguém nesta parte importante da minha vida, fui buscar vamos dizer a origem da palavra obrigada. Diante de tantas opções que o site de buscas *google* me ofertou escolhi essa: forma de agradecimento vem do latim *obligatus*, particípio do verbo *obligare*, ligar, amarrar. É a forma abreviada da expressão *fico-lhe obrigado*, ou seja, *fico-lhe ligado pelo favor que me fez* (BIBLIOTECA VIRTUAL DA ANTROPOSOFIA, 2017). As pessoas ligadas a esse processo de pesquisa meu muito obrigada a todxs que contribuíram de alguma forma para que esse trabalho pudesse ficar/estar pronto. Essa rede de aprendizagens tecidas, conectadas minha gratidão.

Amigxs dos grupos de pesquisas que tanto aprendi e aprendo. Em especial ao casal mais lindo que conheci na UNIRIO Clara e Raphael. Gratidão eterna por vocês atravessarem e estarem presentes em todo processo. Desejo todo amor dessa vida para vocês.

A todxs os meus professorxs durante o período de minha formação, da educação infantil até xs professorxs do mestrado, pois penso a formação um processo contínuo e cotidiano. E não poderia deixar de citar minha (des)orientadora, que soube ouvir meus silêncios e minhas pausas, nessa coreografia que se tornou minha dissertação. Luli, uma artista contemporânea que move pensamentos, desterritorializa as certezas e deixa as dúvidas fluírem, renovando o processo de busca. Gratidão.

Amigxs e familiares por entenderem minhas ausências nos encontros, reuniões, festas, shows, ... Em especial minhas amigas queridas Mônica Monteiro, Letícia Domingos e Regina Dantas que não me deixaram desistir do meu sonho. Acendendo a luz da paciência e determinação em meio às trevas cotidianas do cansaço e tristeza.

Amigxs das escolas onde trabalho, que me ensinam cotidianamente. Não poderia de dar um agradecimento especial aos amigxs Katyucha Ramos e Edward Campanário, pelas conversas infinitas de formação sejam virtuais por conta de nossas lutas e/ou tantas maravilhosas docências compartilhadas. Muitas aventuras, silêncios e olhares que indicam uma sintonia afinada, que dava a impressão de todas as ações terem sido extremamente calculadas. Minha gratidão por aperfeiçoarem tão bem nossas ideias

loucas para que pudéssemos colocar em prática a busca por uma educação pública em que a justiça cognitiva possa ser vivenciada nesse espaço.

A minha filha por dar forma as minhas ideias e aguentar meu cansaço. Compreendendo minha ausência em etapas importantes de sua vida.

A pessoa que mais esteve ao meu lado, dando força, me cobrindo de carinho quando a dor era mais forte que a esperança, Americo, meu amor, que estejamos ligados na lealdade que prometemos um ao outro, na eternidade de cada instante vivido ao seu lado.

A minha maravilhosa mãe, exemplo de pessoa e mulher. Gratidão.

Epígrafe



Fonte: <https://vozesesquecidas.wordpress.com/tag/charlie-brown/>

Resumo

A pesquisa tem como objetivo pensar a formação de professorxs, processo contínuo, cotidiano, com suas redes de aprendizados tecidos fio a fio. Com os processos de aprendizagem no decorrer da vida, temos às vezes, possibilidades de tecer encontros em nosso caminhar. Oportunidades de conversas e aprendizados cotidianos, que podem desenhar com linhas nossa trajetória, suas idas e vindas. Um bailar constante de possibilidades e experiências que vamos tecendo. Nós, nessa arte de viver, como uma rede de pesca, onde cada nó é independente do outro, mas está diretamente ligado ao outro, completando tramas que enredam possibilidades do devir, multiplicação de si no acontecimento. Desdobrando os movimentos de construção da escrita que conversou com as diversas linguagens artísticas e os cotidianos que envolvem a tecedura desta trama, a dissertação. Em cena, os “rizomas” (DELEUZE, GUATTARI, 2000) abertos, pelos diversos usos dos “atores” (SÜSSEKIND, 2016) envolvidos nos processos de construção de suas redes de subjetividade e suas práticas com os diários visuais. O que poderia ser mais uma ferramenta de trabalho para comunicação entre professora e estudantes apenas, tem-se mostrado/tornado uma importante forma de comunicação, conversas pessoais e reflexões de gosto e compreensões do mundo pessoal e intransferível de cada estudante e seu processo de construção de conhecimento, autoformação. Propondo um diálogo horizontal, “a potência do precário” na busca pela “justiça cognitiva” (SANTOS), na/com a formação de professorxs.

Palavras-chave: Arte; Cotidianos; Educação; Currículos; Redes de aprendizados.

Abstract

This research is a reflection about teachers' education, an everyday and continuous process, as a fabric woven thread by thread. During this learning process, sometimes in life we find new possibilities to weave encounters along our way. Everyday conversations and learnings that might draw a few lines in our path. A constant dance of possibilities and experiences that we're weaving in this art of living like a fishnet, where each knot is independent, but is directly connected to each other. Unveiling construction writing movements that dialogues with several artistic languages and the everyday learnings that developed that net. This dissertation encenes the "rhizomes" (DELEUZE, GUATTARI) open by several uses of the "actors" (SÜSSEKIND) involved in their subjective network construction and their practices with the visual journals. This dissertation brings to the stage the "rhizomes" (DELEUZE, GUATTARI) opened by numerous uses of the "actors" (SÜSSEKIND) involved in the process of manufacturing their subjective weave and their practices with the visual journals. What could be one more communication tool between students and teachers only, have become an important way of personal conversation, reflections, tastes and personal world comprehensions. An inalienable source of each student knowledge process and self-training. Offering an horizontal dialogue, "the power of the precarious" in pursuit of "cognitive justice" (SANTOS) in the teachers education process.

Índice de Imagens

Figura 1: Lima, 2009	16
Figura 2: Encarte CD MARÍTIMO, Adriana Calcanhoto.....	17
Figura 3: Trecho livro, Formas de pensar o desenho.	18
Figura 4: Título da Figura. Capa da apostila do trecho do livro.....	18
Figura 5: Calvin e Haroldo.....	19
Figura 6:	20
Figura 7:	20
Figura 8:	21
Figura 9:	22
Figura 10:	23
Figura 11	24
Figura 12: Abaporu	25
Figura 13:	25
Figura 14:	26
Figura 15:	27
Figura 16:	28
Figura 17	28
Figura 18:	29
Figura 19:	30
Figura 20:	30
Figura 21: Calvin	31
Figura 22:	32
Figura 23:	33
Figura 24	34
Figura 25	34
Figura 26	35
Figura 27	35
Figura 28	36
Figura 29: Quino	36
Figura 30	37
Figura 31	38
Figura 32	39
Figura 33	40
Figura 34	41
Figura 35	42
Figura 36: Armandinho	44
Figura 37	44
Figura 38	45
Figura 39	46
Figura 40	47
Figura 41	47
Figura 42	48
Figura 43:	49

Figura 44:	49
Figura 45	50
Figura 46	51
Figura 47	51
Figura 48:	52
Figura 49	53
Figura 50	54
Figura 51:	55
Figura 52	55
Figura 53:	56
Figura 54	57
Figura 55: Watterson, 2013, p.101	57
Figura 56	58
Figura 57	59
Figura 58: Currículo como Conversa Complicada.....	60
Figura 59: Mafalda.....	61
Figura 60: Protocolo	61
Figura 61: Comprovante de Matrícula	61
Figura 62:	62
Figura 63:	63
Figura 64:	63
Figura 65: Boaventura de Sousa Santos	64
Figura 66:	65
Figura 67:	67
Figura 68	68
Figura 69:	69
Figura 70	70
Figura 71	71
Figura 72	72
Figura 73	73
Figura 74	74
Figura 75	75
Figura 76	76
Figura 77	77
Figura 78	78
Figura 79	78
Figura 80	79
Figura 81	79
Figura 82	80
Figura 83	81
Figura 84	82
Figura 85	82
Figura 86	83
Figura 87	84
Figura 88	85
Figura 89	85
Figura 90	86

Figura 91	87
Figura 92	87
Figura 93	88
Figura 94	89
Figura 95	89
Figura 96	90
Figura 97	91
Figura 98	92
Figura 99	93
Figura 100	93
Figura 101	94
Figura 102	94
Figura 103	95
Figura 104	102
Figura 105	104
Figura 106	105
Figura 107	106
Figura 108: Parte I.....	107
Figura 109: Parte II.....	108
Figura 110: Parte III.....	109
Figura 111	109
Figura 112	110
Figura 113	110
Figura 117:	111
Figura 118	112
Figura 119	112
Figura 120	113
Figura 121	114
Figura 122	114
Figura 123	115
Figura 124	117
Figura 125	118
Figura 126	119
Figura 127	120
Figura 128	121
Figura 129	122
Figura 130	123
Figura 131	124
Figura 132	125
Figura 133	126
Figura 134	127
Figura 132: Metodologia	128
Figura 133	129
Figura 134	129

Sumário

Sumário Rizomático	15
O início.....	16
O fim.....	57
Os Meios.....	111
Metodologia.....	128
Referências Bibliográficas	134

Sumário Rizomático

Sumário Rizomático

DancARizoma, 103.

Pollock
Action Painting
Currículos, 113.

Multiplicidades
tecidas pelo
fora, 79.

PLATÔ
O INÍCIO
Pág. 01

Introdução
Pág.: 02

Diários
visuais
o início, 35

Currere, 105.

Cotidianos
cirandas, 106.

PLATÔ
O FIM
Pág.: 42

Instruções
de uso,
06.

Redes
tecidas
de minha
formação,
o início, 14

Ser/
fazer
arte, 101.

Currículo
Mínimo, 66.

Agradecimento a todxs
xs alunxs, companheirxs
de trabalho, 44

Conversas
complicadas, 45

PLATÔ
OS MEIOS
Pág.: 99

Agradecimento à minha mãe, 14

Referenciais, 121

Metodologia, 115

Agradecimento ao Grupo de Pesquisa
Linguagens Desenhadas e Educação, 30.

Agradecimento ao Grupo de Pesquisa
Práticas Educativas e Formação
de Professores, 47.

Diários visuais
no/com o mestrado, 46

O início

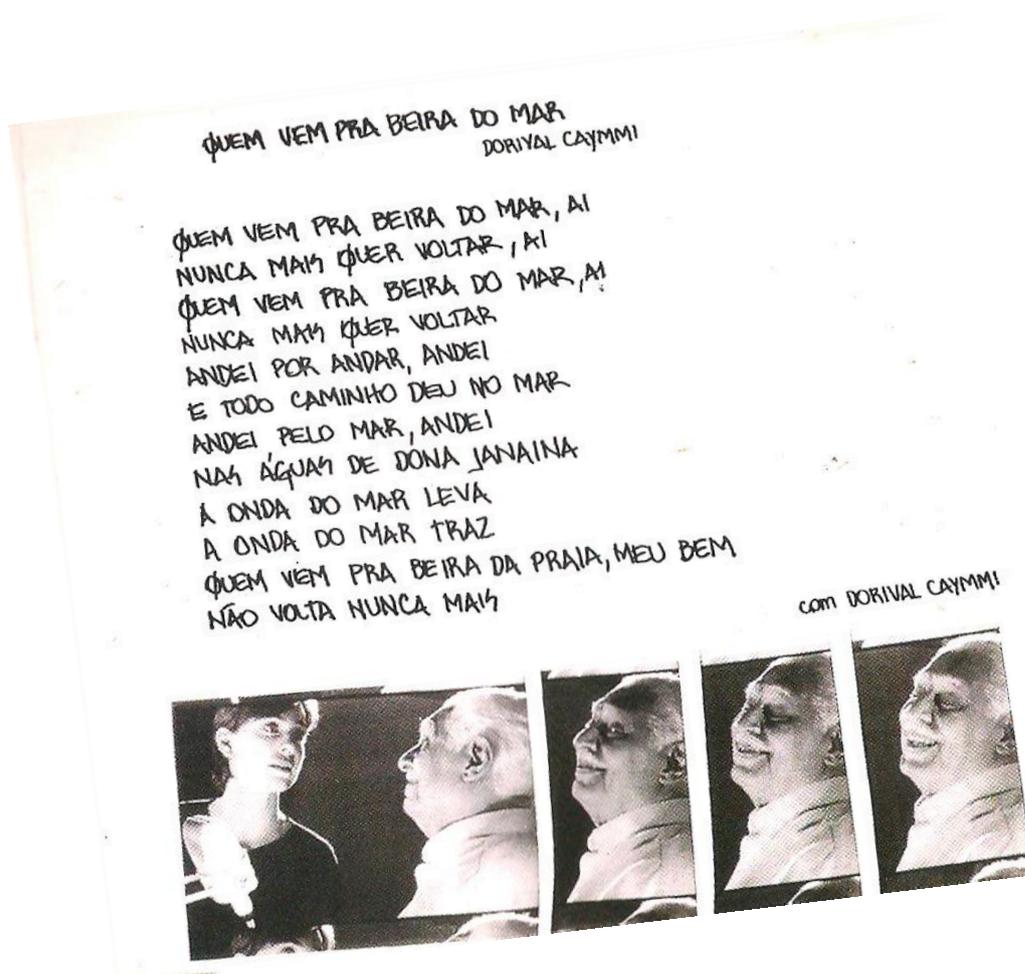
Eu sou

Figura 1: Lima, 2009



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2: Encarte CD MARÍTIMO, Adriana Calcanhoto

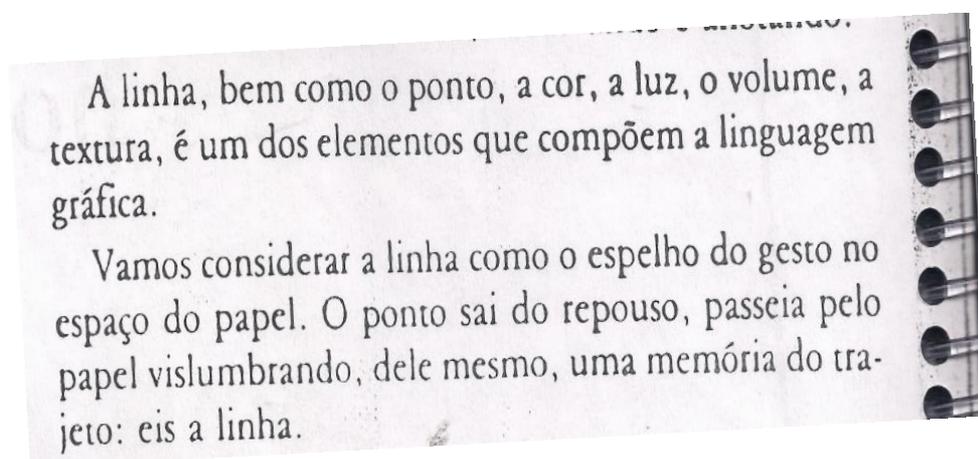


Fonte: Arquivo Pessoal

E como andei, e como ando indo da cidade do Rio de Janeiro para cidade de Angra dos Reis ou voltando de Angra para o Rio. Pela janela do carro, observo, procuro o mar e seus movimentos, pela estrada sinuosa que beira a baía da Ilha Grande, na qual observo a mesma, majestosa, proteger todo trecho que atravesso e sou atravessada da estrada Rio Santos. Sua proteção, oferece um mar calmo e tranquilo a população que vive ou passeia por essa baía. Sempre que posso, busco caminhos e estradas que me levem as praias, seja para caminhar na areia e sentir as águas geladas tocarem meus pés com as ondas, ou para fazer mergulhos e permitir que o movimento das ondas, de levar e trazer, seja ao adquirir, devolver, renovar, ir e voltar levem meu corpo e meus pensamentos como um rizoma, algo que *não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda*. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 31). Nesse ir e vir vou traçando caminhos que se conectam com um ponto qualquer com outro ponto qualquer e por ser feito somente de linhas, busco as vezes a linha de fuga.

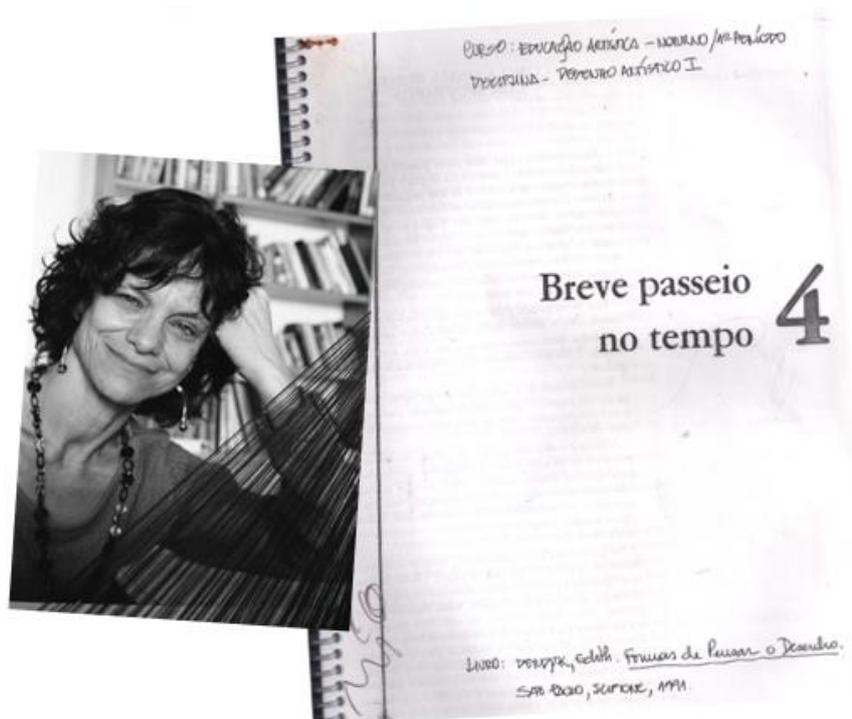
Tendo a linha do horizonte como companhia, embalando o meu pensar ao me conectar com a multiplicidade e pensar com DERDYK, sobre/com

Figura 3: Trecho livro, Formas de pensar o desenho.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Título da Figura. Capa da apostila do trecho do livro.



Fonte: Arquivo Pessoal

Pensar a tela do computador como uma folha em branco com uma linha a piscar, chamada de cursor, marcando o tempo, dando ideia de que aguarda ansiosa os primeiros esboços do artista/autor desenhar seu texto, pode soar, também, como uma cobraça que, para um estudante que está prestes a explorar esse espaço, a sensação, por diversos momentos é de desespero...

Figura 5: Calvin e Haroldo

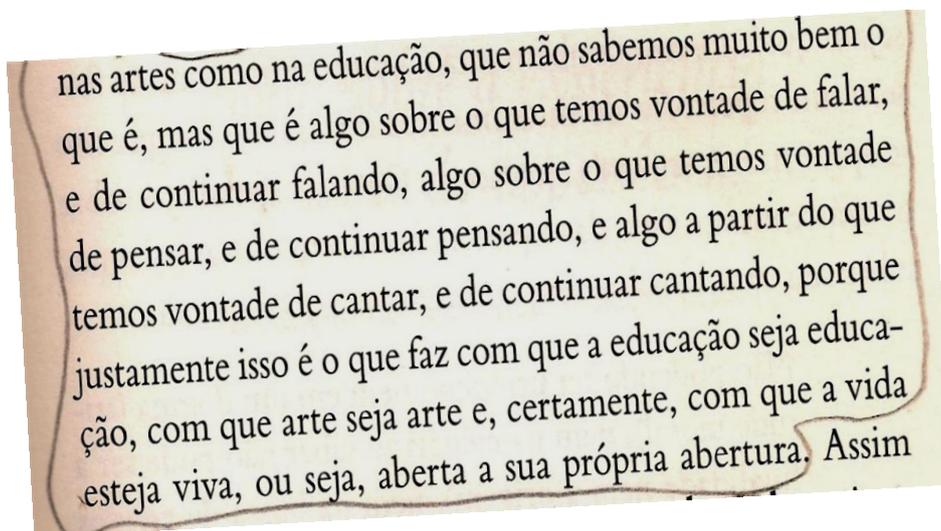


Fonte: (WATERSON, 2013, p.19)

E foi assim, por diversas vezes, o sentimento que se fez presente, ao fazer/tecer/desenhar minha dissertação. A linha do cursor marcando *o tempo que não para*

(CAZUZA), me força sair do repouso, me arrisco a desenhar pelo papel sem saber muito bem aonde e se chegarei a algum lugar. Um caminhar de encontros que desloca meu corpo e me fazem pensar,

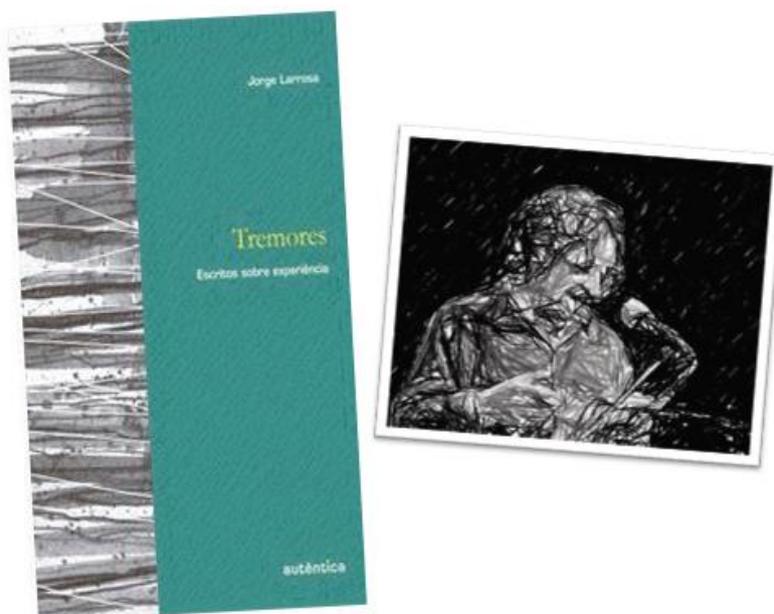
Figura 6:



nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar, e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação, com que arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura. Assim

Fonte: (LARROSA, 2015, p.13)

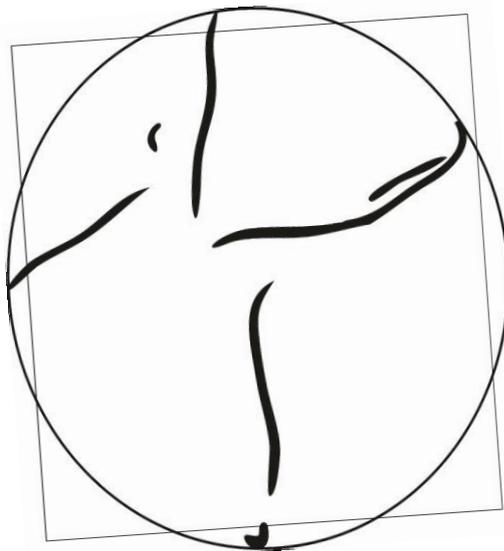
Figura 7:



Fonte: Arquivo Pessoal

Aberta a essa aventura de viver esse processo de escrever, na ideia de pensar a linha vertical reta que pisca, outras possibilidades, aberturas, como a combinação de algumas linhas, posso mostrar uma das minhas paixões. Segundo minha mãe, mesmo antes de andar eu já dançava, qualquer que fosse o som, balançava meu corpo.

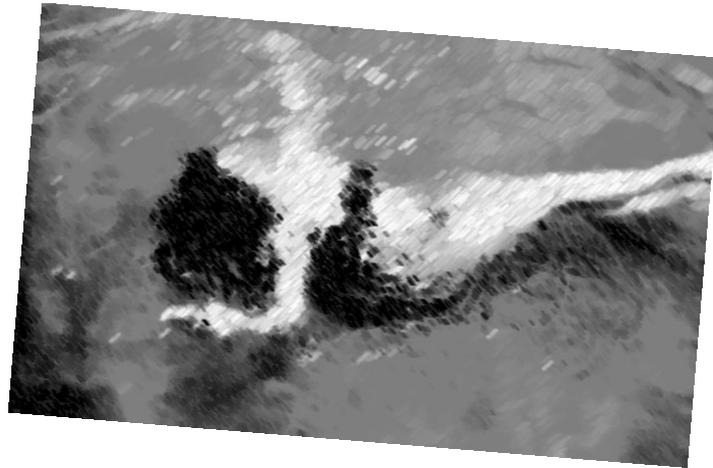
Figura 8:



Fonte: Arquivo Pessoal

E como sou movida por paixões e a dança é uma delas, ensaiei várias ideias dessa coreografia que é minha dissertação, que será dançada em ritmo de poesias, músicas, desenhos, pinturas, fotografias, palavras e silêncios. Onde as linguagens artísticas ocupam/dançam o espaço do trabalho acadêmico com o mesmo peso do movimento das formas de narrar/escrever. Buscando as epistemologias do Sul (SANTOS, 2010), como caminhos possíveis, fui tecendo a pesquisa diante da complexidade dos múltiplos, *sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas essas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões.* (DELEUZE, 2000, p. 16), vivendo o fluxo, com pausas para respirar e tomar fôlego para muitos *mergulhos* (ALVES, 2008, p. 17), às vezes profundos, internos, em águas frias, aproveitando o silêncio das águas quando se está imerso, ouvindo somente o som que o meu corpo produz, enquanto tive fôlego, para permanecer no instante.

Figura 9:



Fonte: Arquivo Pessoal

Para realizar esses mergulhos, explorei trilhas que eram desconhecidas, vivi o imprevisto, me deliciando e aprendendo com as pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* e a beleza das diferenças. Me permiti traçar desenhos e caminhos novos, busquei *beber em todas as fontes* (ALVES, 2008, p. 27) visitar trilhas conhecidas com cheiros e sabores diferentes. *Pode-se dizer que o texto é autobiográfico, desde que entendamos por “auto”, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo* (ROLNIK, 2006, p. 26).

Figura 10:

Assim, esta dissertação se apresenta como um rizoma. Algo que não se fecha com meus relatos, experiências e não possui a preocupação com a lógica da *monocultura do tempo linear, a ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos* (SANTOS, 2004, p. 789), mas pensa o tempo com a *ecologia das temporalidades (...)* a possibilidade de desenvolvimento autônomo (SANTOS, 2004, p. 791). Neste sentido de autonomia, gostaria de convidar você leitor para passear/dançar comigo por esses caminhos/danças



Fonte: Arquivo Pessoal

diversos que teci com ajuda de GINZBURG (2001) *fui buscar as pistas, escruta das burlas, táticas* (CERTEAU, 2012) de currículo, que tecemos [eu e companheirxs de trabalho, platô “0 fim”, página 70] para compor os diários visuais trabalhados na *ecologia dos saberes*, (SANTOS, 2004, p. 790) por *entender currículos como experiências e ouvir suas estórias e histórias* (PINAR, 2014, p. 62).

Trilhas de/com histórias que você pode ler/passear ou dançar seguindo as indicações enunciadas, ou se preferir pegar atalhos e descobrir seus/meus caminhos sozinhx. Por isso compus essa coreografia/dissertação por/em platôs, que é *multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma* (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 32).

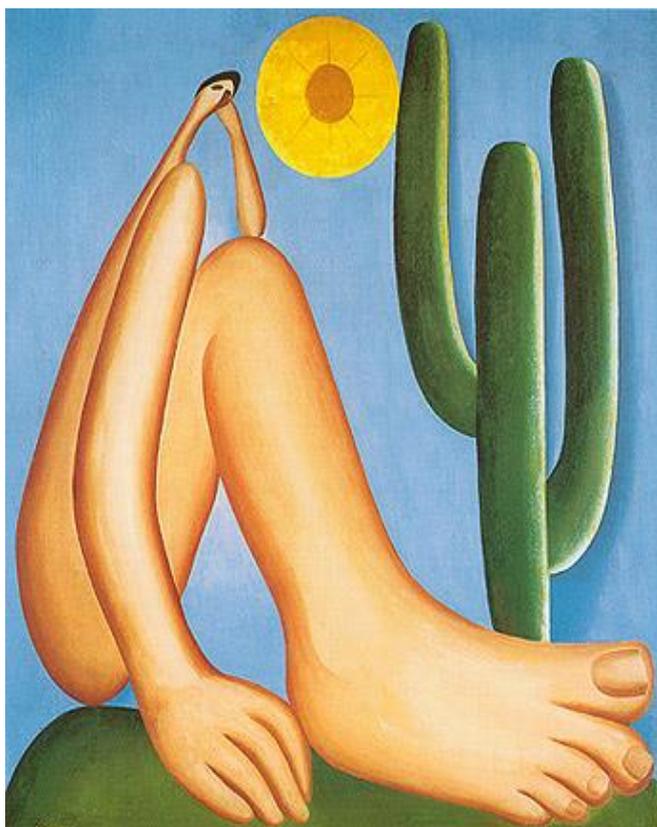
Figura 11

Fonte: Arquivo Pessoal

Assim, creio que o leitor tem a possibilidade de seguir, avançar, recuar ou explorar no seu tempo, com ajuda do sumário e as indicações que aparecerão no texto [] ou como quiser a partir de suas próprias linhas de fuga. Os platôs foram inspirados/transpirados na música e na poesia de Raul Seixas, chamada Gita, e foram divididos/pensados como o início, o fim e os meios. Na tentativa de narrar os tantos eus, cantados por Raul que me tecem, por serem pós coloniais, são eus desterritorializados do conceito de identidade, tecendo na construção da professora pesquisadora que se descobriu antropofágica, entendendo com Rolnik que antropofagia é apenas uma forma de subjetivação e

ela se caracteriza pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias (ROLNIK, 2014, p. 19).

Figura 12: Abaporu



Fonte: AMARAL, Tarsila, 1928

As citações dos autores devorados, foram introduzidas no texto ora utilizando a visualidade do recurso itálico ou coladas literalmente na página, acompanhadas do livro deglutido no percurso de tecer os platôs.

Quando o deslocamento tornou-se mais profundo me fazendo tecer histórias utilizando somente a narrativa com o desenho das palavras, criei o mergulho solo. Onde as letras podem dançar de forma diferenciada, sozinhas.

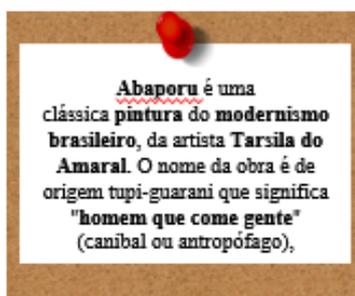
Para avisar/preparar o leitor, utilizo as tirinhas como

uma pausa, um respiro, uma tomada de fôlego para ficar submerso.

As notas de rodapé, estão inseridas diretamente no texto sob a forma de colagem/anotação.

Nesse trabalho que teci experimentalmente estão narrativas de alunxs, imagens de acervos pessoais ou/e não, sons e movimentos que trazem reflexões sobre currículos, educação, formação de professorxs como/podendo ser artistas antropofágicos.

Figura 13:



Fonte: <https://www.culturagenial.com/abaporu/>

A cada passo dado na composição dessa coreografia/dissertação me reinvento, me remonto, me quebro, me distribuo, me multiplico e me reteso, sempre com a sensação, de que

Figura 14:

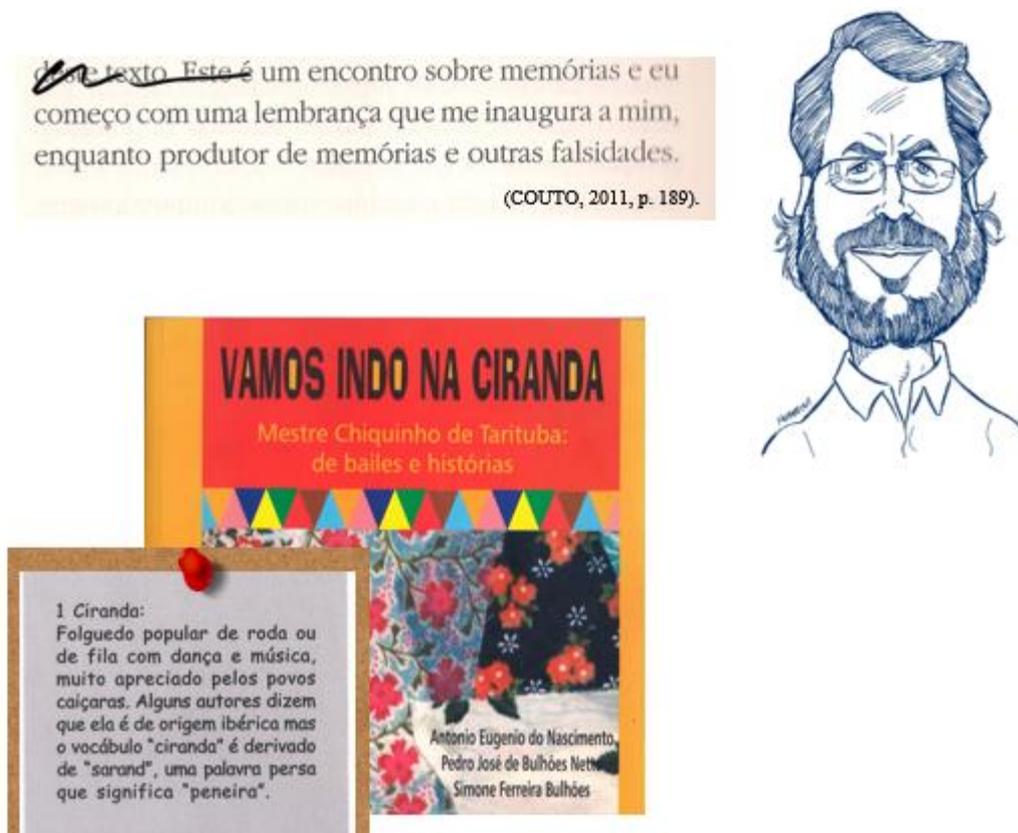


Fonte: Print. Limited edition of 20. Number 3/20. - <https://br.pinterest.com/pin/344595808957772074/>

Na dança, para se executar alguns movimentos se faz necessário obter o equilíbrio do seu corpo e mente, a busca para adquirir determinadas habilidades cotidianas. O movimento pode se repetir, mas a gestualidade do bailarino o faz único. Diferentes, a cada momento que o artista executa, mantendo aparência de conservar o gesto. A cada deslocamento de tentar narrar conversas, a busca pelo equilíbrio entre o

que foi falado e o que será escrito na tentativa de conservar por aquele que ouviu, se renova. Conversar sobre a professora que sou me remeteu à onda do mar da cidade de Angra e o passo/movimento da ciranda de Tarituba [bairro, distrito da cidade de Paraty] que recebe o mesmo nome. Esse passo é executado ao comando do mestre cirandeiro, ao anunciar “olha a onda”, todos que estão a dançar na ciranda formam uma única roda que se encontra e se afasta, como faz a onda do mar. Esse passo/movimento de ir e voltar traz a impressão de conservar a tradição popular dessa ciranda, mas a gestualidade inventiva de cada brincante que ao dançar ciranda, a renova, certaunianamente.

Figura 15:



Fonte: Arquivo Pessoal

- Prof? Você se formou onde? Foi em Barra Mansa não foi? Na UBM?

Jaqueline [cujas identidade foi mantida por autorização dela, foi aluna do 3º ano, curso formação de professores no Colégio Estadual Doutor Artur Vargas. Foi ela que me apelidou de prof. Era chamada por todos de sua turma, de Jack.].

Naquele instante, meu pensamento se deslocou, provocado por uma pergunta que atravessa tantos sentidos para mim, me senti incapaz de responder. Meu corpo paralisado, consegui emitir apenas um sorriso silencioso que vinha acompanhado da pretensão, *pela possibilidade que oferecem de esconder ricos silêncios e desfiar histórias sem palavras* (CERTEAU, 2012, p. 173)

Figura 17



Fonte:
<https://br.pinterest.com/pin/501307002250810161/>

respondi com um sussurro:

- Outro dia a gente conversa, Jack.

Figura 16:



Fonte:
 Arquivo Pessoal

Com o deslocamento provocado pela pergunta de Jack, movi meu corpo, *buscando pistas, indícios* (GINZBURG, 1989, p. 154), tecendo *minha rede e seus nós* (SANTOS apud Manhães, 2008, p. 81) em fluxo para tentar *desfiar/dançar as histórias sem palavras*. Nesse momento, senti que era hora de me lançar *no mergulho sem a bóia* (ALVES, 2015, p 26). Um mergulho interno de descobertas que nunca fecham...

Figura 18:

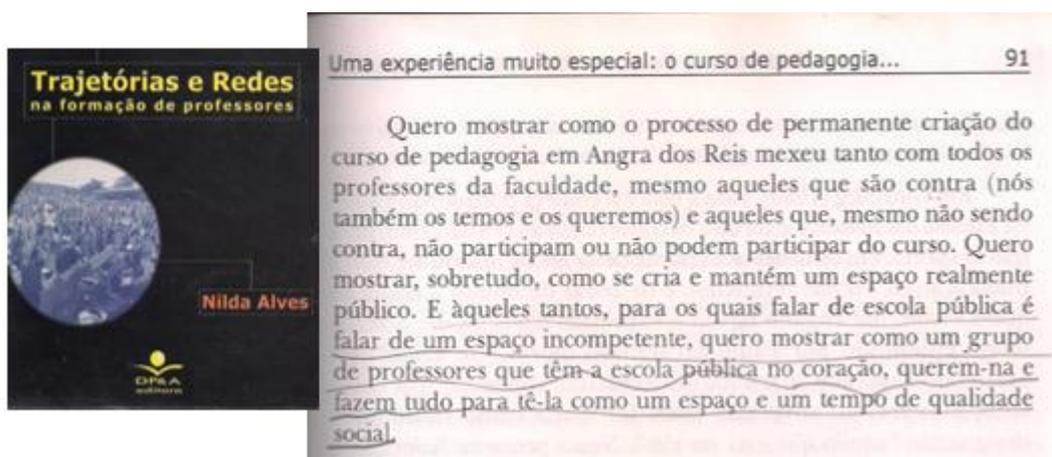


Fonte: <http://aquasixio.deviantart.com/art/WIP-of-Katharsis-435699411>

Como refletir sobre os caminhos/nós da minha formação. Penso, posso estar errada, que levo, na minha prática, cada movimento, gesto, palavra do que me acontece, o que me passa, o que me toca, (LARROSA, 2015, p 18) deste andar/tecer/embolar do *ensinoaprendizagemensino* desses cotidianos escolares, mesmo antes de me tornar/formar/ser professora. Inaugurando minhas histórias, comecei a buscar os fios que me tecem nessas redes.

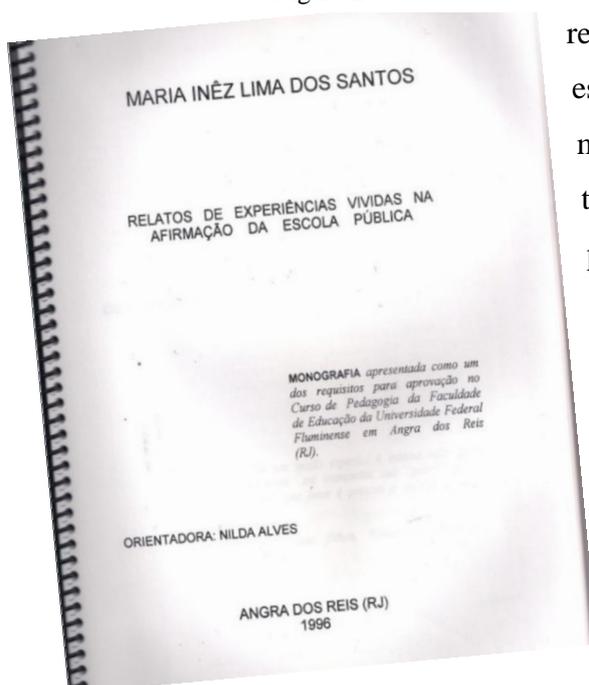
Comecei a tentar tecer meu percurso quando identifiquei o fio de ter como exemplo uma mãe professora, divorciada que criou seus dois filhos sozinha com duas matriculas na rede municipal de ensino em Angra dos Reis/RJ. Não bastasse essa vitória, ela conciliou suas matriculas com a de estudante de pedagogia da UFF,

Figura 19:



Fonte: (ALVES, 1998, p.91)

Figura 20:



Fonte: Arquivo Pessoal

relatando suas experiências vividas em uma escola pública rural em Angra na sua monografia orientada por Nilda Alves e tendo Luiz Carlos Manhães como parecerista.

No processo de sua escrita, tentei ajudar minha mãe, fosse lendo seus escritos para ela datilografar, nas noites que se encaminhavam para madrugadas em claro, tendo o som do teclado da máquina de escrever como trilha sonora ou simplesmente sentada ao seu lado,

tentando ficar quietinha para não atrapalhar seus estudos. Mas as vezes me dava um ciúme de sua atenção e roubava beijos, o que poderia produzir brigas e discussões.

Na figura de minha mãe, faço essa singela homenagem a todas as mulheres e suas inúmeras faces de lutas cotidianas. Como ter de carregar sua filha para estudar por ela ser muito inquieta

Figura 21: Calvin



Fonte:

http://cdn.supadupa.me/shop/43285/images/2211665/CALVINandHOBBS_Calvin_Dancing_original_grande.jpg

Por gostar de dançar, minha mãe sempre me levava para fazer participação em algum trabalho seu na faculdade ou animar as festas da escola onde ela trabalhava.

Uma noite, na faculdade esperando a hora da apresentação de um trabalho do grupo de minha mãe, para o professor Manhães [onde esse grupo apresentou o samba enredo *Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós*, da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, de 1989, com uma escola de samba do município de Angra dos Reis e eu fiz parte da comissão de frente], fiquei na sala e ouvi a aula de outro professor. Cheguei uma vez, a perguntar:

– Vocês não escrevem nada não? Só ficam conversando? E a prova como é que vocês fazem?

Minha mãe riu, me deu um abraço e respondeu:

– Então filha, você aprendeu algo?

Eu balancei a cabeça que sim. Ela continuou:

– Nós estamos estudando, para tentar entender esse processo de formação conversando, debatendo, lendo. Na sua escola como é?

Na escola pública, no primário, a gente ia e voltava a pé, todo mundo junto, conversando, professorxs, diretor, pais, mães e alunos. Eu adorava, e caminhávamos da

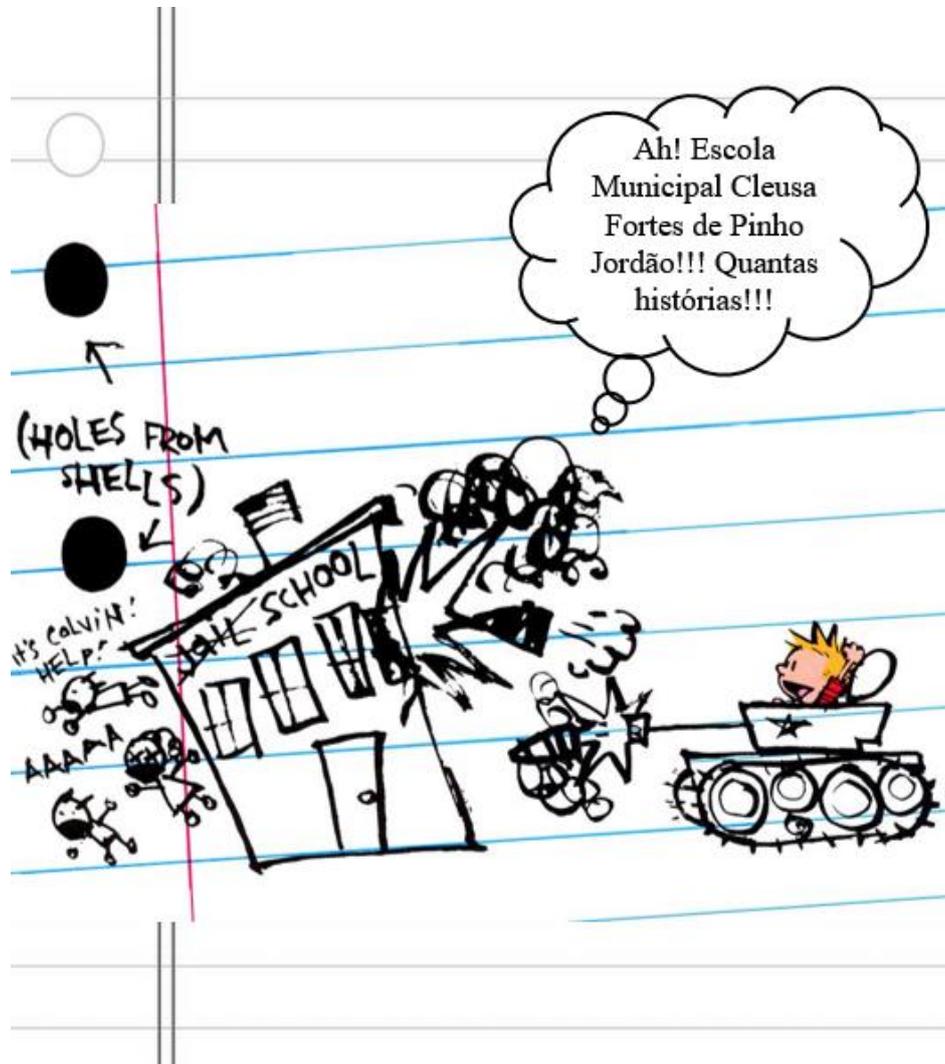
pista até a escola uns 20 minutos. A gente ia cantando, fofocando e tendo ideias. Quando encontro com minha professora, Fátima, até hoje, ao abraçá-la, lembro de tanta coisa, sua paciência, e como ela sempre arrumava um tempinho para nos ouvir.

Figura 22:



Figura 23:

Fonte:



<http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Calvin-e-Haroldo--94892/>

Figura 24

<input type="radio"/>	<p><i>Primeiro beijo, muitas paixões que pareciam não ter fim, emoções que duravam a eternidade do instante, como aproveitar o buraco no muro da escola para fugir, matar aula e estudar com a galera na praia. Professores mega especiais que brincavam, contavam histórias e faziam a gente viajar, mas puxavam também a nossa orelha quando vacilávamos.</i></p>
<input type="radio"/>	<p><i>Acho que muito da paciência que tenho com adolescente é porque me lembro bem a estudante terrível que fui. Inquieta e com a imaginação que conseguia transformar equação de 1º grau em dança, em desenho, gostava de olhar as formas que os números tinham, tantas coisas para pensar enquanto a professora explicava.</i></p>
<input type="radio"/>	<p><i>Despertava quando ela fazia a pergunta: "entenderam?" Eu, o quê? Como assim? Já explicou e eu não vi. Ficava com vergonha de tirar minhas dúvidas, copiava tudo no caderno</i></p>

Figura 25

<input type="radio"/>	<p><i>mesmo sem entender absolutamente nada.</i></p>
<input type="radio"/>	<p><i>Resultado: reprovação, apesar de ter notas boas em outras áreas de conhecimento.</i></p>
<input type="radio"/>	<p><i>Por conta disso, acabei criando um bloqueio forte, um estigma [Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular. (GOFFMAN, 1988, p. 41)] com matemática, ao modo como ela me foi ensinada/apresentada, não via lógica para entender ou aprender equações, gostava da visualidade da resolução, mas o fato de misturar letra com número ou como a letra se tornava número, era algo realmente abstrato, para meu repertório.</i></p>
<input type="radio"/>	<p><i>No ano seguinte, estudei com um professor com muita paciência, ia na minha mesa e me explicava todo o processo com muita calma em</i></p>

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 26

tom de voz baixo, sem me constranger. Antes da prova final, minha mãe foi à escola conversar com o professor se eu poderia ouvir música para fazer a prova, porque me concentrava melhor (até hoje sou assim, estudo, escrevo, ouvindo música). Ele hesitou um pouco, mas compreendeu. Para não constrangê-lo e não arrumar problemas, fiz a prova sem fone de ouvido, mas cantei mentalmente e dancei parada na minha mesa (faço isso também até hoje. Acho que me ajuda na concentração e controla um pouco a minha ansiedade.)

Pensando nessas experiências, desenvolvi uma paciência sem fim para ir de mesa em mesa e fazer conversas em pé de ouvido com xs* alunxs, e também para negociar com cada turma sobre os usos das músicas nas aulas [plató "O fim" página 54] e sempre pensar/lembrar

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 27

que uma turma tem muita gente diferente, alguns são amigxs e outrxs se declaram até inimigxs, e todxs têm de desenvolver a habilidade de conviver em um mesmo espaço.

Nas turmas em que estudei, circulava bem, de acordo com o meu humor para o dia, em quase todos os setores que estavam divididos pelos grupos de interesse de cada um. Uma vez, estava sentada com a galera da cozinha, conversando e copiando a matéria que a professora estava colocando no quadro, ela ficou irritada com o tititi e as risadas e mandou que eu passasse com minha mesa e cadeira para frente, me falando:

- Seu lugar é aqui Dona Wilza.

Sem pensar nas consequências, respondi:

- Não professora, meu lugar é no mundo.

- A senhorita anda muito abusadinha, vai para secretaria para pensar.

Contei a história na secretaria, a auxiliar da

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 28

direção riu, me deu um abraço e pediu para eu ter paciência com a professora, pois a mesma estava passando por problemas e aí fiquei ali esperando a aula terminar, ajudando a separar papéis na secretaria.

Era esse clima de conversa na escola municipal do Cleusa Fortes Pinho Jordão. As matérias que estudei, eu não lembro muito bem, mas as experiências que vivi, alguns professores, as festas da escola, disso eu lembro. E por isso penso o currículo como uma conversa complicada que envolve o que não dizemos, as pessoas que estão fora da sala de aula, nossas músicas que andam nas nossas cabeças,

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 29: Quino



Fonte: <https://wordsofleisure.com/2013/03/30/tirinha-do-dia-mafalda-e-as-coisas-verdadeiramente-importantes/>

Figura 30



Fonte: Hannah Tegan

Querendo fugir da vida dura do magistério, porque olhava minha mãe sempre trabalhando muito na escola e em casa, fiz ensino médio técnico em processamento de dados e logo comecei a trabalhar como estagiária na Caixa Econômica Federal, com atendimento ao público. Quando percebi, estava no setor de "posso ajudar" ensinando as pessoas a utilizarem as máquinas de auto atendimento. Ganhava muitos presentes das pessoas chamadas de "terceira idade", por minha paciência para explicar passo a passo o funcionamento das máquinas. Gostava da sensação de ver as pessoas independentes, autônomas.

Quando terminei o ensino médio, fiz vestibular e comecei a cursar administração de empresas, não gostei, migrei para faculdade de direito, não gostei também e logo tranquei minha matrícula.

Conversando sobre os meus cotidianos com um amigo do banco, ele sugeriu Arte, na UBM, já que eu não me adaptava aos outros cursos e ele julgava que tinha uma mente "muito pra frente" para cursar essas faculdades mais "normais".

Fiz um novo vestibular e mudei de curso mais uma vez, aceitei a sugestão e fui fazer Artes. Com a esperança de acertar, passei a acreditar que ficaria feliz com uma profissão que ajudasse os outros a descobrir/conhecer seu caminho, envolvida com o que eu acreditava ser a educação, auxiliar na conquista da independência do outro.

A minha faculdade no primeiro período, não se parecia muito com o que eu lembrava ou do que minha mãe contava ter vivido durante os anos que ela frequentou a UFF/Angra. Muitos trabalhos práticos e teóricos, muitos textos e poucas conversas. Lembro da frase da minha professora de literatura:

- Quem não tem competência, não se estabelece.

Passado o susto do primeiro período, os outros anos de faculdade foram ficando um pouco mais leves. As matérias de teatro e dança entraram na grade curricular, o medo de desenhar foi diminuindo [a professora com muito carinho foi retirando os traumas ocasionados pela minha busca de perfeição] as leituras passaram a fazer um ou alguns sentidos à medida que podia me dedicar mais aos estudos [todo período da faculdade foi de dupla jornada, trabalhar e estudar. Do segundo período em diante consegui transferência para cidade onde estudava, Barra Mansa]. A turma foi ficando mais unida, a saudade da família tornou-se adaptável e pude permitir que a paixão pela arte fosse acesa a cada aula, tecendo uma nova rede.

Figura 31



Fonte: Arquivo Pessoal

O Colégio Estadual Doutor Artur Vargas, popularmente conhecido como CEAV, localizado no município de Angra dos Reis que pertence ao estado do Rio de Janeiro,

foi um dos meus primeiros empregos. Recém-diplomada em Educação Artística e Artes Visuais, comecei a trabalhar nessa escola como contrato temporário. Quando o governo do estado do Rio abriu concurso para professores efetivos, fiz a minha inscrição e passei. Quando fui escolher a lotação/escola em que iria trabalhar, optei pela vaga onde já trabalhava como contratada. Nesse período, trabalhava também em mais três escolas particulares e com dois contratos temporários integrais na prefeitura de Angra. O que me deixava cansada, sem tempo para estudar para preparar as aulas. Um dia, percebi em uma aula ter e entender algumas atitudes que tanto critiquei na observação de outros professores na época em que estagiei.

Figura 32



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-](http://1.bp.blogspot.com/-B3aURLcXUxg/Tjddj_AybUI/AAAAAAAAAaE/GOIO2z4RAIk/s1600/DSC03060.JPG)

[B3aURLcXUxg/Tjddj_AybUI/AAAAAAAAAaE/GOIO2z4RAIk/s1600/DSC03060.JPG](http://1.bp.blogspot.com/-B3aURLcXUxg/Tjddj_AybUI/AAAAAAAAAaE/GOIO2z4RAIk/s1600/DSC03060.JPG)

No CEAV, conheci meu amor e companheiro, Americo. Trabalhamos juntos nesta escola, com as mesmas turmas, nos mesmos dias. Só que Americo tinha uma outra matrícula, como professor na rede municipal do Rio de Janeiro. Um dia, entre suas idas e vindas semanais, Rio/Angra, me convidou para ir até a cidade do Rio de Janeiro e conhecer alguns de seus amigos, entre eles Reinaldo, que um tempo depois ao saber que gostaria de retomar meus estudos, nos convidou eu e Americo para participar do Grupo de Pesquisa Linguagens Desenhadas e Educação, que se encontrava/reunia na

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Quando comecei a participar dos encontros no/com o grupo, tive a oportunidade de conhecer/encontrar pessoas maravilhosas.

Figura 33



Fonte: Arquivo Pessoal

Com as leituras e conversas realizadas no grupo de pesquisa pude retomar os estudos e reconhecer/conhecer/pensar, minha prática como professora.

Figura 34



Fonte: Arquivo Pessoal

Após muitas conversas no Grupo de Pesquisa **Linguagens desenhadas e educação** (LINGDES), conversando sobre os meus cotidianos, levei alguns diários visuais para conhecerem. Paulo (Sgarbi) me convidou/intimou a escrever/narrar sobre

os diários visuais. Particpei de alguns congressos com os diários que fui ganhando dxs alunxs e outros furtados delxs com promessas de retorno. Recebi muitos convites para participar de outros grupos de pesquisa, mas não tinha certeza se queria escrever/estudar sobre essa prática, dei muitas voltas ao meu redor, piruetas. Por alguns instantes, quando o cansaço me alcançava, desistia da academia com o pensamento abissal de achar que não era lugar para filha de uma professora de escola pública. Até a chegada de Thúlio ao grupo, centrado e observador, uma figura que não vinha da área de educação, sua área/campo de pesquisa era/é biblioteconomia e estava presente quando comentava um pouco sobre como o trabalho com os diários iam metamorfoseando os meus universos com o dxs alunxs.

Figura 35



Fonte: Arquivo Pessoal



Ele pediu para ver um diário e afirmou e reafirmou o que Paulo e os outros companheiros do grupo já falavam, tinha que escrever sobre o trabalho que desenvolvia. Expliquei que já tinha tentado sem êxito, e atribuí a meu fracasso a não ter uma linguagem/escrita acadêmica, técnica. Thúlio sorriu e falou que me ajudaria com “*as coisas técnicas*”. Mas para estudar com quem? *Há tantos caminhos, tantas portas. Mas, somente um tem coração* (SEIXAS, 1976).



Até uma outra amiga do grupo, Marlene, me avisar que o edital da UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro] para mestrado em educação estava aberto e achava que o clima da universidade era mais leve, com pessoas diferentes. No fim de semana li o edital todo, percebi uma outra proposta quanto ao programa, como não cobrar taxa de inscrição para participar do processo e havia vagas com cotas. Estudei professor por professor da lista com vagas no edital, comparava, analisava, e cheguei ao nome de Maria Luisa Sússekind. Quando cheguei ao encontro do grupo, na semana seguinte, fui correndo mostrar o papel da minha escolha para o Paulo, perguntando se ele a conhecia. André Brown ouviu o nome e, sem saber do que se tratava, falou : “– *É a Luli !!!* Paulo abriu um sorriso e completou:



– *Não tem outra pessoa.*



Todos do grupo sempre me ajudaram muito, em todo meu caminhar, cada um da sua forma, como o mar, onde cada um contribui para o ciclo, a onda ir e voltar. A todxs vocês meu muito obrigada! Nessas idas e vindas, conversas e

brigas, vamos nos tecendo e retecendo a conjunção e... e... e...

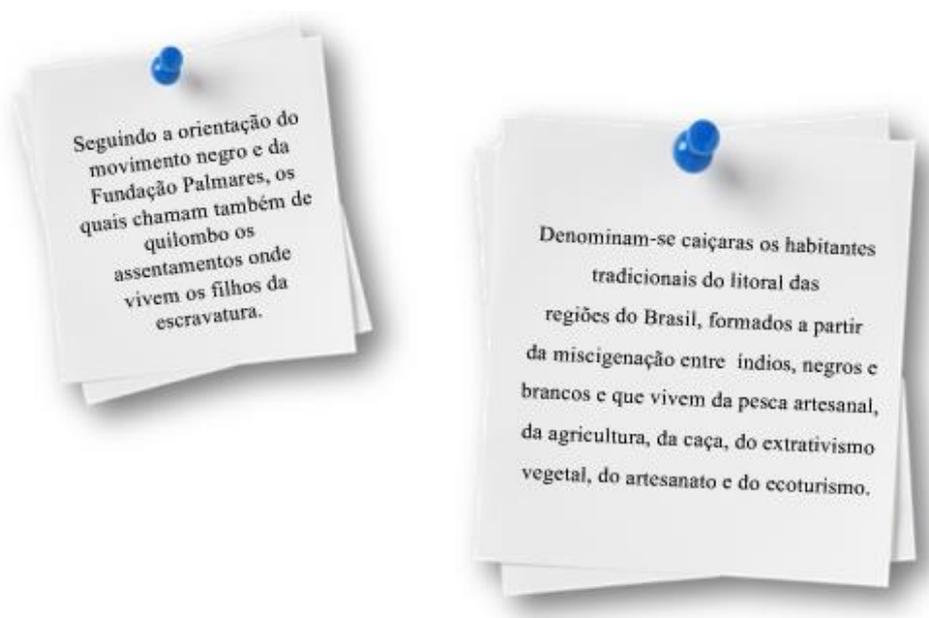
O colégio público estadual CEAV possui a complexidade cotidiana de uma escola que atende muitxs estudantes das diferentes comunidades existentes/resistentes em Angra dos Reis: quilombolas, caiçaras, roceiros, pessoas vindas de outros municípios, pessoas que moram em comunidades próximas à unidade escolar, bairros próximos e distantes do centro da cidade. Essa escola, para tentar atender a demanda, funciona em três turnos, com ensino fundamental II e ensino médio. O curso de formação de professores, nível médio, hoje ocorre em horário integral.

Figura 36: Armandinho



Fonte: <https://cantinholiterariososriosdobrasil.wordpress.com/2015/07/13/politicamente-correto-armandinho-tirinha-de-alexandre-beck/>

Figura 37



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao pensar nas diferenças existentes nos cotidianos encontrados nessa unidade escolar, com 2.300 alunxs e 175 professorxs [números informados pela gestão em 2016] e a necessidade de ter presente o *sentimento do mundo, para ir muito além do olhar que vê* (ALVES, 2008, p. 23), e perceber as múltiplas redes de relações que são tecidas nos diversos *espaçostempos* de existência/resistência por todxs os atores envolvidos nesta trama complexa que pode ser observada com o olhar para o caos ou universos em expansão.

Figura 38



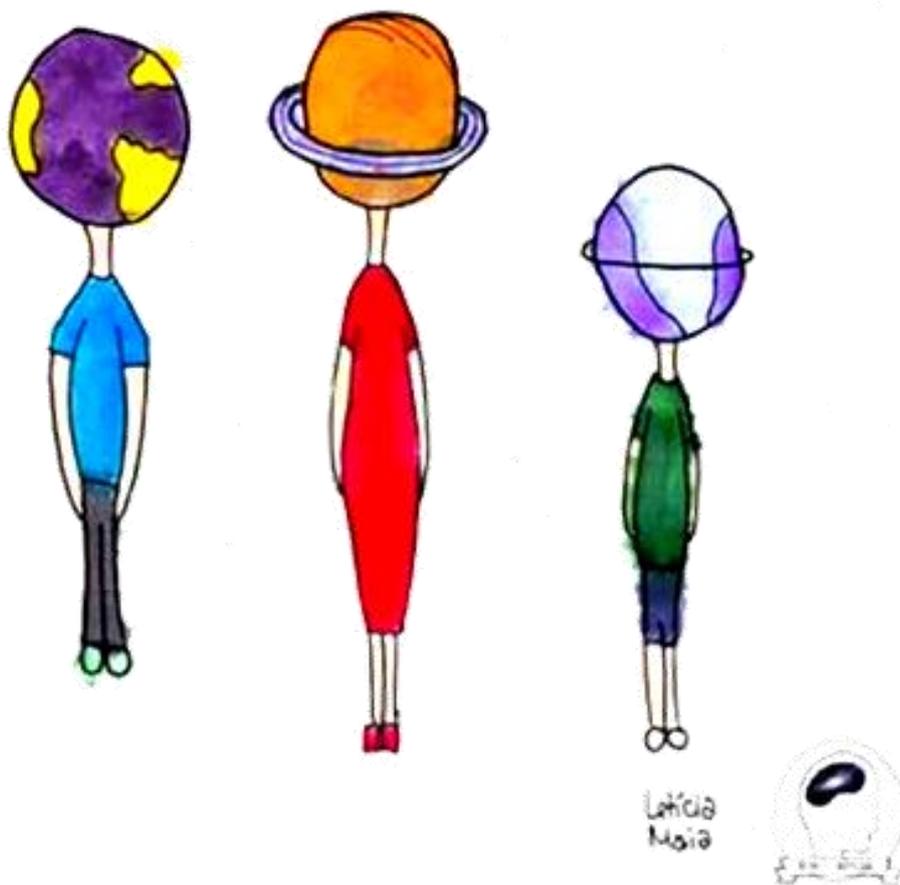
À primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável — cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; é necessária a binocularidade mental, uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se. (MORIN, 2005, 195)

Fonte: http://www.attacpv.org/web3/index.php?option=com_content&view=article&id=1154:reflexiones-de-edgar-morin-sobre-el-futuro-de-la-humanidad&catid=29:opinionsaltermundistesmenususent&Itemid=55

Ao observar o cotidiano escolar como um universo e refletir com Morin sobre as questões sobre ordem, desordem e complexidade, posso pensar os cotidianos presentes nessa unidade escolar como estrelas e planetas, realizando seu ciclo às vezes impecável, ou não. Dentro desse complexo universo, seres, diferenciados que buscam por algo em sua vida, convivendo com as ordens e desordens dos planetas, criam novos conhecimentos re/des/tecendo seus cotidianos.

Figura 39

CADA PESSOA É UM MUNDO.



Fonte: <http://www.frasesparaoface.com/cada-pessoa-e-um/>

Há a proibição, nesse espaço escolar, dos seres do planeta do ensino fundamental II circularem no mesmo horário dos seres do planeta ensino médio. Os seres/estudantes são separados nos intervalos ou são criados mundos/planetas diferenciados, para cada faixa etária permanecer no seu mundo/planeta, na tentativa de protegê-los, evitando possíveis conflitos pela diferenciação idade/série. Esses seres, presentes nesses universos/planetas, com o tempo seus corpos constroem questões e se manifestam cada um a sua forma.

O planeta/escola, em alguns casos, com a disciplina pode tentar fabricar corpos submissos e exercitados, corpos dóceis deste ser/corpo (FOUCAULT, 1995). Mas no deslocamento desse ser/corpo pelos diversos planetas, alguns vão tecendo redes, encontrando outros caminhos, táticas (CERTEAU, 2012) na tentativa de romper com as regras/ordens, estratégia (CERTEAU, 2012) de cada planeta. Dentro de suas táticas podem ser incluídos máscaras, acessórios, figurinos e ferramentas utilizados na construção/criação desse ser/corpo, nos universos dos cotidianos.

Figura 40

Nesse caminho, é inevitável atentar para como se dão as ações que reagem ou resistem à repetição disciplinada dos simulacros que colonizam a oficialidade escolar e afastam de seus interesses o que ameaça o ritmo do previsível. Central a essa força diversa e ameaçadora está a criação libertada, o corpo indisciplinado, o olhar inquieto e transgressor e a imagética perturbadora do mundo visual que envolve a todos e desordena o repertório visual selecionado para respaldar a ordenação e o controle escolar.

Fonte: (FILHO, 2013, p.3206)

Figura 41



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/15614831>

A investigação dessas táticas utilizadas por estes seres/corpos e modos juvenis, suas aceitaçãoes, rebeldias, sua produção ética e estética, sua forma de estar nesses universos dos cotidianos, bem como suas desconstruções que buscam metamorfosear universos, tecendo redes com outros fios dos cotidianos, me fazem tentar buscar recursos diferenciados todos os dias, *dançar na corda* (CERTEAU, 2012, p.136), tentar fornecer algo, um espaço, para tecermos conversas dentro/fora do espaço permitido ou programado.

Eram os dois últimos tempos do turno da manhã no CEAV, para uma turma do segundo ano de ensino médio. No estado do Rio de Janeiro, a área de conhecimento das

linguagens de arte só ocorrem no segundo ano, com dois tempos semanais. Tinham quinze alunxs presentes na sala, quando dei bom dia para xs presentes, dos quinze só umx respondeu, logo realizando a seguinte pergunta:

– Professora, a senhora é professora de Artes?

Figura 42



Fonte: <https://goo.gl/5CyGaK>

Balancei a cabeça que sim e mesmo antes de pensar em falar mais algo, alguém perguntou:

– E vai dá o que?

Outrx alunx no fundo da sala:

– A senhora dá desenho também?

Respirei fundo e respondi:

– O que vocês querem estudar em arte? O que é arte pra vocês?

Outrx respondeu:

– Sei lá professora, mas pelo amor de Deus, não passa desenho não. Pode ser?

Ao balançar a cabeça que podia ser, umx alunx levantou, pediu licença e foi em direção ao corredor. Parou na porta e gritou:

– Gente, pode vim, ela não dá desenho não.

Com isso, uns vinte alunos entraram na sala e começamos a conversar.

Fomos discutir o planejamento, queriam estudar fotografia. Marcamos para semana seguinte um tour fotográfico, por alguns pontos históricos que sobreviveram e podem ser encontrados no centro da cidade de Angra dos Reis. Combinamos tudo, lanche durante o passeio, o que levar, alguns muitos felizes com a previsão de saída da escola. Conversamos muito, até sobre os possíveis traumas [utilizaram essa palavra] com xs professorxs de arte.

Figura 43:



Fonte: <http://redesfazer.blogspot.com.br/>

Ao chegar em casa, na cidade do Rio de Janeiro, me deparei com minha filha/sobrinha, que estava fazendo faculdade de *Designer* de moda, cantarolando ao mexer em um caderno, muito bacana, visualmente falando, e lhe perguntei o que era e como funcionava. Tive uma aula de *sketchbook*, que, traduzindo, é um caderno de esboço, um instrumento de trabalho para anotar/desenhar pensamentos, sentimentos, enfim, tudo o que o seu dono desejar. Fiquei encantada!

Figura 44:



Fonte: Arquivo Pessoal

Logo lembrei dos meus alunxs e peguei emprestado o *sketchbook* para mostrar e fazer a proposta a todxs xs alunxs da turma. Naquele momento, pensei em um portfólio no caderno, onde pudessem se expressar da maneira que quisessem (fotografia, pintura, desenho, colagem) e tentar estender os dois tempos de aula semanais, porque seria uma forma de conversarmos, através/por/pelo caderno.

Figura 45



Fonte: Arquivo Pessoal

Antes de irmos ao passeio, apresentei o *sketchbook*, alguns ficaram curiosos, pediram para ver e fui salva por alguns alunxs que me perguntaram se poderiam fazer um também [tenho o costume de quando vou fazer a proposta não ir direto ao assunto, vou sempre margeando, com as possibilidades]. Falei que sim e combinamos de cada um se apresentar [na primeira página do diário/caderno, como se fosse um perfil do Facebook], na próxima aula, com a condição dxs alunxs, só me entregarem o caderno, não teriam que falar nada.

Na semana seguinte, fomos ver as fotos que todxs tiraram no passeio, aproveitei e expliquei os conteúdos de ângulo, perspectiva, luz, sombra, contando as lendas que cercam cada patrimônio, durante e depois do passeio.

Figura 46



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 47



Fonte: Arquivo Pessoal

Para minha feliz surpresa, uma parte da turma anotou todo o processo do passeio/aula, lendas, e nosso retorno no seu *sketchbook*, com fotos e capas já prontas. A outra parte dxs alunxs que não anotou nada, observaram os *sketchbooks* prontos, gostaram das ideias que apareceram e pediram para entregar tudo na outra semana. Os *sketchbook* prontos foram entregues, mas seus donos solicitaram a troca do nome, *sketchbook*. Brinquei, falei para usarem a criatividade e cada um apelidar seu caderno,

não aceitaram e preferiram chamar o *sketchbook* de caderno de artes. Segundo elxs, esse era um nome mais fácil.

Ao longo do ano, fomos nos conhecendo e burlando o currículo mínimo [platô “O fim”, página 66] com os interesses individuais, conversando pelo diário o conteúdo que elxs escolhiam estudar, que fui conhecendo com/pelo que demonstravam no caderno. No fim do ano, quando solicitei os cadernos para fazer uma exposição, como fazia com os portfólios, ninguém aceitou, nada de exposição, segundo elxs, o caderno, tinha se tornado algo pessoal, “*muito meu e não quero mostrar a ninguém*”.

Figura 48:



Fonte: Arquivo Pessoal

Mas como andava com os cadernos para corrigi-los/conhecê-los, uma professora pediu para ver, eu expliquei um pouco o percurso sobre *o caderno de artes* ela então me falou do filme *Escritores da Liberdade* seu título original “FreedomWriters”, com direção Richard LaGravenese, que estreou em 2007, me apaixonei por sua trama. Fiquei encantada e pensei no ano seguinte, unir as duas coisas.

Figura 49

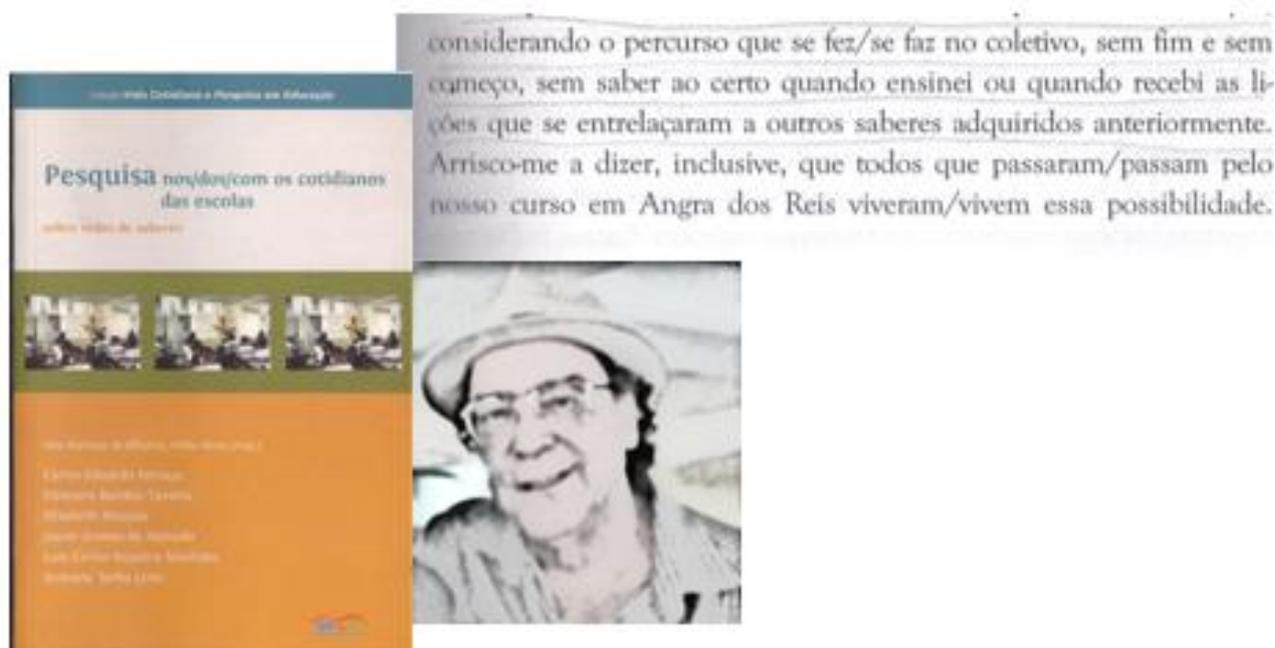


Fonte: <https://ensaioliterario1.wordpress.com/2016/10/15/os-escretores-da-liberdade-erin-gruwell/>

No ano seguinte, convidei outrxs professorxs de áreas de conhecimento variadas, como didática, psicologia, história da educação, que faziam parte da equipe do curso de formação de professores, para apreciação do filme, com várias turmas, propondo um debate posterior.

A observação do filme ocorreu no auditório da escola, acompanhado de um silêncio somado a um choro de um grupo de alunxs. Os temas abordados pelxs estudantes, foram machismo, violência escolar e nas comunidades presentes no cotidiano dxs estudantes, situações que não tínhamos cogitado a priori, mas ao pensar

Figura 50



Fonte: (MANHAES, 2008, p.79)

Na semana seguinte, levei para as turmas do curso normal, alguns *cadernos de artes* que tinha pego emprestado com xs alunxs do ano anterior [alguns ex alunxs me deram seus cadernos de presente (os tenho até hoje)].

Figura 51:



Fonte: Arquivo Pessoal

Xs alunxs do curso normal, ao receberem a proposta do *caderno de arte*, captaram a ideia do filme somada ao sketchbook e perguntaram como eu chamava esse projeto? Dos nomes que sugeriram, escolhemos *diário visual*. O diário era delxs, podiam escrever, desenhar, pintar, fazer o que quisessem. E, como a professora de Artes iria vê-los, colocaram o visual.

Esse é/foi o início dos diários e um pouco dos percursos que teçi da minha formação com as redes que envolvem meus caminhos que se atravessam cotidianamente.

Aqui acabacomeça capítulo/platô “O início” desta dissertação rizoma, que não se fecha e não termina. Se encaminha para outro platô “O fim”.

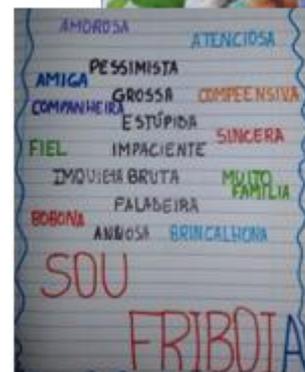
Em particular, me lembro de uma menina, ex aluna do ensino médio, a qual me emprestou seu caderno de artes duas vezes.

No intervalo, me procurou na sala dxs professorxs, entregando seu caderno com os olhos rasos d’água:

- Professora, fica pra senhora. Esse caderno foi muito importante pra mim e se ficar com a senhora pode vir a fazer mais cadernos importantes para outras pessoas.

Agradei e fiquei emocionada pela sua atitude.

Figura 52



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 53:

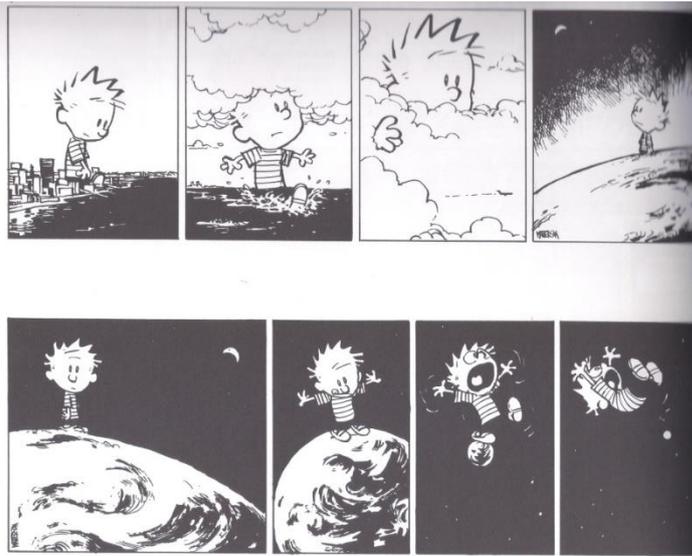


Fonte: Arquivo Pessoal

O fim

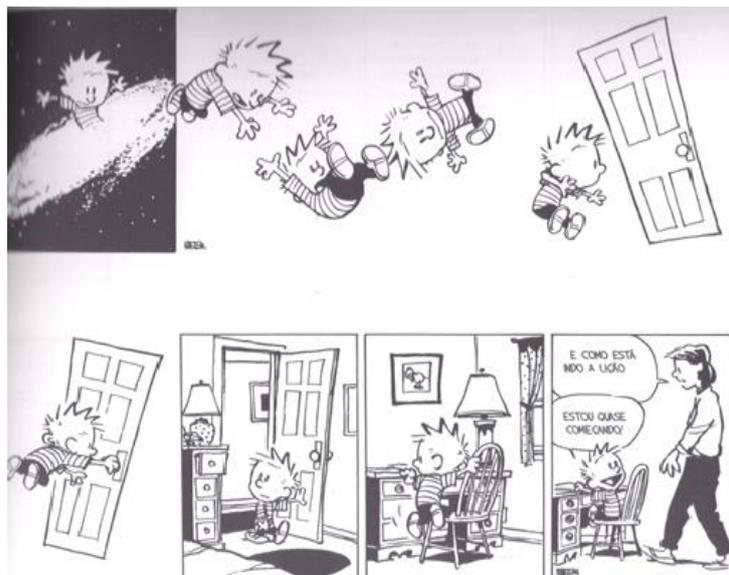
Eu sou

Figura 54



Fonte: Watterson, 2013, p.100

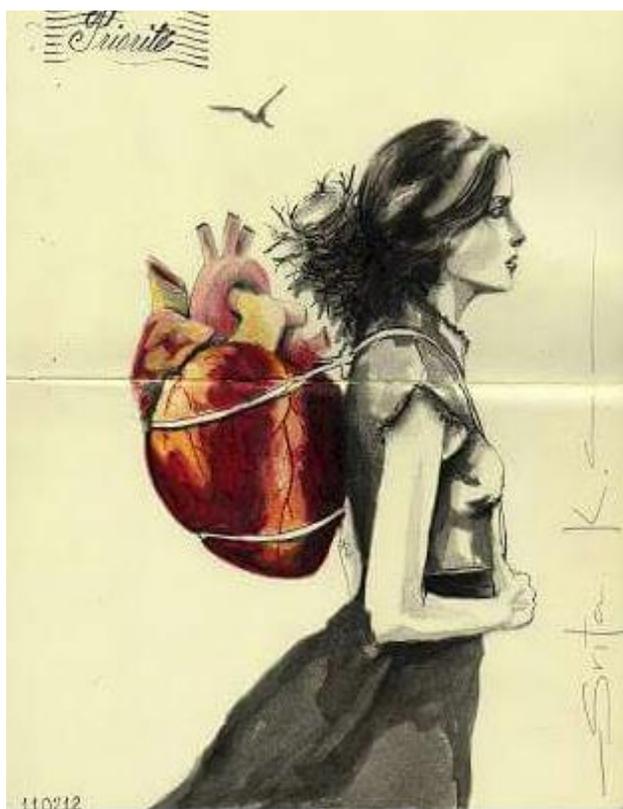
Figura 55: Watterson, 2013, p.101



Fonte: Watterson, 2013, p.101

Este capítulo, chamado de o fim, não representa ou apresenta necessariamente o fim ou os fins da pesquisa. Busca conversar/narrar os caminhos percorridos nodocom o mestrado em educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e concomitantemente trabalhar no curso de formação de professores, nível médio em uma escola estadual e no Jacarezinho com crianças do primeiro segmento do ensino fundamental como professora de Artes. Estudar no/com trabalho, pensar as observações e práticas de meus professores em minha prática. Estudar, ler diversos autores, com a disponibilidade da paixão para conhecer a fragilidade de si e do outro, na/com as experiências que acontecem e escapam, fluem em ações/passos no imprevisto do instante, a liberdade de hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação (ROLNIK, 2014, p. 19), metamorfoseando minha prática a cada aprendizado que se teceu dentrofora do mestrado ou da escola. Para dançar neste platô de aprendizados tecidos de muitas conversas complicadas, peço ajuda de Ana Vilela com seu trem bala.

Figura 56



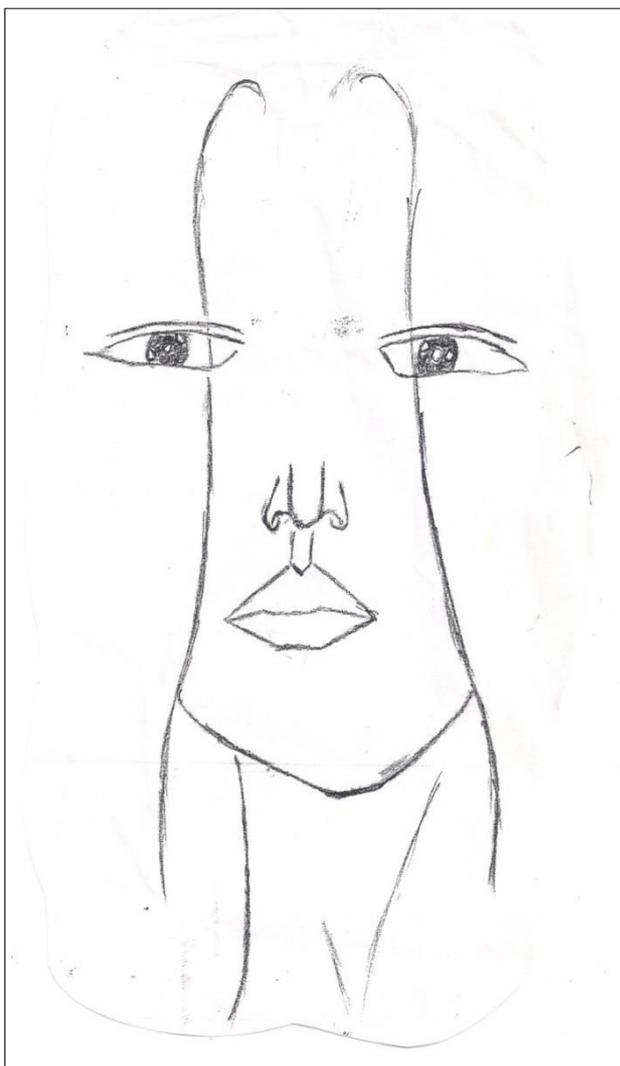
Fonte: Arquivo Pessoal

TREM BALA - ANA VILELA

Não é sobre ter
 Todas as pessoas do mundo pra si
 É sobre saber que em algum lugar
 Alguém zela por ti
 É sobre cantar e poder escutar
 Mais do que a própria voz
 É sobre dançar na chuva de vida
 Que cai sobre nós
 É saber se sentir infinito
 Num universo tão vasto e bonito
 É saber sonhar
 E, então, fazer valer a pena cada verso
 Daquele poema sobre acreditar
 Não é sobre chegar no topo do mundo
 É saber que venceu

É sobre escalar e sentir

Figura 57



Fonte: Arquivo Pessoal

Que o caminho te fortaleceu
 É sobre ser abrigo
 E também ter morada em outros
 corações
 E assim ter amigos contigo
 Em todas as situações
 A gente não pode ter tudo
 Qual seria a graça do mundo se fosse
 assim?
 Por isso, eu prefiro sorrisos
 E os presentes que a vida trouxe
 Pra perto de mim
 Não é sobre tudo que o Teu dinheiro
 É capaz de comprar
 E sim sobre cada momento
 Sorriso a se compartilhar

E por preferir sorrisos e presentes que a vida trouxe pra perto de mim, compartilho este retrato feito/criado por umx alunx, da educação de jovens e adultos, não posso citar seu nome, porque elx, não apareceu mais no CEAV (2008). Este presente ofertado foi uma forma de agradecimento (por permitir, no modo como essx mesmx alunx percebeu a situação) que conversasse com os outros jovens e adultos presentes, para terem cuidado e não se envolverem com “*paradas erradas da vida*”. Foi uma noite de muitos aprendizados, onde a turma foi se organizando por si para ouvir suas histórias, e o silêncio presente e constante no decorrer da sua fala. Alguns choraram. Eu, permaneci em silêncio, *nesse universo de outros saberes* (COUTO,2011, p.14) era eu analfabeta.

Minha homenagem e agradecimento a todxs xs jovens, por fazerem do meu cotidiano uma arte de *conversas complicadas* (PINAR, 2012), sem um início ou um fim previamente estabelecidos

Figura 58: Currículo como Conversa Complicada

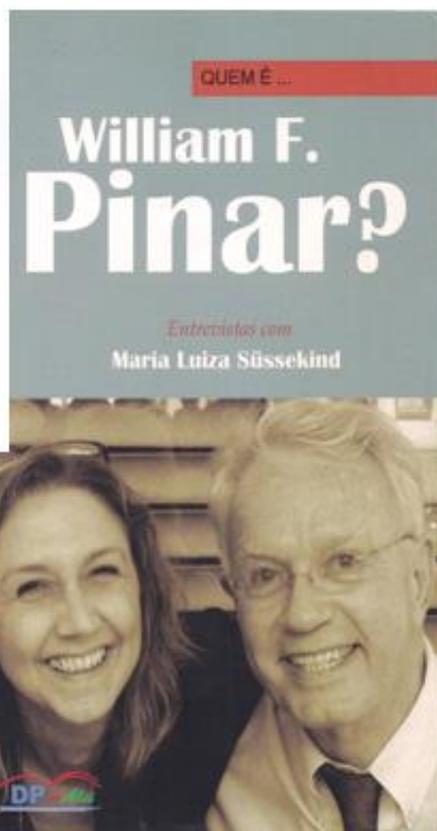
(Maria Luiza Sússekind) – *Por que o currículo é uma conversa complicada?*

(William F. Pinar) – Hum... Bom, é uma conversa porque as pessoas estão falando umas com as outras. E porque os professores falam não só com seus estudantes mas com seus próprios mentores, suas próprias experiências e com seus conteúdos, pois os conteúdos em si mesmos são conversas. Embora num livro didático as conversas possam ser apresentadas como séries de fatos, elas representam um tipo de tentativa de acordo sobre o que é a verdade, sobre isso ou aquilo. E, assim, as conversas são marcadas pelo seu tempo e possuem uma certa direção ou argumento e de certo modo as conversas movem-se em direção a isso.

E são conversas complicadas porque... pela falta de transparência ou autotransparência. É complicada pelo quanto os professores e estudantes são opacos para si mesmos e para os outros. Especialmente numa sala de aula com um certo número de estudantes, é como ter um lampejo, certo? Você não acha que o professor tenta ver tudo, que ele tenta perscrutar, ouvir os silêncios e ler nas entrelinhas? Que o professor, ao olhar de soslaio os olhos dos estudantes, tenta ver quem é quem? Bom, isso acontece de um modo que complica a conversa. Por exemplo, se você estiver aberto para a realidade da outra pessoa, você diz

as coisas de forma um pouco diferente e sem trair a princípio o que é que você quer dizer; por isso é, inevitavelmente, uma conversa complicada. Essa conversa também é complicada por ser informada, é claro, por aquilo que acontece e aconteceu fora da sala de aula, como nas famílias dos alunos.

A conversa é complicada porque acontece entre todos na sociedade.



Fonte: (SÚSSEKIND, 2014, p. 31-32)

Pensar os currículos, como conversas complicadas, foi uma das quebras de paradigmas que ocorreram durante o mestrado. Até essa desterritorialização, pensava

currículos como os sempre recebi, uma lista de conteúdos a cumprir durante o ano letivo.

Figura 59: Mafalda



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/376472850085020749/>

Figura 60: Protocolo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO) PROTÓCOLO DO CCH		129
Interessado:		
Assunto:	Mestrado em Educação	
Protocolo:	Flávia	Data: 09-10-14

Fonte: Arquivo Pessoal

O processo todo de entrar e estar no mestrado é de muitas aprendizagens. Posso utilizar duas palavras-chave: estudo e disciplina.

Passar exigiu muita disciplina de estudo para desenvolver o projeto e passar por todas as etapas. Acho que a entrevista foi a

pior de todas, lembro que estava tão encantada com a imagem da Luli (Süssekind) que não conseguia olhar pra ela, sem parecer palerma.

Só acreditei que tinha passado quando peguei o comprovante. Uma alegria! Mas o e-mail de boas-vindas que recebi da orientadora, ah, fiquei nervosa e ansiosa para minha primeira aula.

Figura 61: Comprovante de Matrícula

UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	
COMPROVANTE DE MATRÍCULA	
Confirmamos a presença e inscrição do candidato, cujo número de matrícula segue abaixo:	
Matrícula: 15107P6M14	Hedrique Lima Valente SIAPE 2161782 Assistente em Administração/UNIRIO
Rio de Janeiro, 02, 03, 15	

Fonte: Arquivo Pessoal

Nos passos dados com o processo de *desformação* (LONTRA), senti ideias, certezas serem quebradas, irem escapando da minha mão como areia na praia, a instabilidade era um sentimento presente com a turma de mestrado, e suas diferentes pesquisas me ofertaram a oportunidade de pensar uma mesma questão por diversos pontos de vista. Ou a cada encontro com o grupo de pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores com a leitura dos textos e discussões que seguiam.

Dentro do processo, minha orientadora me propunha sempre um novo mergulho. Seja em águas desconhecidas ou em águas que pensava em conhecer. Nesse passo aprendi a pensar que, como tudo muda o tempo todo, você desenvolve um novo olhar, “ninguém mergulha duas vezes no mesmo rio” (SGARBI, 2008, p. 17, parafraseando Heráclito).

Fiquei amplamente *desorientada*. Dialogar com minhas experiências, buscando os nós de formação com os diversos cotidianos que me tecem, provocou várias desterritorializações. Mas gostei da instabilidade e acabei por assumir toda minha *metamorfose ambulante* que Raul Seixas cantou, me permitindo ser o que, para Pinar, o professor é, *um artista, conversa complicada é seu meio* (SÜSSEKIND, 2014, p. 27) me trazendo a beleza da educação humana, revigorando meus sonhos.

Figura 62:



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/474777985694184560/>

Figura 63:



Mudanças. Estudar o cotidiano aparece, assim, como um eficiente, e mesmo necessário, meio para pensar a tessitura da emancipação social, aquele tipo de emancipação que não se restringe aos sujeitos individuais e à autonomia moral e intelectual individual, mas pretende ser um processo de transformação dos modos de interação entre os diferentes sujeitos, grupos, sistemas de pensamentos, de crenças e de valores, horizontalizando-os, contribuindo para a viabilização da igualdade na diferença, de relações sociais de solidariedade, de cooperação mútua.

Fonte: (OLIVEIRA, 2008, p.85)

De lutar por espaços onde possamos pensar a criação (*dizer algo, traduzir o que se vê, o que se sente, o que se pensa*) é, na realidade, metamorfose (LARROSA, 2015, p. 165), exercício que pratiquei/pratico com auxílio das pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* e a tessitura do conhecimento em rede.

Os meus estudos por terem se constituído no sistema de relações tecidos na horizontalidade e de cooperação mútua, trazem os meus relatos e de meus estudantes, *eis aí o primeiro papel do relato. Abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes* (CERTEAU, 1994, p. 210, 211) e por serem arriscadas se fez/faz necessário pensar e ter

Figura 64:

o meu discurso. Quero ter alguns cuidados. Cuidado, por exemplo, de perceber as recorrências sem transformá-las em generalizações; cuidado de não transformar o meu sistema de crenças e valores em verdades *a priori*; cuidado de não confundir rigor com rigidez; cuidado de não relaxar o



Fonte: (SGARBI, 2008, p.19)

E por conta desses cuidados, o relato de algumas práticas com os diários não será desenvolvido ou tomado como representativo ou modelo. Mas como uma situação dos cotidianos envolvidos na tecedura dos mesmos, que *pretendem narrar práticas comuns*. (CERTEAU, 1994, p.35).

E, a cada ano, a cada turma, em cada alunx, o diário nasce e é pensado de forma diferente, cada um com sua subjetividade, lembrando e trabalhando com Santos, que

Figura 65: Boaventura de Sousa Santos

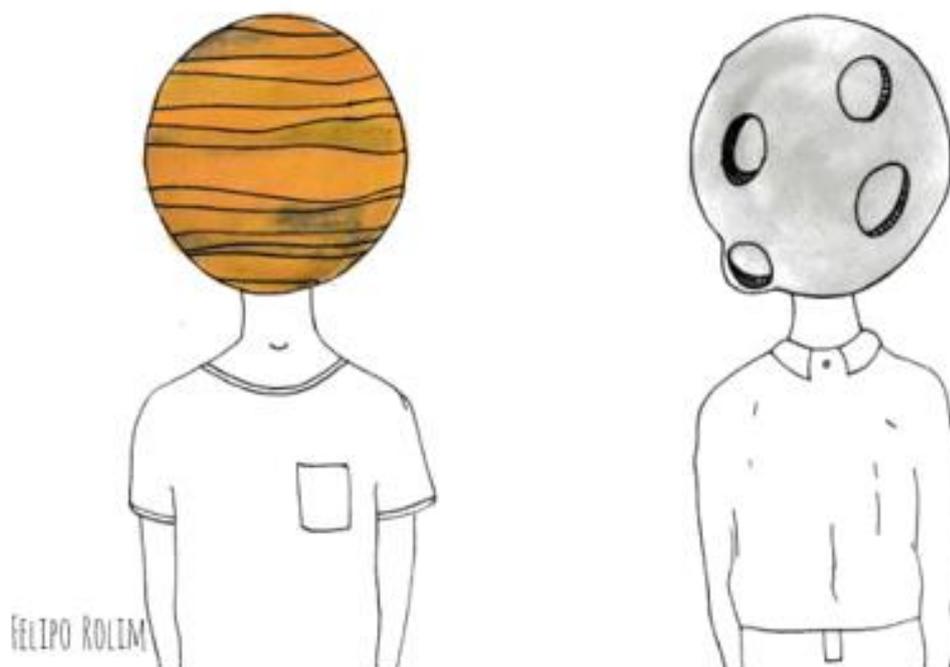


temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. Temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza. As pessoas querem ser iguais, mas querem respeitadas suas diferenças. Ou seja, querem participar, mas querem também que suas diferenças sejam reconhecidas e respeitadas.
(SANTOS, 2003, p. 458)

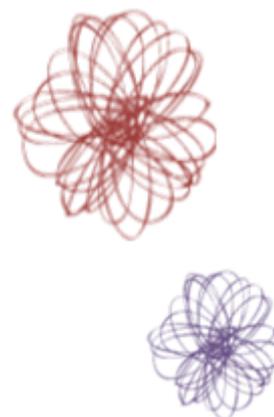
Fonte: (SANTOS, 2003, p.458)

Figura 66:

RESPEITE A DIVERSIDADE.
SOMOS DIFERENTES CORPOS
CELESTES.

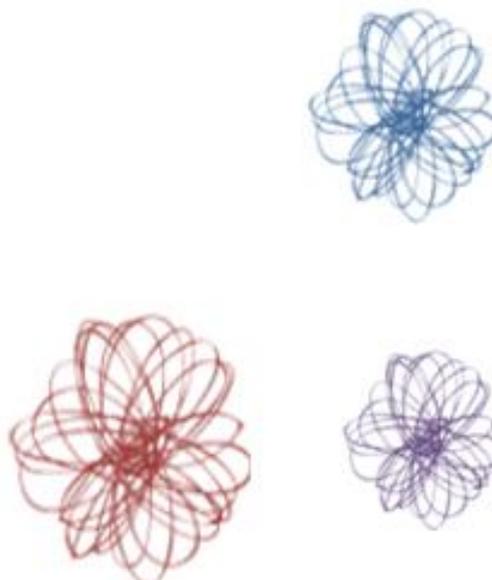


Fonte: SEJA – FELIPO ROLIM - <https://www.facebook.com/feliporolim/photos/pb.648696555245564.-2207520000.1458573837./717712468343972/?type=3&theater>



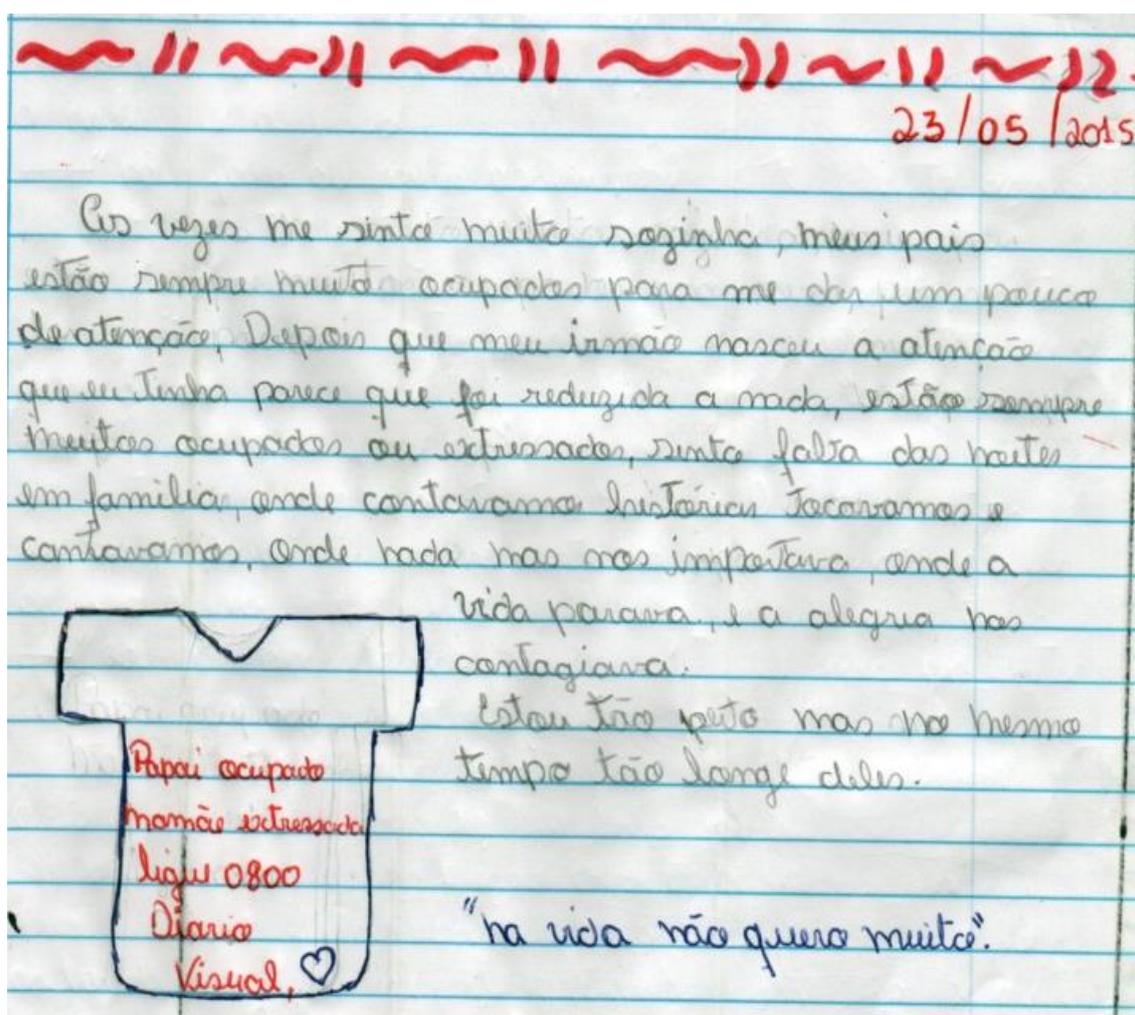
Todas as imagens são de arquivo pessoal, organizadas e recolhidas no decorrer do ano de 2015.

Nestes momentos faço a opção por preservar o nome dxs alunxs trazendo suas narrativas com seus apelidos que foram constituídos ao longo dos encontros.



A constituição do diário visual por cada estudante, do seu modo, me ajuda a pensar na beleza das diferenças existentes no universo escolar e como esse lidar com as diferenças oferta riquezas na construção de si com x outrx. Há alunxs que utilizam o diário visual como um diário pessoal, como Lari

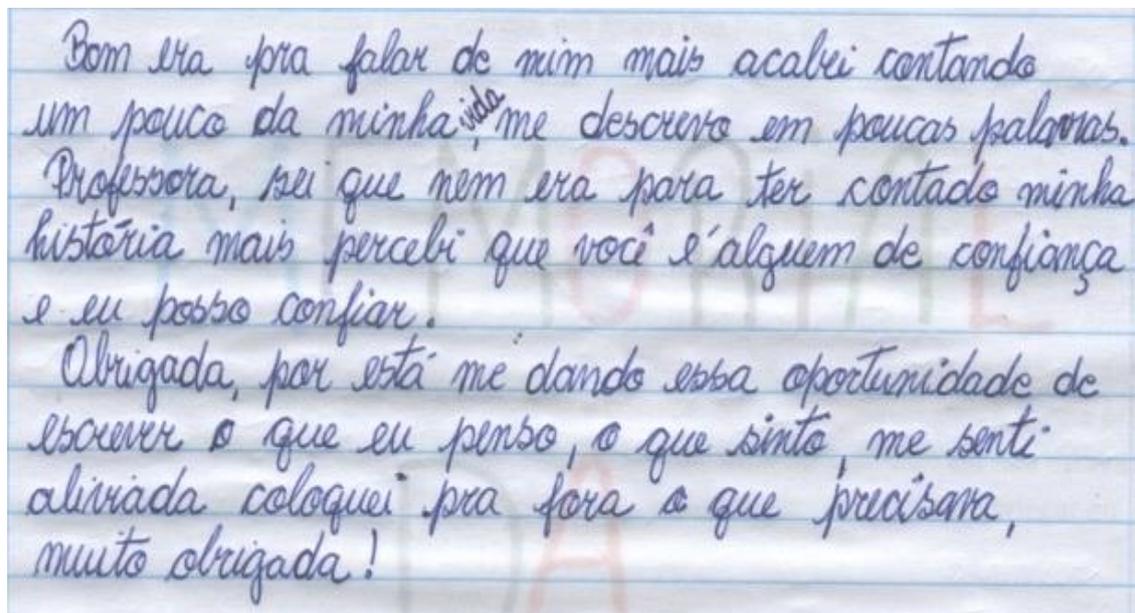
Figura 67:



Fonte: Arquivo Pessoal

Outrxs inserem bilhetes, conversas como Fani

Figura 68

A photograph of a handwritten note on lined paper. The text is written in blue ink and is organized into three paragraphs. The first paragraph describes the writer's initial intention and how they were described. The second paragraph expresses the writer's realization of trust. The third paragraph is a thank-you note for the opportunity to write.

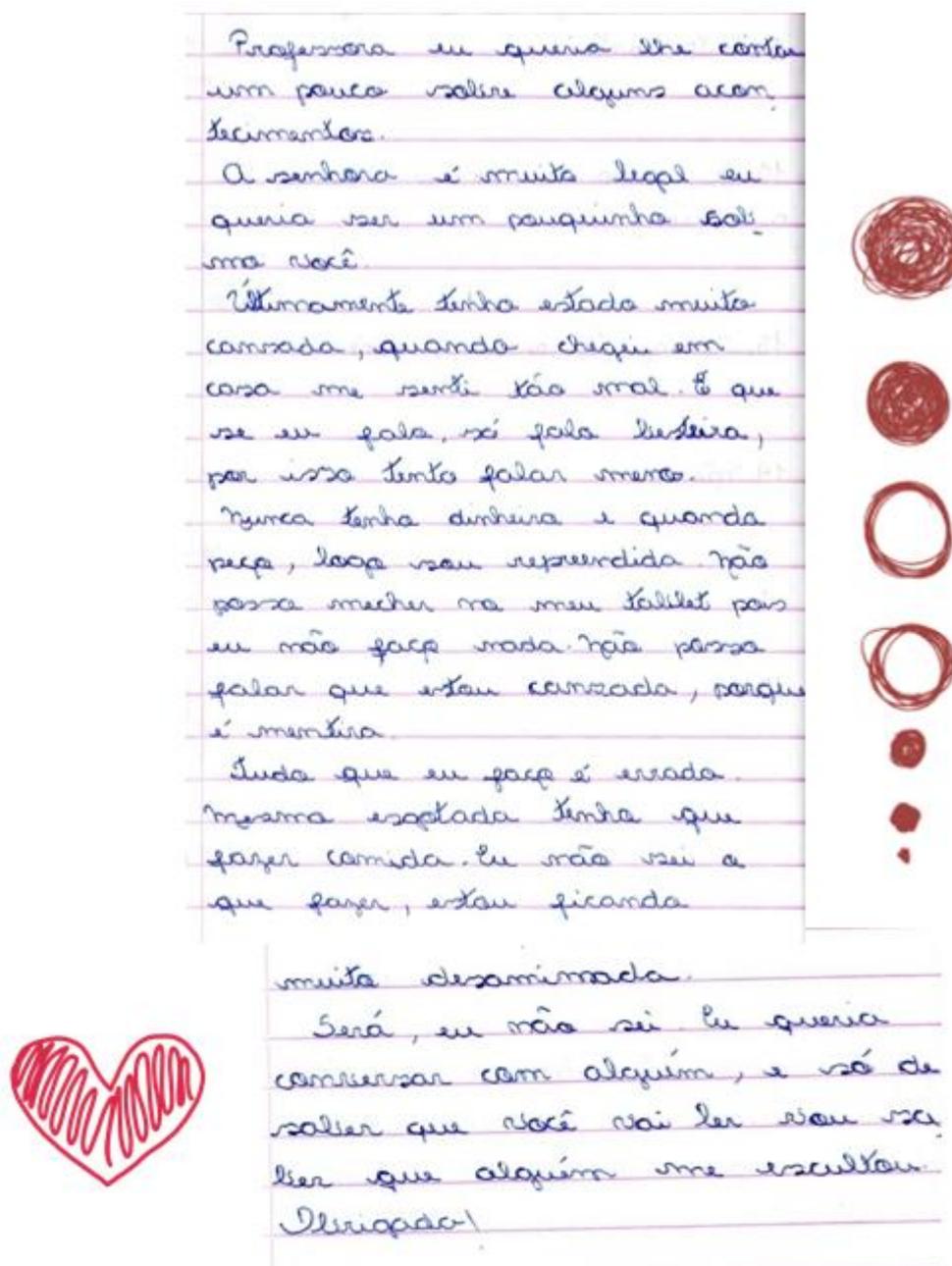
Bom dia pra falar de mim mais acabei contando um pouco da minha ^{vida} me descrito em poucas palavras. Professora, sei que nem era para ter contado minha história mais percebi que você é alguém de confiança e eu posso confiar.

Obrigada, por está me dando essa oportunidade de escrever o que eu penso, o que sinto, me senti aliviada coloquei pra fora o que precisava, muito obrigada!

Fonte: Arquivo Pessoal

E desabafos, como Chay

Figura 69:



Professora eu queria lhe contar um pouco sobre alguns acontecimentos.

A senhora é muito legal eu queria ver um pouquinho só, mas não.

Ultimamente tenho estado muito cansada, quando chego em casa me sinto tão mal. É que se eu falo, só falo besteira, por isso tento falar pouco.

Nunca tenho dinheiro e quando peço, logo sou repreendida não posso mexer no meu salário pois eu não faço nada. Não posso falar que estou cansada, porque é mentira.

Só sei que eu faço é errada. Minha esplotada tem que fazer comida. Eu não sei o que fazer, estou ficando

muito desanimada.

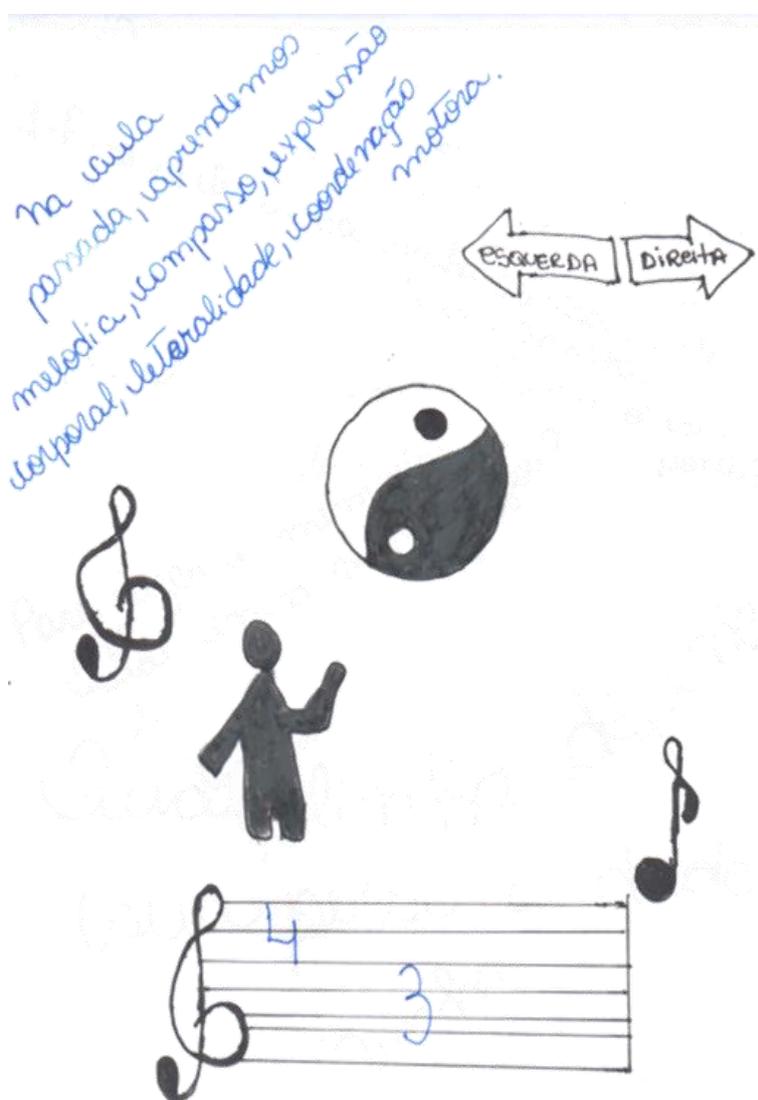
Será, eu não sei se queria conversar com alguém, e só de saber que não vai ler não sei ler que alguém me escutou. Obrigada!

Fonte: Arquivo Pessoal

Com agradecimentos por ouvir seus pensamentos, naquele instante. A figura da professora permanece, mas se afasta dos julgamentos ou da correção/busca da escrita dita “correta”.

Outrxs estudantes mantêm como um diário visual, colocando o conteúdo, registrando a aula ou encontro de sua forma, como Lê. Inicialmente a ideia era unir a técnica do portfólio com as conversas que teria com cada alunx. Com a apropriação que alguns estudantes tiveram do diário visual, fui/vou aprendendo a trabalhar na/com a *pedagogia da embolada* que trago de MANHÃES (2008, p. 90), que me provocou a chamar de encontro, o que, antes, era denominado de aula. Fiz a troca das palavras no improviso de uma apresentação para a turma [aula inaugural], quando eu falava sobre a sedução das palavras na educação.

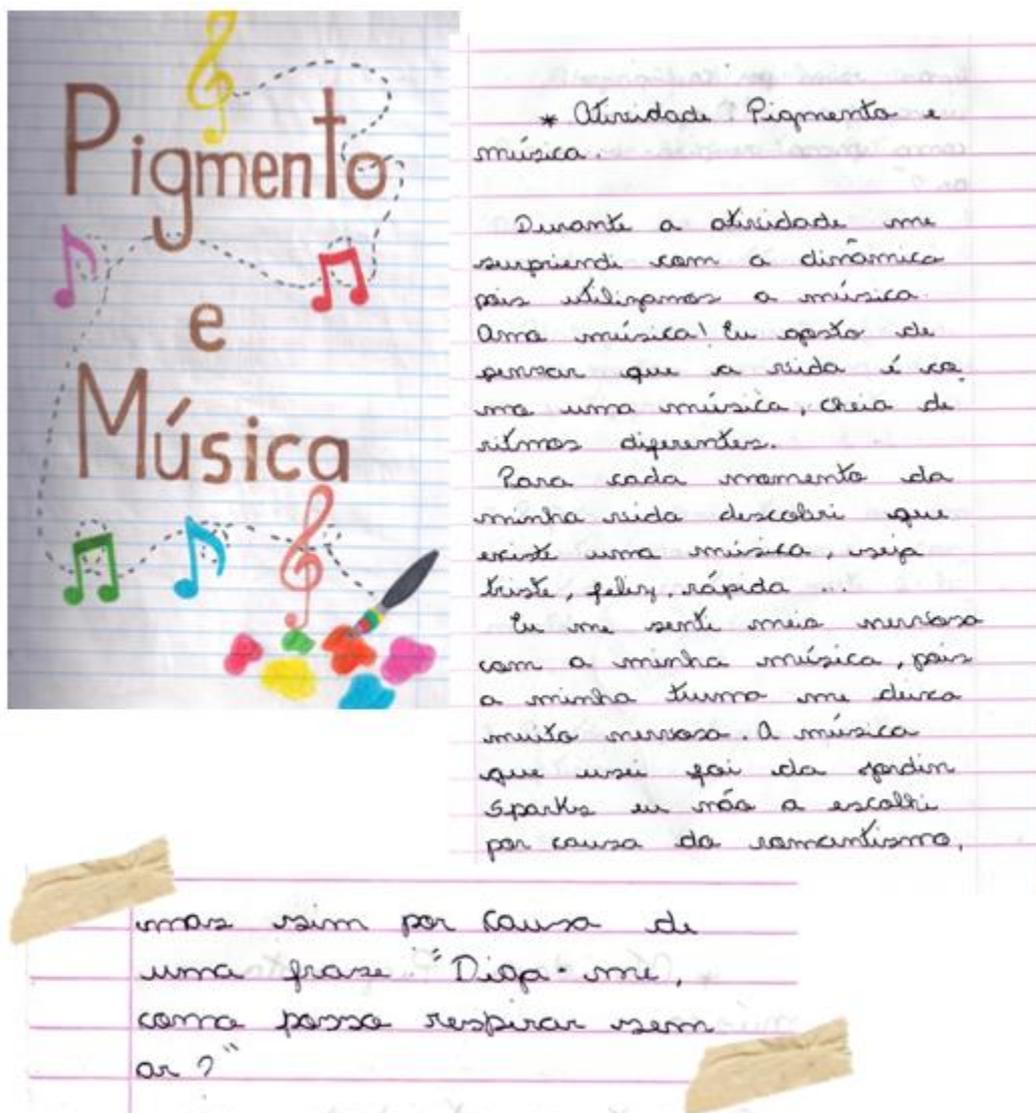
Figura 70



Fonte: Arquivo Pessoal

Essa sedução com as palavras pode acontecer em outras situações, quando os alunos nomeiam e narram cada aula/encontro, atividade realizada do seu modo. Como fizeram nessa aula/encontro que chamo de *conversas silenciadas* e eles preferiram registrar/chamar de pigmento e música, como Brigaderão e Chay.

Figura 71



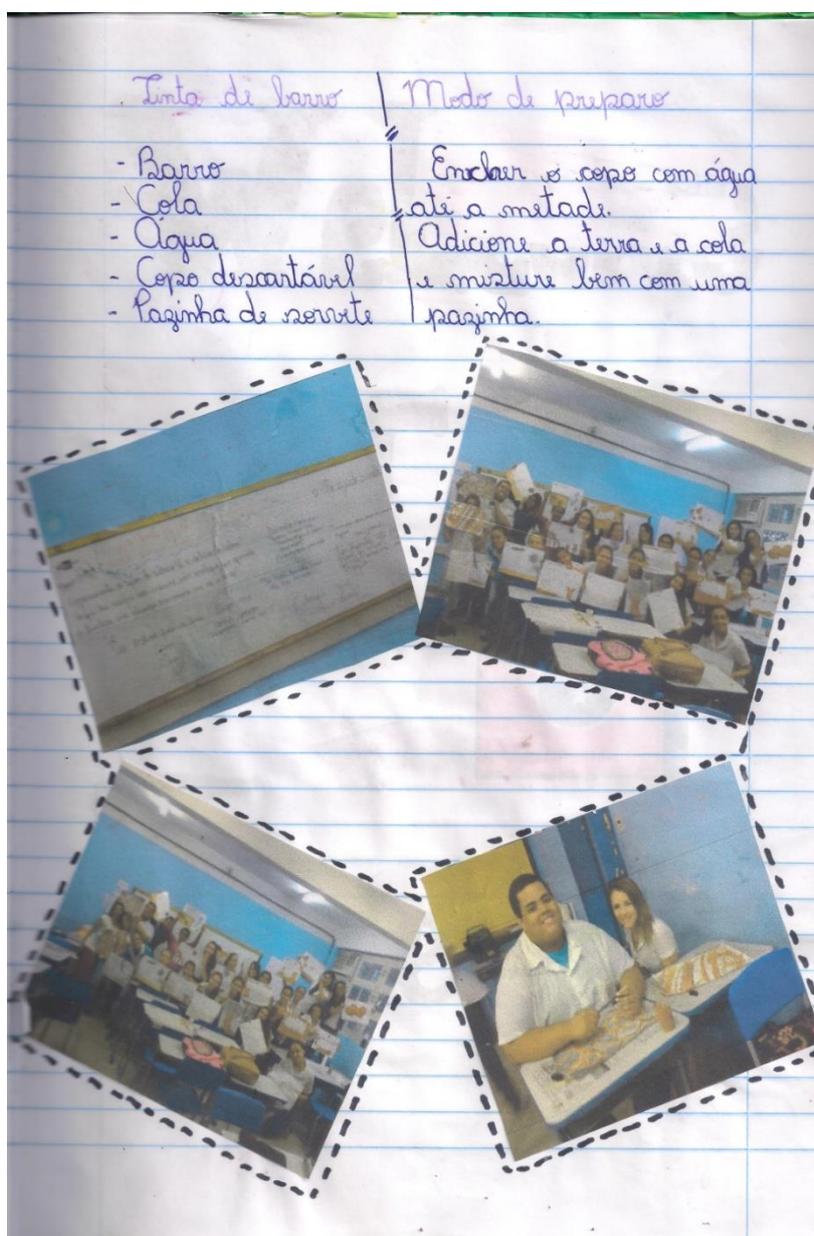
Fonte: Arquivo Pessoal

Nessa aula/encontro os alunos são convidados à experimentação da expressão com seu corpo e seus gestos buscando evitar a comunicação pela fala. Cada aluno traz sua música e pode colocar o trecho que preferir da letra no quadro, como uma oferta de

presente para xs demais pessoas da turma. Dependendo da música que toque, alguns param de desenhar ou pintar para dançar ou dublar a música.

Quando criei/pensei, nessa aula/encontro, gostaria que xs alunxs pensassem outras possibilidades de tintas, expressão corporal e gestos que são apresentados por/para cada alunx. Na tentativa de promover as diferenças compartilhando um pouco do seu mundo individual com os demais alunxs da turma, no improviso do instante de cada música que irá tocar.

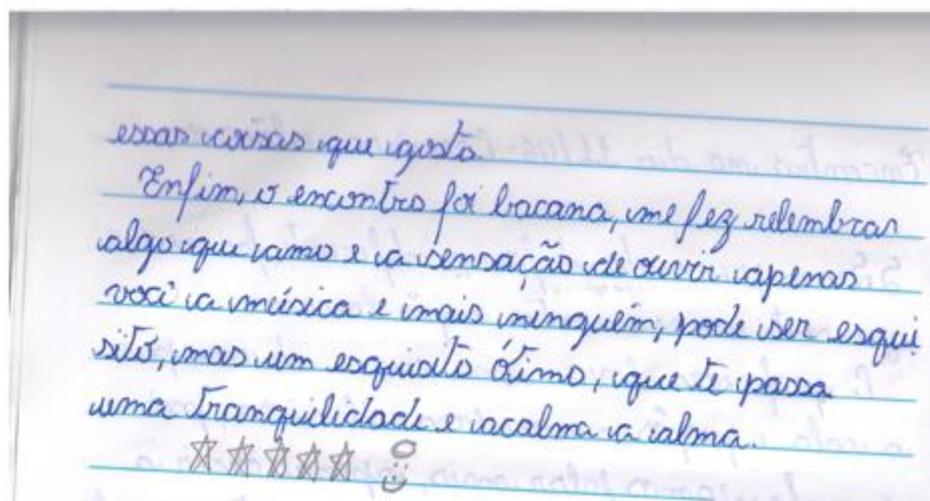
Figura 72



Fonte: Arquivo Pessoal

E a cada relato/narrativa desta aula/conversa/encontro no diário visual posso perceber múltiplos significados para além da minha proposta inicial e quanto é enriquecedor para minha formação essa troca/conversa

Figura 73



A avaliação de cada aula/encontro, da minha prática como professora é desenvolvida por elxs, no diário visual.

Figura 74

Angra dos Reis, 11 de junho de 2015

Antes!

A aula hoje foi as pinturas de barro, eu tirei que falar pois foi o dia da minha aula prática.

E tá bom eu admito que fiquei com "dores de cotovelo" de cotoxelo!

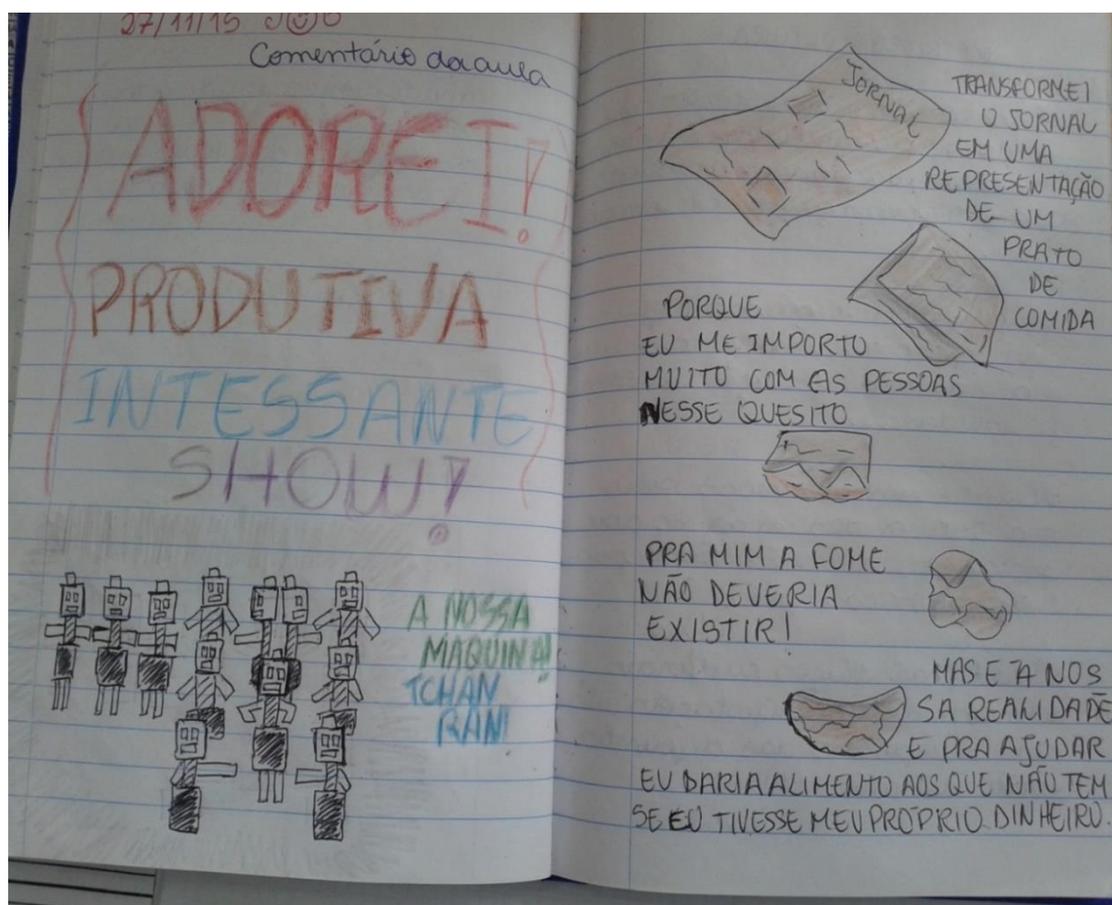
Pronto! :c RS, RS.

Pigmento & Cores

De longe, a melhor aula do bimestre! A experiência de calarmos e realizar atividades com músicas que gostamos é maravilhosa. Tenho esse hábito em casa, seja para meditar ou fazer qualquer outra coisa. A parte de desenhar com terra e carvão foi totalmente nova e agradável, pois, de certa forma, tirou a ideia de tintas artificiais e prontas. Amei e quero mais aulas como esta! ♡

Cada alunx desenvolve seu modo de fazer, sua narrativa/relato avaliativo. A criatividade é algo marcante nas narrativas visuais, confesso que me emociono a cada leitura. É como um novo mergulho no mundo de cada estudante ou naquele espaço tecido/pensado por elx.

Figura 75



Fonte: Arquivo Pessoal

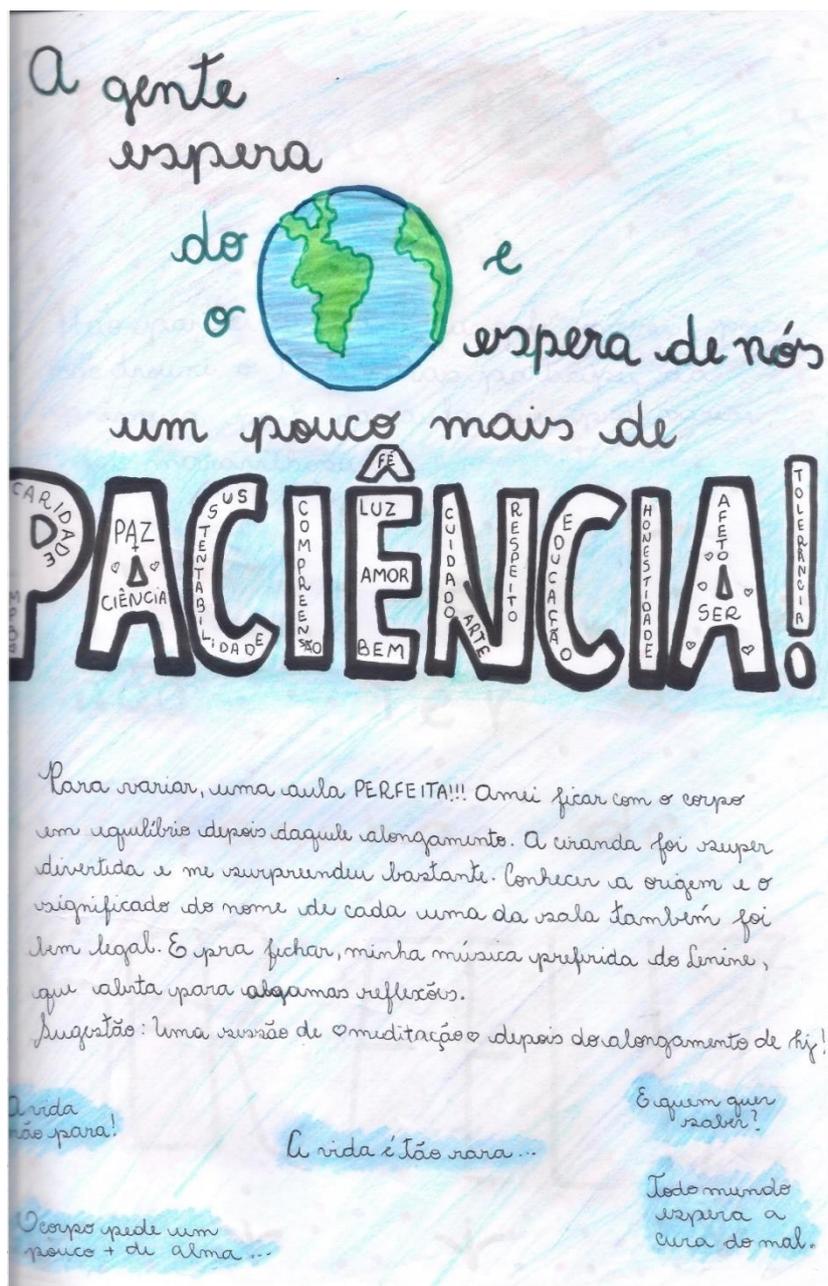
O capricho e o zelo que cada estudante possui com seu diário visual e com seu trabalho vão para além das palavras e fotos que venho trazendo ao longo da dissertação. *Vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável.* (COUTO, 2011, p. 15).

Durante as conversas individuais que são tecidas na entrega do diário visual, perceber o brilho nos olhos de alguns estudantes orgulhosos de si e de seu trabalho, de

terem avançado na sua produção ao longo do ano enriquece esse processo de aprendizagemensinoaprendizagem.

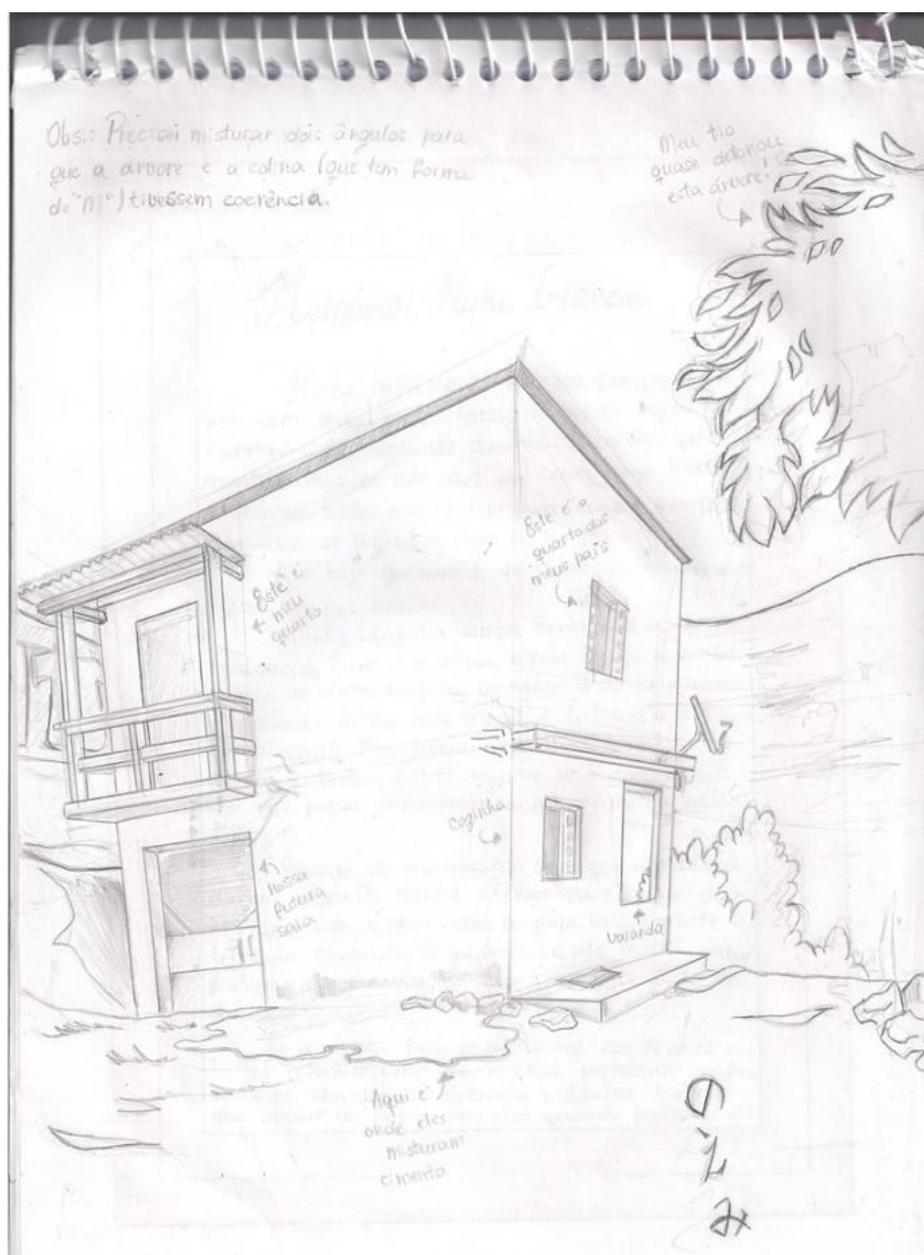
- Prof! Olha só esse! Eu arrasei né! Caraca, quando terminei nem acreditei que tinha sido eu que fiz...

Figura 76



O diário visual é uma criação cotidiana, de cada alunx, e que me leva a pensar com SANTOS sobre o exercício de fazer/tecer o diário e todas as redes de subjetividades envolvidas nesse processo, que o caracterizam como uma potência, *transformando objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformando as ausências em presenças* (SANTOS, 2004, p.786), aprendendo a trabalhar nas/com as diferenças.

Figura 77

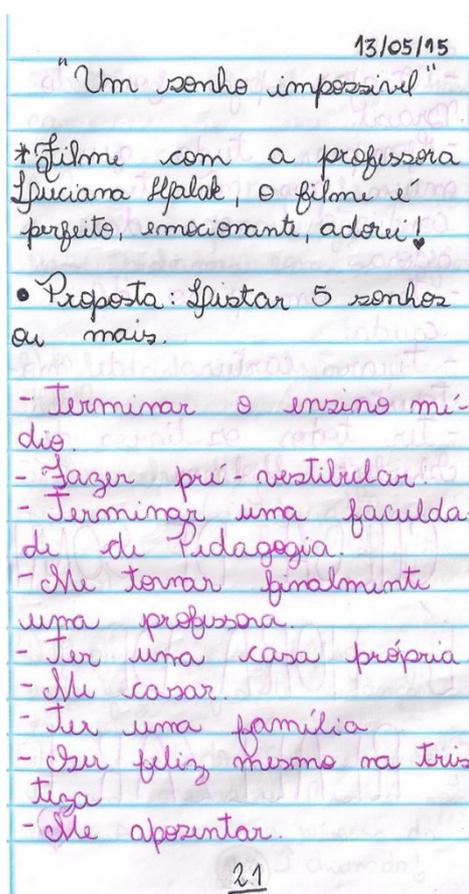


Fonte: Arquivo Pessoal

A cada diário visual, vou podendo entender como o *cotidiano me tece...Sou tecido por ele, além de tecê-lo* (SGARBI, 2008, p.17), pelas narrativas/relatos das vidas dxs alunxs, incluindo as suas relações/aprendizados com outras disciplinas.

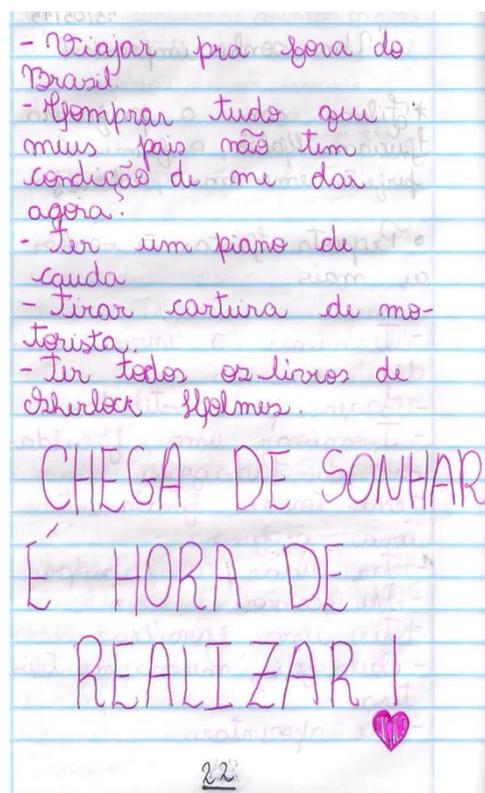
Essas apropriações por parte dxs alunxs, no/com os diários visuais me possibilita a tentativa de aprender a trabalhar com a *ecologia dos saberes* (SANTOS, 2004, p. 790). Pensar a *indissociabilidade entre os fatores intervenientes na criação de conhecimentos* (OLIVEIRA, 2008, p. 74). E como se torna relevante refletir sobre essa *nova forma de se conhecer os modos de conhecer: a de que todo conhecimento é coletivamente tecido* (OLIVEIRA, 2008, p. 75).

Figura 78



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 79



Fonte: Arquivo Pessoal

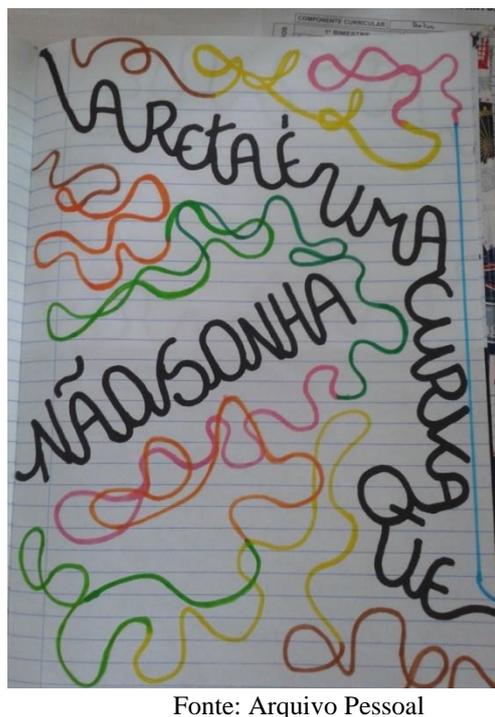
A *ecologia dos saberes* pode ocorrer também durante as aulas/encontros, onde as dúvidas em outras disciplinas *abrem buracos* (SÜSSEKIND, 2014, p. 38) no *nosso** planejamento, provocando conversas que invadem também os diários visuais com suas narrativas gráficas, cada um ao seu modo.

Figura 81



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 80

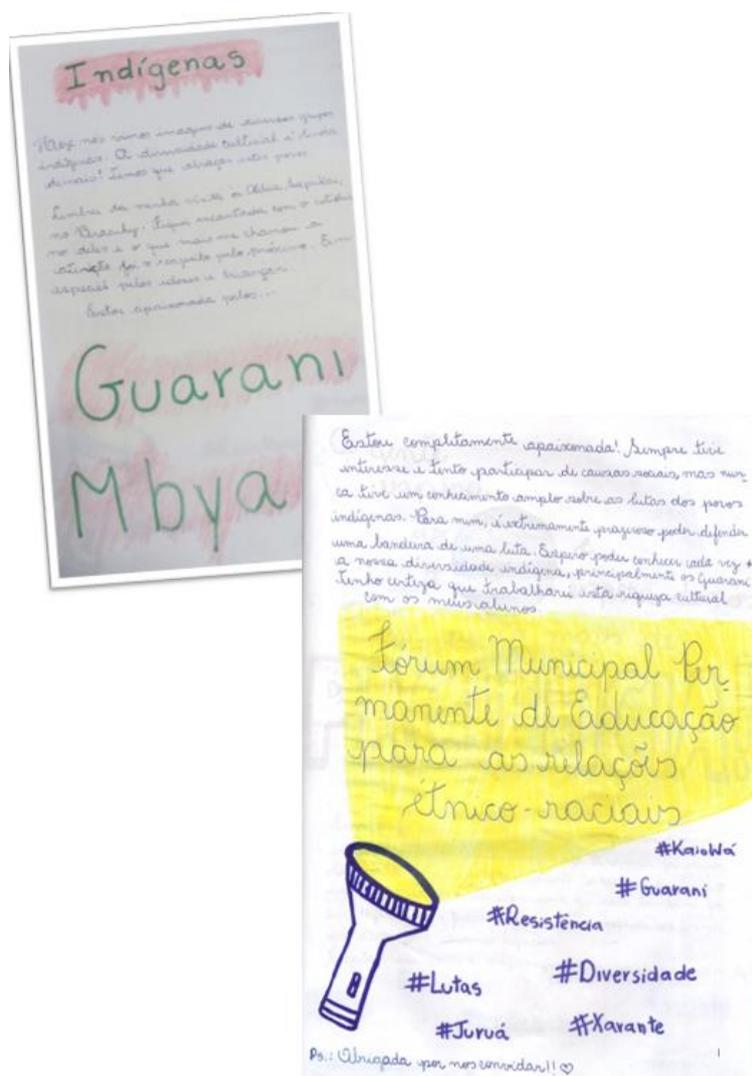


Fonte: Arquivo Pessoal

Digo/escrevo *nosso**, porque o planejamento das aulas/encontros é decidido coletivamente com a turma [sobre/com o planejamento narro com mais detalhes na página 64, neste mesmo platô].

E, a cada passo, a cada página, a cada avaliação/relato realizado pelxs alunxs das aulas/encontros posso pensar nas diversas possibilidades cotidianas de tentar desinvisibilizar algumas *práticas sociais do seu estatuto de resíduo (...)* para se tornar *uma outra forma de viver a contemporaneidade* (SANTOS, 2004, p. 791). Como esse relato de Nanda, ao conhecer/reconhecer os modos de vida Guaranis Mbya's. Em que pude perceber/tecer/relacionar o relato/conversa com a *ecologia das temporalidades* de SANTOS, 2004, p. 791.

Figura 82



Fonte: Arquivo Pessoal

O simples ato de abrir o currículo mínimo (desobedecendo ao projeto curricular governamental e hegemônico) e negociar o planejamento do que estudar a cada bimestre com xs alunxs, na tentativa de ampliar *a diversidade das práticas sociais ao oferecer alternativas ao globalismo localizado*, pode soar como a *ecologia das transescalas*. A ideia é pensar juntxs as questões dos currículos, *a fim de identificar o que nele não foi integrado na globalização hegemônica* (SANTOS, 2004, p. 792).

Figura 83

Encontro no dia 10/09 - Planejamento 3º Bimestre

Esse encontro ficamos na sala mesmo, a prof organizou a sala em uma roda com as cadeiras e iniciou o encontro fazendo exercícios com a gente sentada, foi bem interessante, pois decidi que posso fazer exercícios apenas com a cadeira *-*.

Depois a prof entregou três folhas com os objetivos do currículo mínimo, onde juntas analisamos de maneira dinâmica e discutimos os que nós já vivenciamos e os que pensamos ser importante vivenciar.

Esse momento foi muito importante e novo, pois a prof trouxe para a turma algo que "tecnicamente" deveria ser apenas para ela, mas ela trouxe, decidimos juntas e isso criou um significado muito maior para a turma *-*

Fonte: Arquivo Pessoal

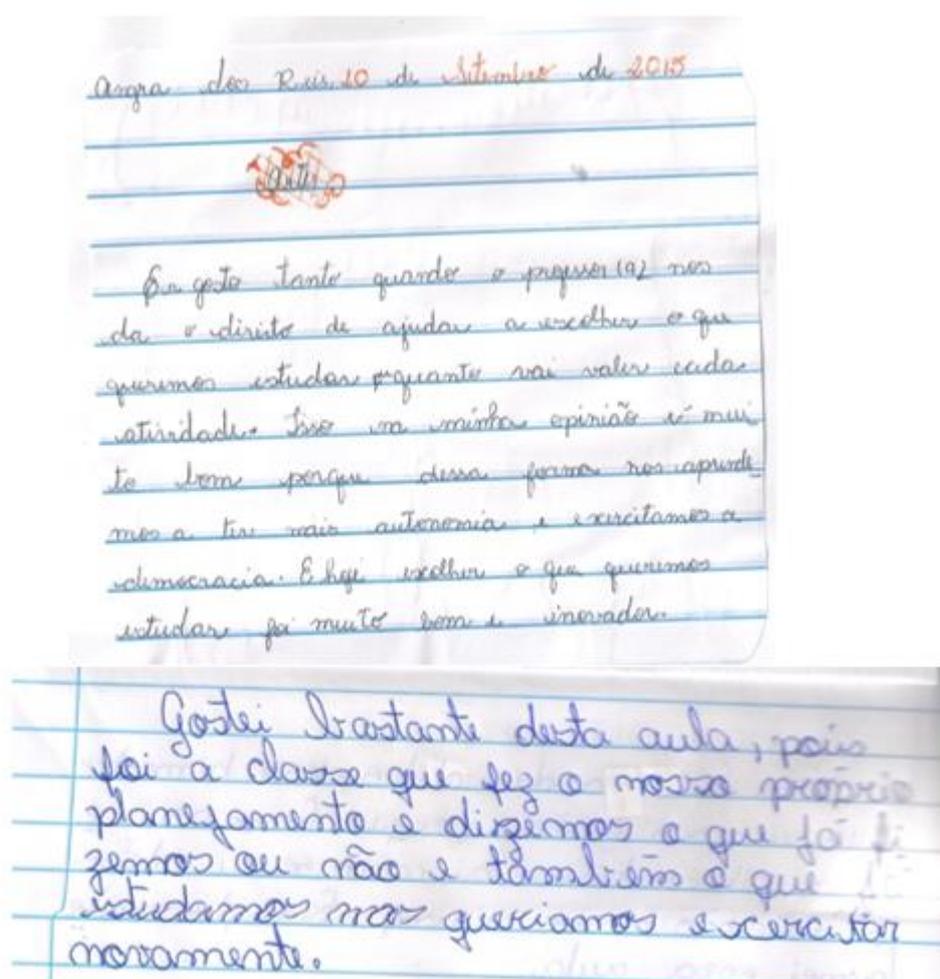
Como é um processo diferenciado, essa relação de tecer juntos os currículos e traçar o planejamento, se fez necessário que eu traçasse táticas, na tentativa de desinibir alguns estudantes, para que eles pudessem se sentir à vontade para participar.

Figura 84

lismo localizado. A sociologia das ausências exige neste domínio o exercício da imaginação cartográfica, quer para ver em cada escala de representação não só o que ela mostra mas também o que ela oculta, quer para lidar com mapas cognitivos que operam simultaneamente com diferentes escalas, nomeadamente para detectar as articulações locais/globais (Santos, 1995: 456-473; Santos, 2001a).

Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 85



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 86



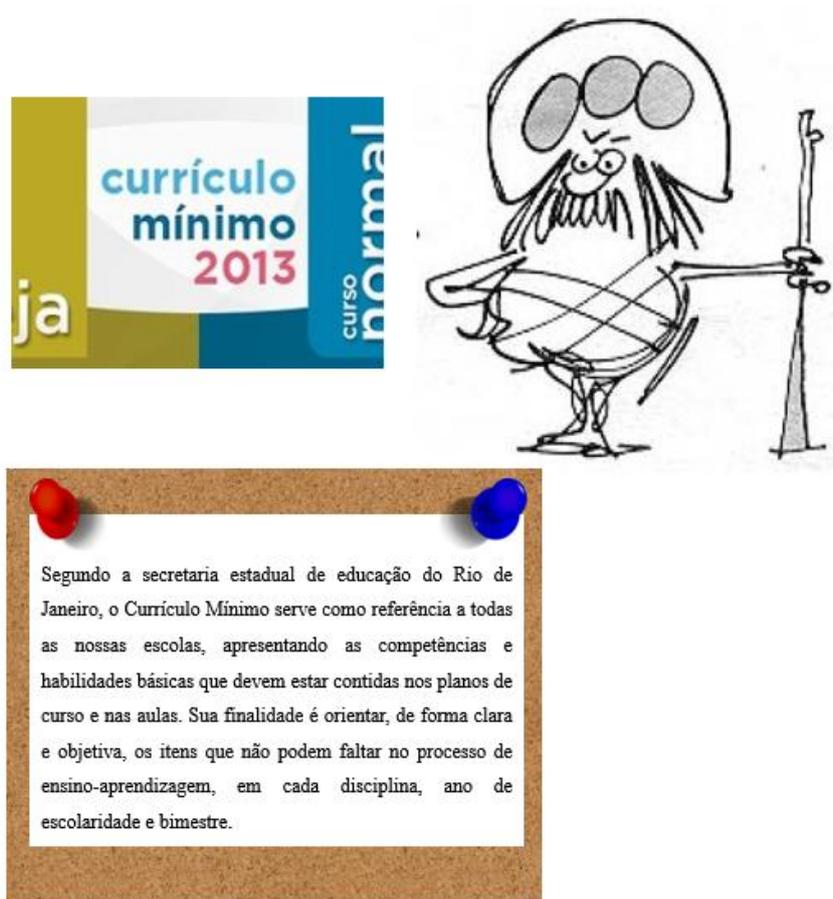
A minha ideia de planejar juntxs as aulas/encontros, surgiu momentos depois de *deglutir** minha leitura/conversa com o texto “*ESCRITAS CURRICULARES ou sobre três experiências para se pensar os entrelugares culturais da formação*” somada a declaração de Luli – Maria Luiza Sússekind – durante uma aula no mestrado:

- Minha desobediência vai até o momento que só posso prejudicar a mim mesma. Se eu percebo que posso prejudicar alguém desobedecendo uma ordem, eu paro.

Fonte: Arquivo Pessoal

E assim vamos metamorfoseando os conteúdos programados, chamado pela secretaria estadual de educação do Rio de Janeiro, como currículo mínimo. Um documento *escriturístico* (CERTEAU, 1994, p. 270), que tenta restringir/silenciar professorxs e alunxs com o policiamento dos conteúdos a serem trabalhados, desvela a “*serialidade*”, que *definia, segundo Jean-Paul Sartre, o caráter repetitivo e vazio de um estilo de existência concernente a um funcionamento de grupo “prático e inerte”* (GUATTARI, 2006, p. 187), tornando abissais os conhecimentos trazidos por estudantes e professorxs.

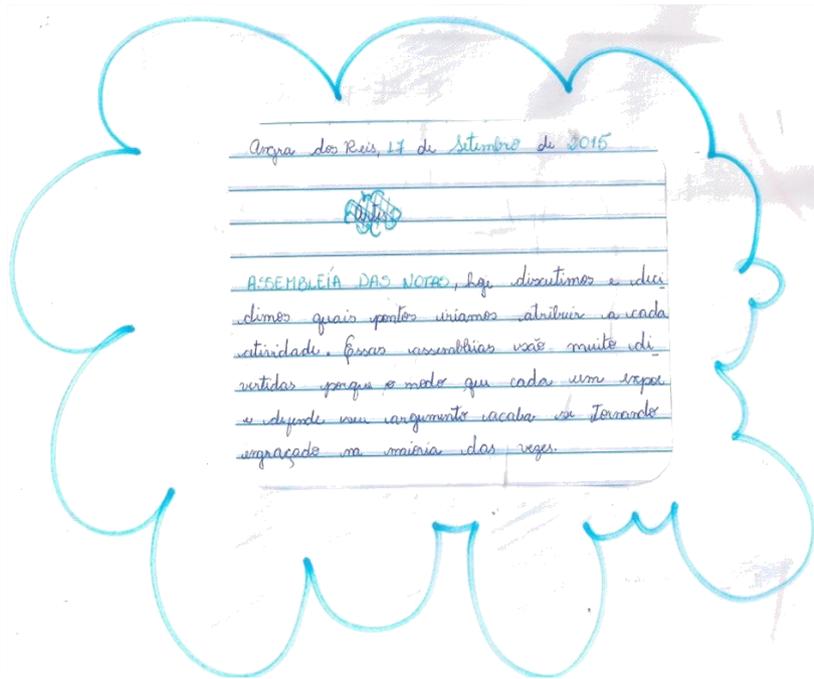
Figura 87



Fonte: Arquivo Pessoal/ recorte-zeferino-_-henfil-thumbnaill

Após uma aula/discussão sobre alguns textos no grupo de pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores, com Luli (Süssekind), a discussão se encaminhou para uma conversa sobre avaliação e nota. Dessa conversa, se destacaram a importância dos números (nota, média) para alguns alunos. Provocada por essa desterritorialização, fiquei pensando em como realizar todo processo de fechamento de nota sob uma forma/formato diferente. Pois o ato de avaliar x outro ou definir quantitativamente o aprendizado de cada aluno é uma situação que não me deixava nem um pouco à vontade e tinha até aquele momento uma relação conflituosa com todo processo avaliativo. Piorando, no caso do diário visual, que se torna algo muito pessoal para alguns estudantes, dificultando ainda mais essa árdua tarefa de avaliar. Essa desestabilidade me provocou para além das autoavaliações, criar a *assembleia das notas*.

Figura 88



Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 89

Fonte: Arquivo Pessoal

Os relatos/narrativas avaliativas dos encontros/assembleias, como a *escritafala* de Ni, que reconhece a dificuldade de consenso por ser uma turma difícil, dividida pela diferença, me fizeram pensar/repensar a prática pelo *princípio da igualdade e o princípio da diferença e abrindo espaço para a possibilidade de diferenças iguais – uma ecologia de diferenças feita de reconhecimentos recíprocos* com a *ecologia dos reconhecimentos* de Santos (2004, p. 792-3).

Figura 90



Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-G5YSvaRoskQ/T2-2ElknCpI/AAAAAAAAA_s/MdbxeqWzYy4/s1600/tumblr_lqurcarePb1qgfp8qo1_500_large.jpg

Sobre assembleia das notas, uma nota, como se tece: sua data é prevista/agendada dentro do planejamento bimestral, na tentativa de garantir a presença de um número máximo de alunxs. Como o planejamento é coletivo [ver página 64, neste platô] tentamos (eu e xs alunxs) adequar as datas previstas do calendário escolar com o fechamento das notas e conselho. Xs alunxs presentes realizam o encaminhamento das propostas de notas para cada atividade realizada dentro do bimestre. O que e quanto valerá nota e a quantia de cada atividade. Anoto todas as sugestões no quadro. Antes da votação acontecem as

defesas argumentativas para a determinação do valor/nota pelxs estudantes presentes e somente após as

defesas realizamos a votação.

Esse processo, se tece de forma diferenciada em cada turma e sendo solicitada pelxs alunxs para outras disciplinas. Como o caso do professor Edu, que após sugestão dxs alunxs, solicitou presenciar uma assembleia de notas. Após sua observação, o mesmo colega adotou essa prática com seu formato. Hoje pelo que sei, são três professorxs que fazem assembleia das notas nessa unidade escolar.

Figura 91

Da mesma conversa, no grupo de pesquisa sobre avaliação/nota surgiu, também, a ideia de construir o quadro de notas para cada bimestre. Ele é produzido ao fim da assembleia das notas, sendo necessário que cada aluno preencha sua autoavaliação para discussão da média, após a minha avaliação.

ATIVIDADES	NOTA TURMA	ALTA AVALIAÇÃO	NOTA PROF	MÉDIA
TRABALHO VISUAL	5,0	3,0	4,0	
TRABALHO DEB.	3,0	4	0	
VARIAVEIS	2,0	3,0	2,0	

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 92

Atividade	Turma	Auto avaliação	Nota prof	Média
Quase	60	60	55	
Pintura	20	0	0	
Pura noção	10	6	10	
Pista química	10	8	0	

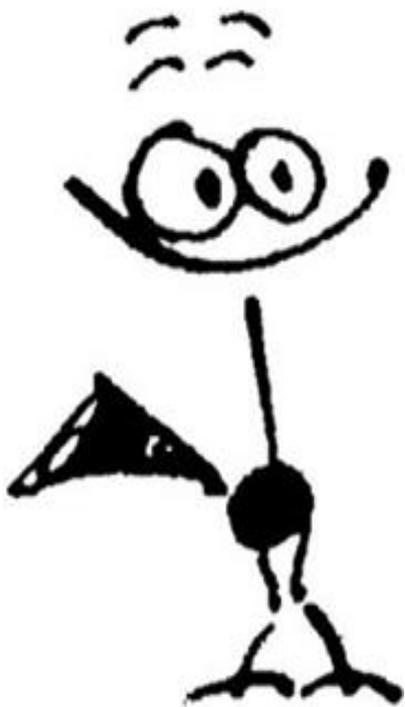
Fonte: Arquivo Pessoal

O quadro de notas, é preenchido e desenvolvido por cada alunx. Alguns estudantes, preferem preencher os campos turma e autoavaliação e me entregar seu diário para eu avaliar/ler em casa (por ficarem com vergonha do que escreveram); outrxs para não se separarem do diário visual, esperam a minha correção/leitura em sala mesmo. A negociação da média é realizada individualmente e chamo este ato/atividade de fechamento de notas. Neste dia, a turma se organiza para preparar um café coletivo e comemorar com os aniversariantes do bimestre. Ao passo, que cada alunx que venha negociar/fechar sua nota coloque sua música daquele dia.

As atividades de avaliação, assembleia, tabela e fechamento de notas, foram/se tornam possíveis pelo companheirismo presente com xs alunxs, nesse processo de tecedura e fabricação de ideias que o *ensinoaprendizagemensino* podem promover, quando a opção *políticaepistemológicametodológica* se faz presente no discurso e nas práticas cotidianas. Tecedura possível a partir das conversas de/na/com formação, que ocorre em todos os momentos, quando se está aberto para que a comunicação ocorra e reverbere no corpo e na mente em diferentes *espaçostempos* da aprendizagem.

A ideia de buscar atividades diferenciadas nesse processo de avaliar é tentar quebrar o paradigma da tensão provocada pelo ato de avaliar e ser avaliado. Processo

Figura 93



que penso poder ser trilhado juntxs, professorxs e alunxs. Compartilhando experiências do quão é complicado esse processo, quando é feito de maneira isolada. Quando se divide, podemos promover reflexões individuais e coletivas que o ato de avaliar pode permitir para ambas as partes.

Busco trilhar nesta caminhada, passos suaves na tentativa de tecer propostas emancipatórias nas diferenças. Tarefa difícil, lembro que a primeira vez que realizei autoavaliação com xs alunxs, no fechamento de nota, boa parte chorou ao meu lado. Uns partiram para o ataque, na tentativa de se defender deste processo de desterritorialização.

- Ah! Professora! Essa obrigação é sua.

No segundo bimestre, o processo já se mostrava mais leve e pude perceber o medo ofertando lugar para as conversas. Como se perceber peça importante nessa techedura de *ensinar e aprender*.

- Prof! Eu não mereço essa nota não, porque eu poderia ter me esforçado mais e não fiz porque tava com preguiça

Foi/é um aprendizado conjunto, *negando a existência de uma única e privilegiada perspectiva de conhecimento avança reconstruindo um barco, tábua a tábua em alto-mar* (SANTOS, 1989, p. 95).

Figura 94

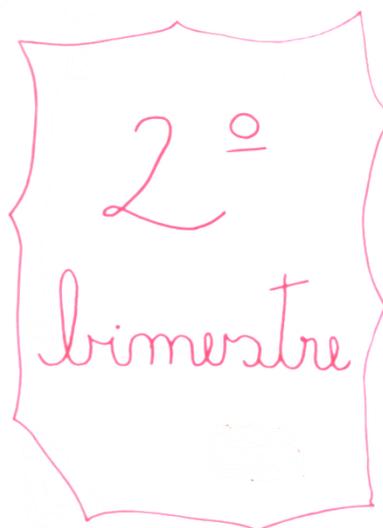


Fonte: Arquivo Pessoal e fev07_henfil3

E as aprendizagens, nessa dança da *pedagogia da embolada*, as negociações e conversas são tecidas/exploradas cotidianamente e individualmente. Para a minha escrita no diário, sempre espero a autorização delxs. Isso pode acontecer no fim do 1º bimestre, mas pode não acontecer também.

Certa vez, umx alunx falou que não queria que eu escrevesse em seu diário porque achava que eu tinha uma letra muito estranha e ia estragar o que elx tinha feito com tanto carinho (essa observação foi feita quando eu estava preenchendo o quadro de notas). Pedi desculpas e apaguei o que tinha escrito.

Figura 95



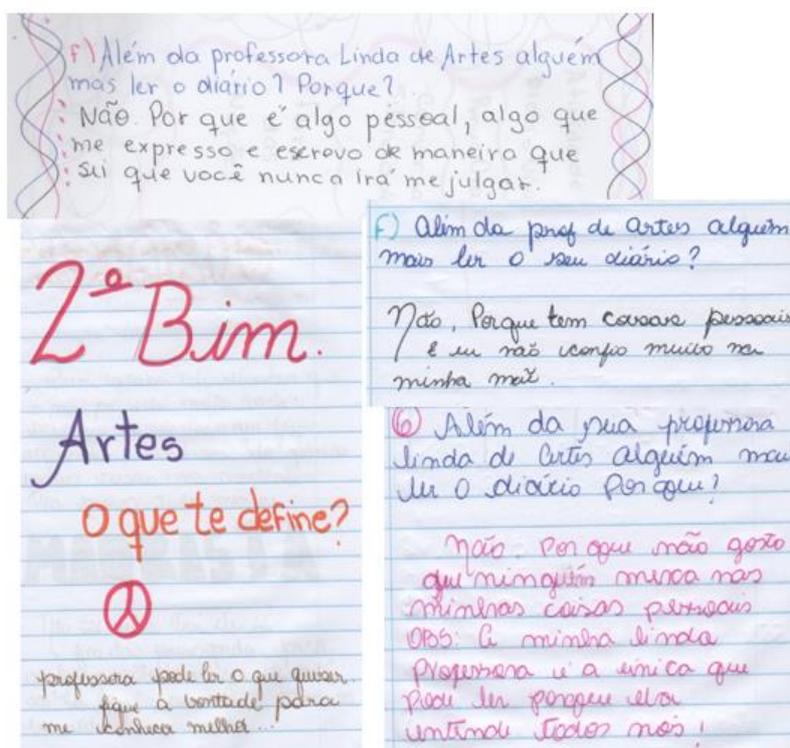
Fonte: Acervo Pessoal

O ato de ler os desabafos ou bilhetes funciona, também, da mesma forma, com autorização delxs. Essa atitude de aguardar a autorização para escrever/conversar no diário visual ajuda no processo de construção, *tábua a tábua*, o entendimento dxs alunxs perceberem o espaço do diário visual sendo pertencente a elxs, um espaço delxs na escola.

Quando necessito conversar pelo/com o diário visual, uso o *post its*. Na devolução dos diários, passadas um pouco as fases de reconhecimentos, o aguardo das minhas mensagens/bilhetes é algo esperado e concorrido. No tumulto da devolução dos diários, prestei atenção nessa conversa entre alunxs:

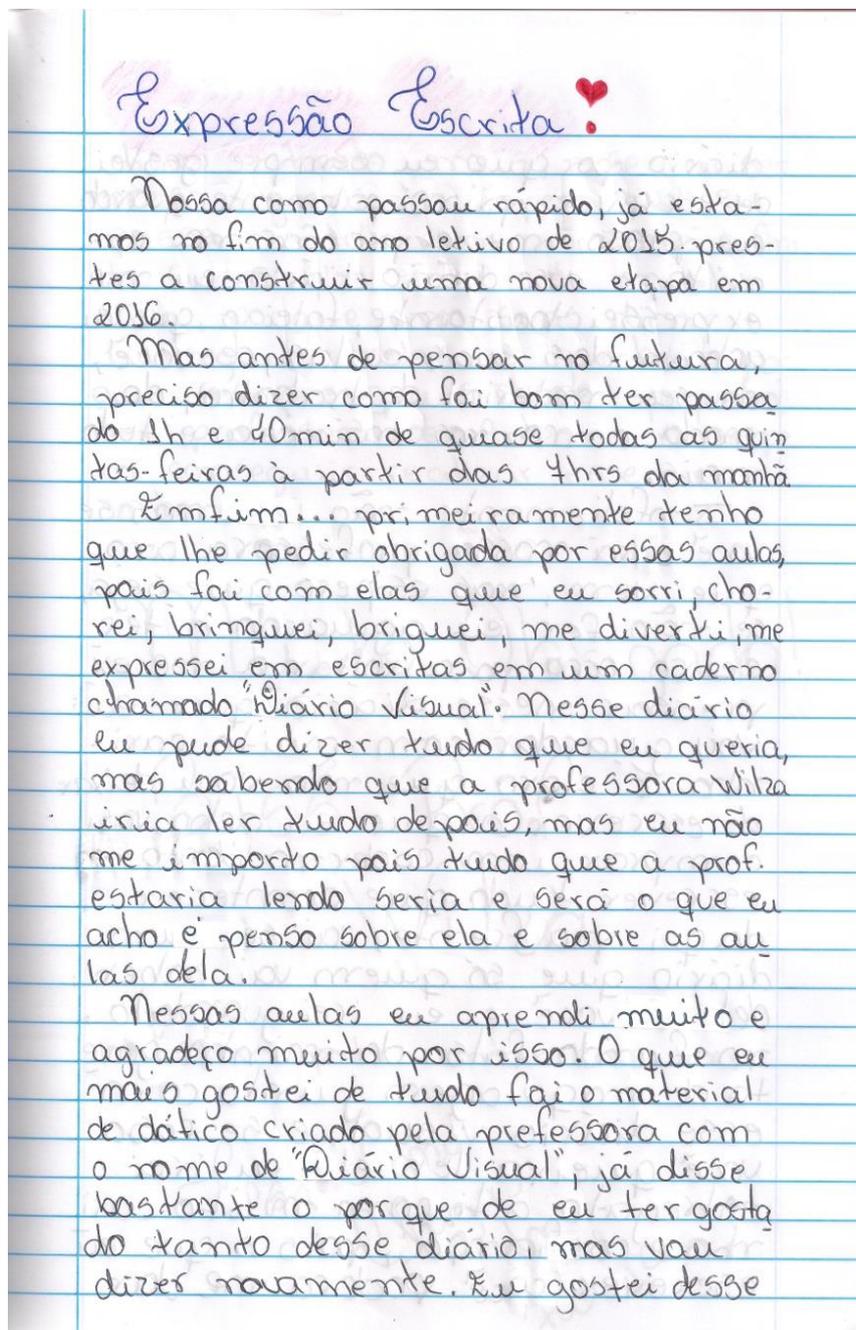
- Poxa, o que a professora escreveu pra você? Pra mim ela não escreveu nada.
- Você acha o que garota? Que a professora tem tempo para escrever pra todo mundo? Ela só escreve para as pessoas especiais, tipo eu assim.
- Não é verdade tá, a prof. não é assim. Oh profeee !! Porque você não escreveu nada pra mim?

Figura 96



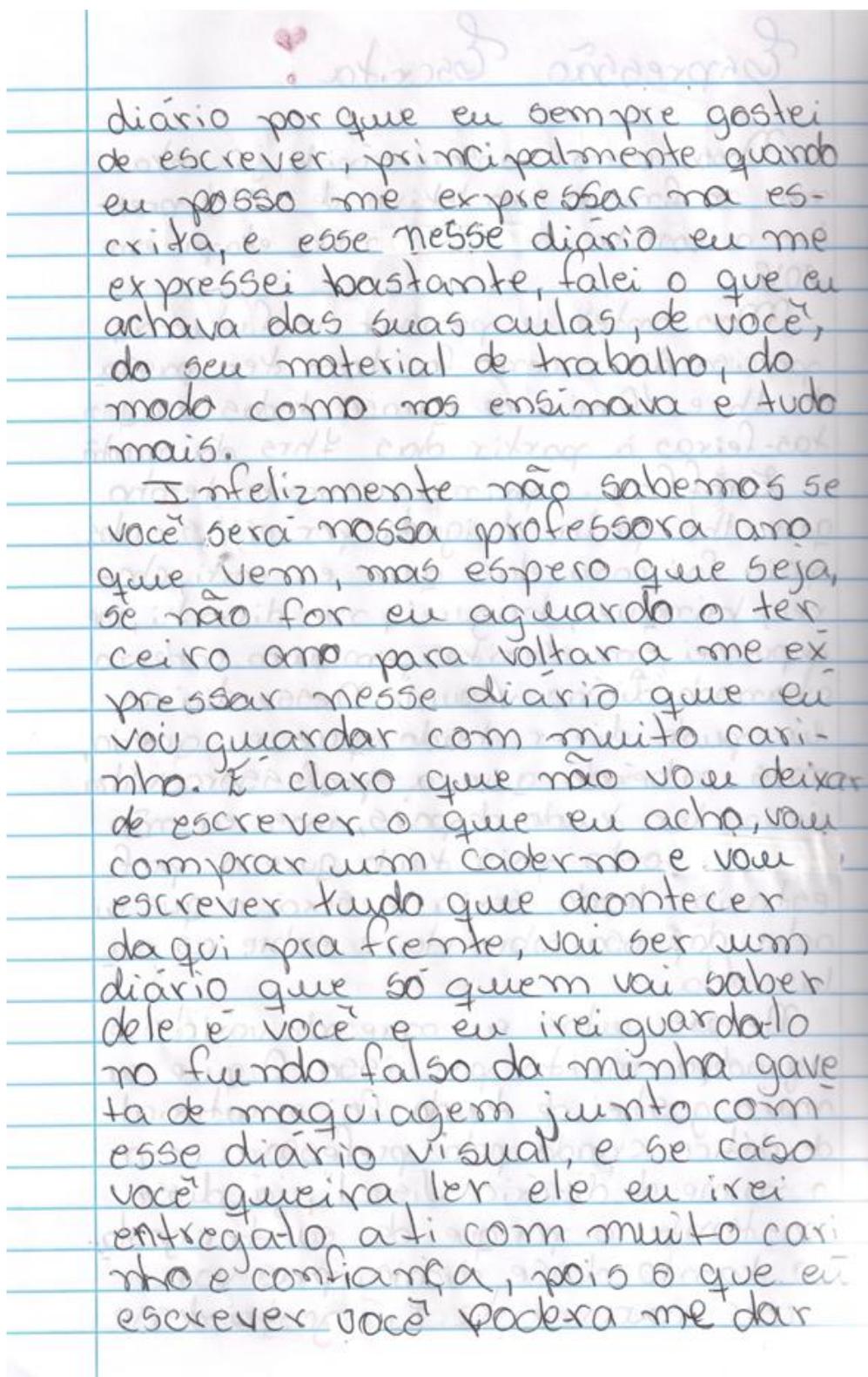
Tanto trabalho é compensado. Principalmente quando me deparo com as cartas de despedidas ou um até logo. Ambos são colocados/registrados nos diários visuais de cada um, quando o querem fazer.

Figura 97



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 98

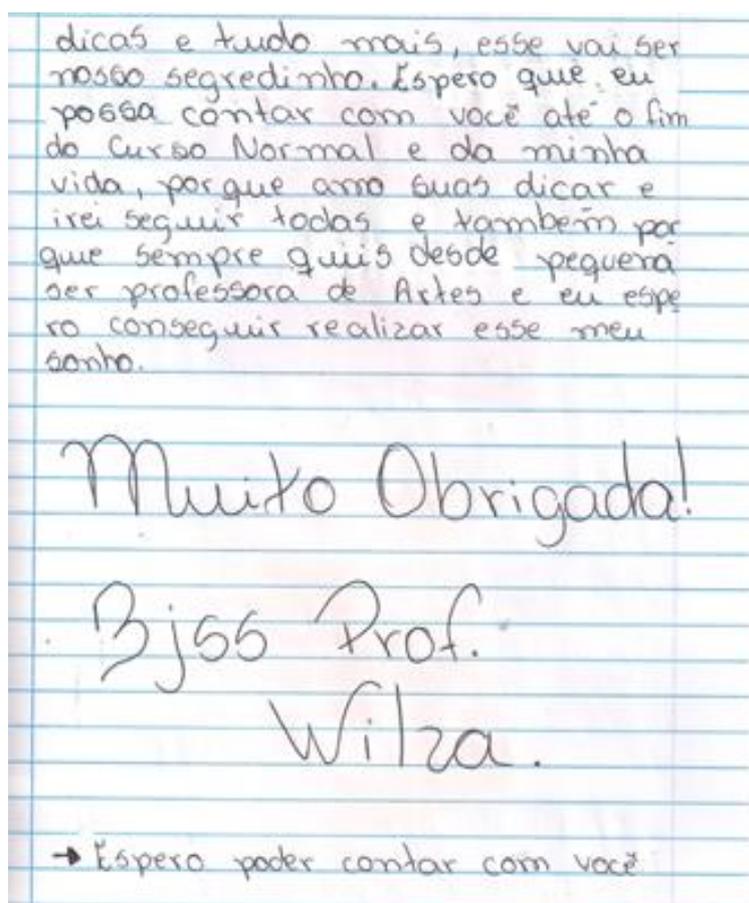


diário porque eu sempre gostei de escrever, principalmente quando eu posso me expressar na escrita, e esse nesse diário eu me expressei bastante, falei o que eu achava das suas aulas, de você, do seu material de trabalho, do modo como nos ensinava e tudo mais.

Infelizmente não sabemos se você será nossa professora ano que vem, mas espero que seja, se não for eu aguardo o terceiro ano para voltar a me expressar nesse diário que eu vou guardar com muito carinho. É claro que não vou deixar de escrever o que eu acho, vou comprar um caderno e vou escrever tudo que acontecer daqui pra frente, vai ser um diário que só quem vai saber dele é você e eu irei guardá-lo no fundo falso da minha gaveta de maquiagem junto com esse diário visual, e se caso você queira ler ele eu irei entregá-lo a ti com muito carinho e confiança, pois o que eu escrever você poderá me dar

Fonte: Arquivo Pessoal

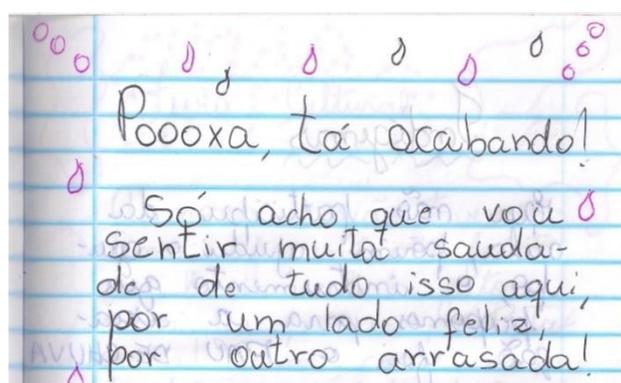
Figura 99



Fonte: Acervo Pessoal

Com xs alunxs do terceiro ano, que é o último ano de estudo na unidade escolar para muitxs, ficam, às vezes, registrados sentimentos confusos. E despedidas com cobranças.

Figura 100



Fonte: Acervo Pessoal

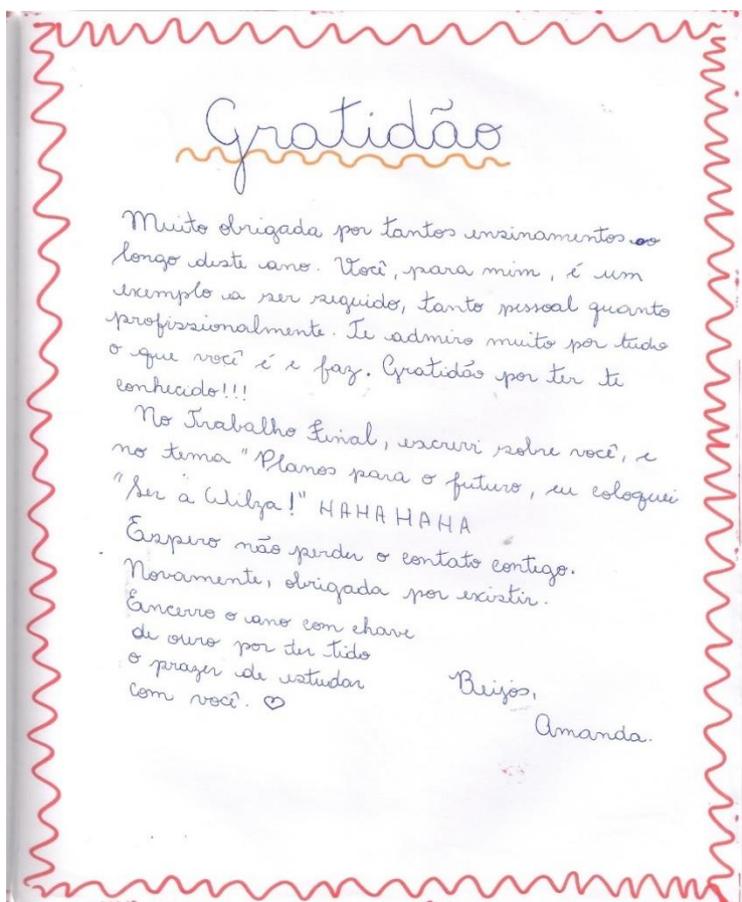
Figura 101

Querida Wilza,
 Foi muito bom ter tido o privilégio e a
 honra de ter sido sua aluna, obrigada por
 tudo de bom que a senhora me ensinou, obrigada
 da professora por todo carinho e dedicação. Que a
 sua felicidade possa ser plena e que todo vento ruim
 possa passar muito longe da senhora, espero não per-
 der o contato e que eu sempre ouça outras alunas
 falando de você com o mesmo orgulho que eu.
 Beijos feliz natal e
 um feliz 2016.

Fonte: Acervo Pessoal

E gratidões recheadas de carinho...

Figura 102



Fonte: Acervo Pessoal

E como as multiplicidades se definem pelo fora (...) a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras (DELEUZE, 2000, p. 16), trago a multiplicidade do meu cotidiano em outra rede de ensino da escola pública, agora na cidade do Rio de Janeiro, que será conectada aos diários visuais, com esse respiro.

Figura 103



Fonte: Acervo Pessoal

No ano de 2011, me mudei para o Rio com a ideia de estudar. Nessa época, tinha duas matrículas no Estado do Rio de Janeiro. Quando abriu concurso para prefeitura municipal do Rio de Janeiro, resolvi tentar. Naquela época, o salário-base da rede estadual era de R\$ 690,00 e o salário da prefeitura do Rio, o dobro.

No fim do ano, fui chamada para rede municipal, na hora de escolher escola, a moça da Coordenadoria Regional de Educação (CRE) me atendeu muito bem,

conversou muito comigo e, com um pesar (que julguei) aparente na fala, disse que iria ser muito sincera e disse naquele momento, que só teria vaga em escola de comunidade para trabalhar no ensino fundamental I (minha licenciatura em artes, possibilita essa diversidade) e seriam elas: Jacarezinho ou Alemão.

Como não conhecia nada no Rio, liguei para o Americo (meu companheiro de vida) para ele me orientar sobre qual seria a escola mais próxima de casa e, quando dei as opções, ele ficou assustado. Depois entendi que “na rede, é assim mesmo, quando ele começou a trabalhar na prefeitura tinha ido para Parada de Lucas”.

Retornei à mesa da moça, escolhi a escola, ela prontamente me deu a carta de apresentação e me sugeriu que fosse conhecer a escola e entregar a carta na direção naquele mesmo dia.

Explicou-me como chegar lá e, durante todo processo, repetia as mesmas frases com um sorriso que julguei ser apático:

– Você vai gostar! A diretora é muito bacana! Você será muito bem recebida! E não se esqueça, assim que descer do ônibus, pergunte logo onde é a escola para a primeira pessoa que encontrar.

Segui para o ponto de ônibus e, como estava com pouco dinheiro no bolso, antes de embarcar, perguntei ao motorista se realmente passava na rua, que era perto da Sociedade União Internacional Protetora dos Animais (SUIPA). Ele balançou a cabeça que sim e, quando chegou próximo ao ponto, me avisou e fiquei aguardando. O motorista ficou me olhando e perguntou:

– O que a senhora vai fazer lá?

Eu, toda orgulhosa do meu ofício, respondi:

– Sou professora, vou me apresentar na escola. Ele olhou para um senhor que estava sentado atrás do seu banco, pensando, respirou e falou:

– O ponto é aqui, senhora, e a escola fica ali. Mas a senhora tem certeza que quer ficar aqui?

Sorri, agradei sua preocupação e usei a frase clássica:

– É o que tem pra hoje moço, fazer o quê.

Ele sorriu de volta, e falou:

– Que Deus te proteja, te ilumine e te guarde.

Segui as orientações da moça da CRE e perguntei à primeira pessoa onde era a escola.

– É só atravessar a rua.

Quando olhei do outro lado da rua, vi umas pessoas que julguei esquisitas em uma entrada de outra rua, e resolvi confirmar a informação com uma moça mais à frente. Ela me apontou o mesmo lugar. Foi a primeira vez que tive medo. Respirei fundo, fiz minhas orações e fui. Entrei na escola com uma cara de assustada [sei disso porque todos comentaram], mas fui muito bem recebida, que era tranquilo e que estavam muito felizes com minha presença ali.

Assinei um papel, preenchi uma ficha com meus dados pessoais, informei minha disponibilidade de dias, pedi informação para voltar pra casa e fui liberada. Quando estava saindo, o moço que prestava serviço de limpeza me alertou:

– A senhora é nova aqui, né? Tira o relógio e não fala com ninguém, é só andar de cabeça baixa. Fica tranquila, quando é da escola assim eles (as pessoas que julguei estranhas) não mexem com a gente não.

Quando fui caminhando, óbvio que não abaixei a cabeça, mas tirei o relógio, fui observando as pessoas estranhas na porta da escola, foi aí que me dei conta que eram usuários de crack, conhecidos como cracudo ou craqueiro, uns cinquenta espalhados pelo caminho onde iria passar. O que me veio à cabeça na hora?

Ai, meu deus, ai meu deus, ai meu Deus, acompanhado do “me tira daqui, eu não volto mais aqui, quero ir pra casa”.

No ponto de ônibus, a situação não melhorou, onde meus olhos alcançavam via craqueiro. Quando cheguei na rua da qual avistava a UERJ, parecia que tinha cruzado a linha abissal que divide o civilizado do bárbaro, invisível, inexistente, tamanha aflição.

O desespero me bateu no domingo à noite, tinha que voltar àquele lugar horrível na segunda de manhã. Américo, vendo meu sofrimento, me levou até a escola naquela manhã. No caminho todo tinha craqueiro; perto da SUIPA, vimos alguns dormindo na rua, empilhados. A cena foi tão chocante para ambos que lembramos da cena do filme “A lista de Schindler”. Cheguei junto com as crianças e suas mães; o que me marcou muito foi a forma (como eu vi) como as crianças olhavam os craqueiros, com medo...

A diretora me levou para conhecer as professoras, uma sorriu e falou:

– Seja muito bem-vinda! Já te digo logo, se ficar com essa fala mansa, as crianças vão te comer viva. Não dura uma semana.

A diretora sorriu e, me abraçando, falou que ela estava brincando. Fui pegar o horário, disponibilizaram alguns materiais para trabalhar e fui conhecer as crianças.

Quem é professor sabe que, no primeiro dia de aula, eles ficam mudos, perguntam algumas curiosidades sobre sua vida pessoal, como vai ser o ano, etc. Nada

demais, fiquei encantada, realmente não era tão ruim assim, tirando a parte de ir e voltar da escola por conta dos craqueiros.

Fui conhecendo as pessoas e as crianças aos poucos e ali fui aprendendo a ver onde cruzavam as linhas abissais... Certa vez, esqueci um material que iria utilizar para trabalhar, pedi a uma criança bem levada que fosse buscar da seguinte forma:

– fulano, faz um favor pra tia?

Ele prontamente se posicionou ao meu lado e respondeu com um sorriso:

– Tia, pede outro que esse eu não sei não.

Mas eu nem pedi ainda. E expliquei para ele do que se tratava. Ele tinha 9 anos e nunca tinha ouvido falar as palavras por favor. Aquilo me balançou muito. Deste dia em diante, ver, atravessar, a linha abissal e voltar foi um exercício constante, chorei nos três primeiros meses de trabalho. Até que um dia, às 8h, ouvi alguns barulhos, achei que eram fogos de artifício [em Angra, quando tem fogos, é comemoração ou dia de algum santo] e continuei normalmente.

Os barulhos ficaram intensos e o olhar das crianças mudou.

Perguntei se tinha alguma comemoração, era dia de algum santo e eles permaneceram mudos e imóveis. Até que Francisco, pegou na minha mão (a mão dele estava gelada) e me falou:

– Tia, não é fogos não, é tiro. A gente tem que abaixar, ficar no chão.

“Sobre a violência no Jacarezinho”

Entre 126 grupos de bairros da cidade do Rio de Janeiro, o Jacarezinho apresenta o sexto pior índice de desenvolvimento humano (IDH) da capital¹. O índice mais atualizado, do ano 2000, leva em conta três aspectos para a avaliação: renda, expectativa de vida e educação. Os dados do Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que, no Jacarezinho, o valor do rendimento mensal dos trabalhadores com 10 anos ou mais é de R\$ 411,25 em média², em uma população estimada em quase 30 mil pessoas. A vulnerabilidade da região e a violência associada

¹ 1 Armazém de Dados da Prefeitura do Rio de Janeiro. Tabela 1172 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH), por ordem de IDH, segundo os bairros ou grupo de bairros – 2000. Acessado em: 10/09/2014.

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Acessado em: 10/09/2014.

ao tráfico de drogas durante muito tempo foram causas da intensa rotatividade de médicos no centro de saúde. Apesar da instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em janeiro de 2013, o histórico da comunidade seguia afastando os médicos da região.

Pedi imediatamente para que todos fossem pro chão e perguntei ao Francisco o que fazer, mas a professora regular da turma chegou e pediu que todos fossem para o corredor, com calma, agachados. Quando chegamos ao corredor, todas as outras dez turmas estavam sentadas no chão. Logo depois, começou o barulho das bombas, que contrastava com o interior da escola, onde o silêncio reinava.. Ficamos todos sentados no corredor umas duas horas, e os outros professores também. Como eu os admirei! Por mais que estivessem tão assustadas como as crianças, elas permaneceram firmes, fortes, acalentando uma ou outra criança que chorava.

Passado esse tempo, alguns responsáveis vieram buscar seus filhos e avisaram que todos da escola teriam que ir embora naquele momento. Francisco, antes de ir, me deu um abraço bem apertado, me olhou com um sorriso tímido e me disse:

– *Amanhã a senhora vem, né, tia?*

Não sei de onde tirei forças e respondi:

– Claro, por que não?

Desse dia em diante, minha relação com as crianças mudou, ficava sempre pensando em aulas divertidas e como podia transformar qualquer conteúdo em algo leve, divertido. Mas a minha astúcia misturada a minha abissalidade me encaminhou para um mergulho para lá da linha abissal, com Isa.

Fim de ano, professores e alunos, ambos cansados, resolvi fazer a produção de cartões de natal: cada criança iria desenhar o que gostaria ganhar de presente. Fiz a proposta à turma, disponibilizei o material e fiquei aguardando alguém entregar a atividade ou mesmo solicitar minha ajuda ou explicação.

Passados alguns segundos, Isa vem em minha direção e me entrega sua folha com um desenho que parecia um retângulo, me dizendo – *Acabei*. Usei todo meu conhecimento pedagógico e artístico (nesse caso, acho que foi arrogância ou estava muito do lado de cá da linha abissal) e perguntei:

– *Que caixa linda, Isa, por que você não a pinta?*

Isa sorriu da minha pergunta, balançando a cabeça negativamente e respondeu:

– *Que caixa, tia, que mané caixa, isso não é caixa não.*

O pior é que eu insisti:

– *Se não é caixa, o que é então?*

– *Tia não tá pintada, porque toda geladeira é branca e a folha é branca.*

Falando comigo e me chamando para sua realidade, não satisfeita, continuei:

– *Mas você quer ganhar uma geladeira de presente? Na sua casa não tem geladeira?*

Isa respirou fundo e resolveu desenhar toda situação para ver se eu parava de perturbar.

– *Tia minha mãe foi assassinada, meu pai tá preso, quem cuida de mim é a minha irmã mais velha, só que ela já tem quatro filhos, aí já viu né tia?*

Fui procurando um local para sentar, pois essas informações já tinham sido demais para minha abissalidade e comecei a tentar me aproximar do lado de lá da linha.

Isa continuou:

– *Eu prefiro ficar na rua o dia inteiro, me virando (fim de semana). Aí, quando eu posso ficar num lugar para assistir TV (um bar ou venda, que ninguém lhe manda embora), sempre vejo as pessoas abrindo uma geladeira bem grande, branca e bonita, cheia de comida gostosa dentro. De verdade tia, o que eu queria ganhar de natal era um monte de comida gostosa, mas não sei desenhar por isso eu fiz a geladeira. Posso beber água?*

Balancei a cabeça que sim, fiquei parada com o desenho na mão alguns minutos, respirei fundo. Quando Isa voltou, chamei elx para perto, quando estendi a mão para abraçá-lx, elx se encolheu, achando que eu fosse bater nelx, e pedi autorização para dar um abraço, e elx me recebeu prontamente.

Desse dia em diante, Isa me ensinou a não perguntar muito se você não tem certeza se está preparada para ouvir a resposta.

Passei, também, a fazer campanha contra a todas as datas “comemorativas” que envolvessem família, dias dos pais e etc., dentro da escola. Quando alguém me questiona, conto a história da minha aprendizagem com Isa, na conversa.

Agradeço muito a todas as crianças por todas as aprendizagens que tenho com elas todos os dias:

*abraçar e ofertar carinho sempre que você gostar de uma pessoa e jamais deixar de dizer isso.

*a linha da vida e da morte é muito clara e presente para você deixar para depois.

*a alegria e a sede de aprender algo novo.

*ter coragem de ir e vir.

*ficar feliz por ter feijão e arroz fresquinhos para comer.

*dançar, parecendo que não tem ninguém te olhando.

*quando alguém te machucar, fale, reclame ou chore, para aliviar.

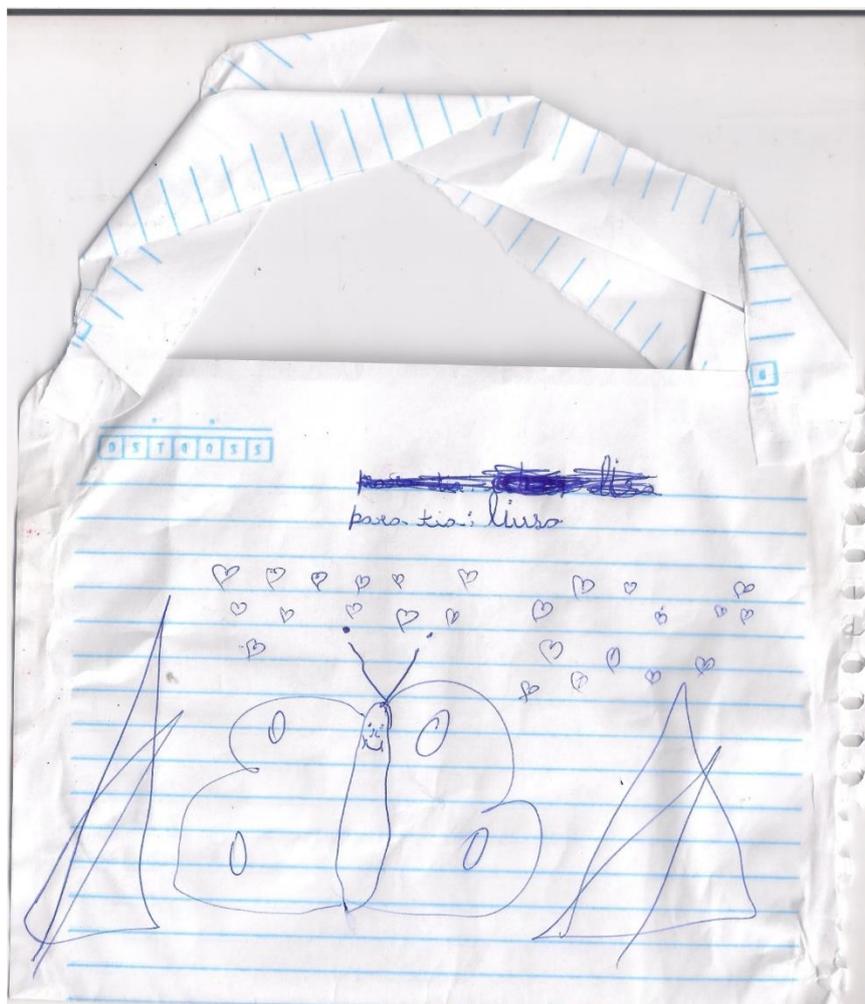
*todo doce é bom, aproveite!

*cuide dos seus irmãos e da sua família.

*não olhe para o lixo, com desdenho, dá para se fazer muita coisa com ele, é só usar a imaginação.

E por falar em lixo, narro agora, em versão originalmente escrita em parceria com minha orientadora para a revista Momento – Diálogos em Educação, o artigo “Um Abaporu, a feiura e o currículo: pesquisando os cotidianos nas conversas complicadas em uma escola pública do Rio de Janeiro”.

Figura 104



Fonte: Acervo Pessoal

Jorge, chega correndo em minha direção, animado, não me dá bom dia e manda:

– Tia, eu tenho um presente para te dar.

– Bom dia, Jorge! Que bom!

Respondi com um sorriso estreito e um aperto no peito, desses que você deve estar lendo agora e pensando o que será que ele vai dar de presente para ela?

Mas, antes de contar qual foi o presente recebido, vou-me arriscar a tecer, em sua mente, a imagem do Jorge; claro, a imagem que eu e outros professores tínhamos dele. Jorge era o típico menino que dizemos ter “problemas”. Pra começar os ditos cognitivos, por conta de sua idade, acima dos demais, estampada no rosto. Filho de pai preso e mãe que dormia no trabalho, era criado junto com seus cinco irmãos, dois mais velhos que o Jorge e dois mais novos que ele. A blusa de uniforme dele, na segunda pela

manhã, lembrava muito a da sexta no último tempo de aula. Era essa mesma que ele já tinha usado toda semana. Vivia na secretaria, sendo encaminhado pelos professores por brigas, palavrões e coisas do tipo. Nas minhas aulas não queria fazer nada, só pedia para ir ao banheiro ou se arrastava pelo chão para furar as pernas dos amigos com o lápis bem apontado. E quando eu falava seu nome, ele vinha prontamente, com um sorriso lindo... Que logo me deixava sem fala. Bom agora que tentei fazer com que você leitor do texto desenhe e pinte o Jorge, vamos ao presente .

– Desculpa, tia, bom dia! É que eu tô guardando seu presente desde sábado comigo, para ninguém roubar.

– Tudo bem, Jorge, sem problema. Mas esse presente você pode me entregar aqui no pátio?

– Acho que sim, tia. Peraí.

E se abaixou para abrir a mochila. Meu coração ficou mais apertado ainda e o sorriso deu lugar a um certo ar de preocupação. Sim, eu temia o que seria o “presente”... Não preciso contar como fiquei apreensiva do que iria sair de lá, outras crianças ficaram perto para ver o que o Jorge procurava.

– Aqui, tia.

Retirou uma folha de revista dobrada de dentro do seu caderno. Respirei meio aliviada e fui tomada por um suspense novamente com a pergunta:

– Não vai abrir, tia?

Abri o presente, era uma folha arrancada de uma revista onde me deparei com a imagem do Abaporu. Olhando e ainda tentando entender, ele explica:

– Tia, eu tava no lixão catando as coisas, no lixão de lá de cima (apontando na direção do terreno baldio onde há um depósito clandestino de lixo), aí eu achei uma revista novinha e fui ver, aí eu vi essa imagem e lembrei da sua aula, aí eu trouxe de presente pra você.

Tentando não chorar, abri um sorriso e perguntei:

– E quem é, Jorge, que está pintado aqui?

– Ué, tia, não é o Abaporu?

– Sim, Jorge, e quem pintou?

– Ah, tia!

Disse ele rindo da pergunta que lhe pareceu risível...

– Foi aquela mulher, a Tarsila.

Tentei conter e disfarçar a imensa e surpreendente alegria, e falei:

– Agora, para aceitar o presente, você precisa me dar um abraço.

Este abraço me cercou de carinho e alegria. E ao Jorge, um sorriso sapeca e um olhar de fiz algo certo (finalmente), que veio com a frase:

– Então a senhora gostou, né?

E, sem se preocupar com uma resposta, saiu correndo como um vento.

E como vento e com Jorge aprendi a brincar, mesmo quando você achar que não pode e que há muitas formas e lugares para aprender. E meu agradecimento a todas as professoras que me ensinam muito também, apesar das provas padronizadas não conseguirem demonstrar tamanha competência do trabalho de todos na escola, mesmo assim elas nunca desistem. Pela sua força e coragem. Gratidão!

Achei que seria importante narrar algumas aprendizagens, [todas eu não poderia, nunca conseguiria terminar minha dissertação], pois esses cotidianos que vivo no ensino fundamental I mudaram muito a minha forma de trabalhar também em outro espaço, em Angra, com a formação de professores. Minha forma de lidar com o outro e com o espaço onde vivo.

Hoje, quando planejo as aulas com os normalistas, sempre penso nas crianças. As brincadeiras, passeios, utilização de material reaproveitado e do corpo, seja dançando, cantando ou representando, estão muito presentes na minha prática hoje, graças ao aprendizado que tenho com as crianças e professoras do ensino fundamental e os normalistas.

Figura 105



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 106



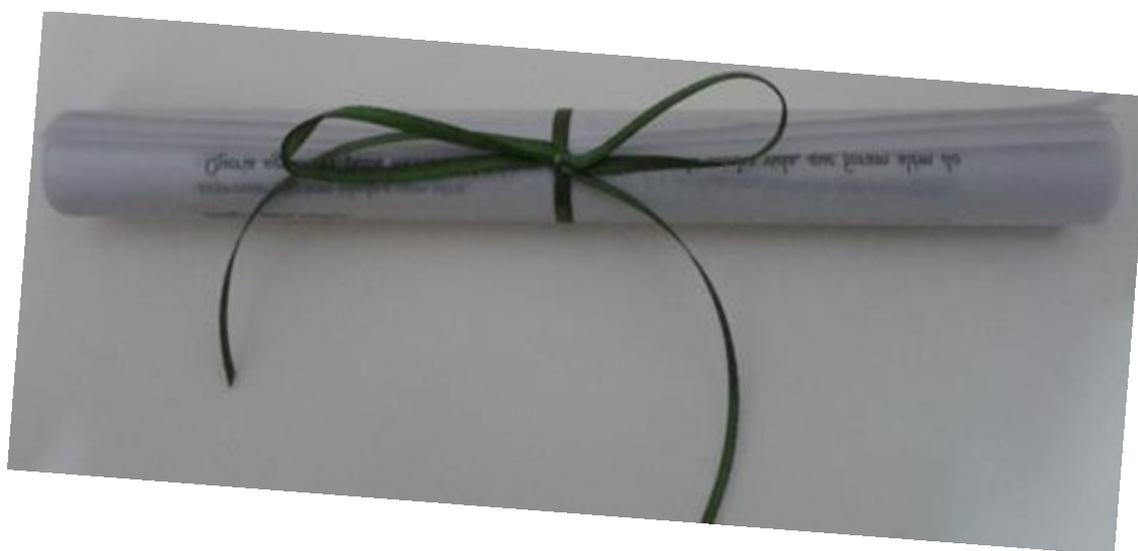
Fonte Acervo Pessoal

O que poderia ter sido uma ferramenta de trabalho/comunicação entre os seres, professora e alunxs apenas, tem-se mostrado/tornado uma importante forma de comunicação, conversas pessoais e reflexões de gosto e compreensões do mundo pessoal e intransferível de cada ser/corpo e seu processo/construção de conhecimento, propondo um diálogo horizontal, a potência do precário, início/fimmeio da pesquisa. Ao longo do tecer desta dissertação, penso/entendo que a transformação/criação de cada diário vai além das caixas de disciplinas, escola e portfólio. Praticando o *currere*, que consiste em um exercício, um movimento, em direção ao autodesenvolvimento dos alunos e professores (SÜSSEKIND, 2014, p. 26). Por isso, abri este platô, dessa

dissertação/coreografada com a música *Trem bala*, de Ana Vilela, que canta em seus versos a importância do caminhar e sentir que esse movimento pode te fortalecer e *fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar*. Com esse platô, tentei escrever/narrar/mostrar que a caminhada para estar/ficar/estudar no mestrado me fortaleceu, seja como pessoa e ou como profissional na área de educação. Por isso, o chamei, de o fim. Não o fim, achando que *cheguei no topo do mundo* e descobri tudo. Mas, o fim, por saber que com esse fortalecimento de relações, durante o caminhar/dançar, *fui e me tornei abrigo, morada em outros corações*.

No final de 2015, fazia dez anos de formada em arte, como professora regente. E após esses anos recebi de uma aluna, meu diploma de *profeturo*. Um documento sem valor acadêmico, que não é *escriturístico* (CERTEAU, 1994, p. 270), mas um documento/ato que conversa sobre *acreditar* e *afetar* o outro na luta cotidiana pela *justiça cognitiva* (SANTOS, 2010, p. 32). Com muito carinho, orgulho e ternura, compartilho meu diploma de *profeturo*.

Figura 107



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 108: Parte I

Bem, esse não é um relatório dos nossos encontros, mas eu peço que a moça Wilza (crises), leia com carinho também.

Nos meus primeiros dias de aula na CECU, eu tinha medo das professoras, medo de não conseguir, medo de que estava por vir. Até que, na primeira semana, em uma sexta-feira apareceu ela, uma professora doce, única, que me passava calma e expectativas para o futuro. Ela tinha aproximadamente 1,62 de altura, parda, cabelos lisos pretos, entrou na sala com um sorriso contagiante, sua voz era doce e eu podia ver nos seus olhos o brilho e seu bom caráter. Seu nome era Wilza, nome pequeno, mas diferente, bonita e especial para a pessoa certa.

Durante todo o meu primeiro ano, aprendi coisas especiais, coisas que vou levar para a vida com essa professora, que, a partir de hoje, vou chamá-la de professora, pois ela é uma professora além dos dias de hoje. Seus trabalhos sempre foram diferenciados, levando seus alunos, no caso eu, a me descobrir como pessoa, me descobrir no meio social, através das suas atividades, debates, criações, registros e reflexões que ela proporcionava, principalmente com o diário visual, onde eram feitas as registros das atividades e eu podia também expressar minha arte. Lembro que já amava filosofia, e desenhei todas meus filósofos favoritos no diário. Ops! Não posso me esquecer das chocolates que ganhava quando levava com na sua matéria, brincadeira a parte, eu só queria dizer que ela me mostrou a

Figura 109: Parte II

educação de uma forma diferente, que nunca vi antes.

Na segunda ano, não pude ter a honra dela novamente como professora, mas sempre a via pelos corredores de CECU e dizia o quanto estava com saudades.

Finalmente terceiro ano, e lá estava ela novamente, entrando na sala com aquele sorriso contagiante, sua voz doce, única como sempre e eu ainda podia ver seus olhos brilharem e seu bom caráter, a diferença que agora não é mais sexta é quinta (crises). Talvez parecia que tinha mudado algo nela, não sei, talvez tenha sido a falta de contato no segundo ano. Agora estamos juntas novamente, e eu pensei, talvez não vai ser a mesma coisa, afinal estou no terceiro ano, mas ela me mostrou que para se expressar não tem idade e nem série.

Dois aulas agora conhecidas como encontros, ficaram melhores ainda, diária visual com mais liberdade e diversidade, não imaginei que podia melhorar. E foi assim durante todo esse terceiro ano. Apenas algo meceu comigo, em um de nossos encontros, após assistir ao filme amor e fúria, ela disse que um certo colega havia falado para ela, que seus alunos muitas vezes deixam de fazer as tarefas porque ela é "beazinha" demais e que agora iria "mudar", tecnicamente ela bateu isso esperando algum retorno e ninguém de seus alunos que estavam presentes argumentaram ao contrário, inclusive eu, mas algo em mim pedia para falar, mais acabei dando voz a esse colega

Figura 110: Parte III

foram ensinamentos também, para uma vida toda. Nunca vou me esquecer do primeiro dia de aula que vi a professora entrar na sala, onde eu só tinha quinze anos e você trouxe consigo para mim todas as esperanças e conhecimentos do mundo. Espere que você passa sempre encontrar novas Yamaras, ou até outras pessoas comjeitas diferentes, mas que sempre digam o quanto você é importante para os seus alunos, e quanto você é diferente e faz a diferença, quero que saiba também que existem outras alunas que se sentiram mudadas como eu, sem dúvidas, mas talvez não iram expressar da mesma forma que eu. Me desculpa por não dar "maçãs" em todas as nossas encontros para você, pois você merece.

Com carinho de sua aluna Yamara, que sempre guardará você no coração, muito obrigada mesmo! Você já é a melhor das melhores, acredite.

- Permas, para que as quero, se tenho asas para voar?

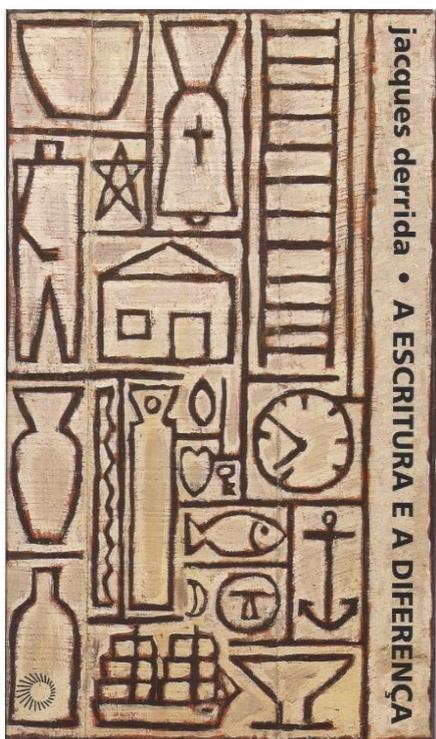
Fonte: Acervo Pessoal

Figura 111



Fonte:

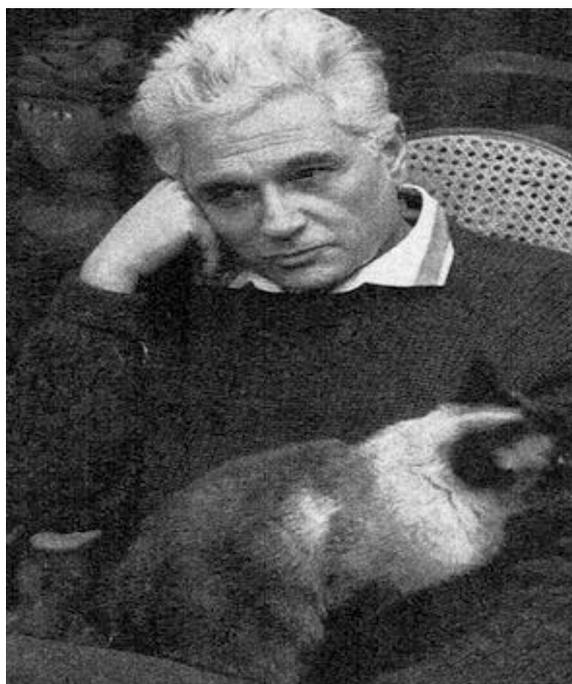
Figura 112



Fonte: Arquivo Pessoal

E assim, o fim do livro torna possível e compreensível a existência do livro. Este romance está concebido de tal maneira que o seu fim gera o seu início (DERRIDA, 2014, p. 30)

Figura 113

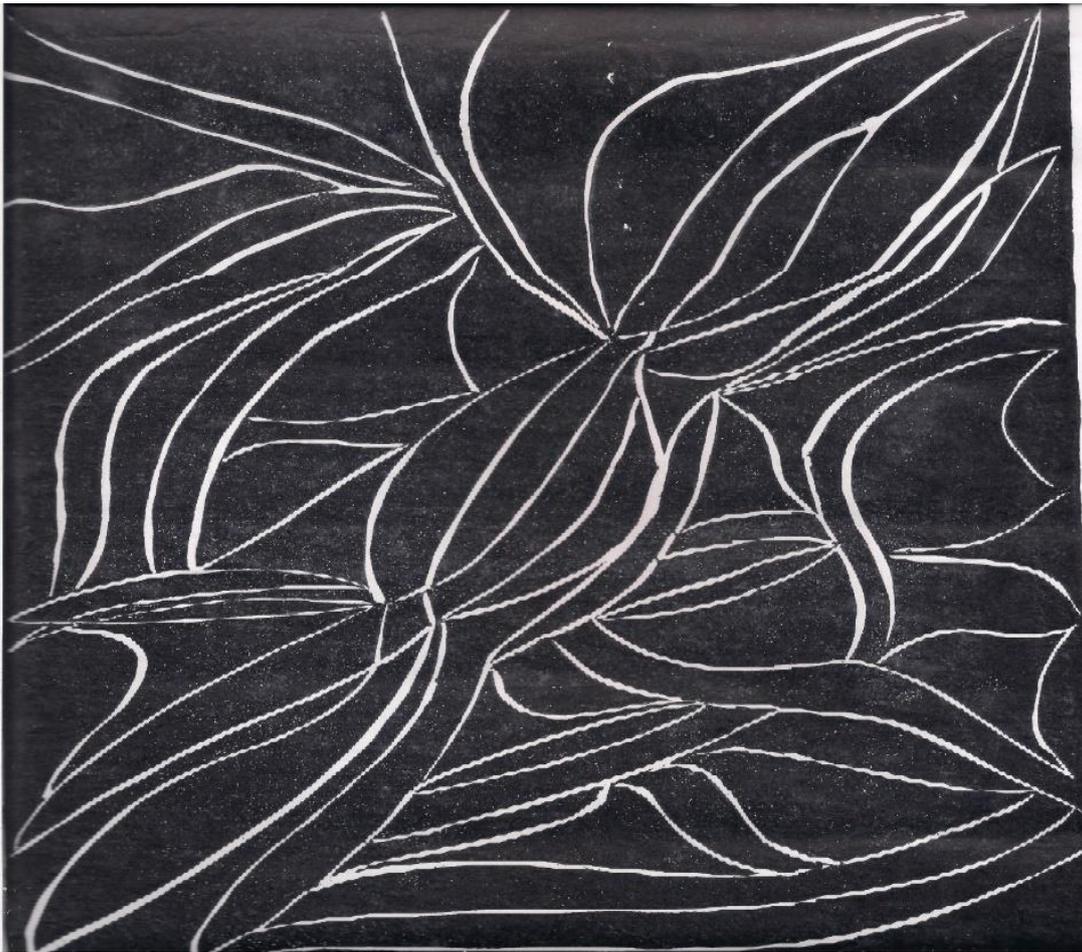


Fonte:

<https://englishchannel.hosting.nyu.edu/event/theory-biscuits-read-derrida/>

Os Meios

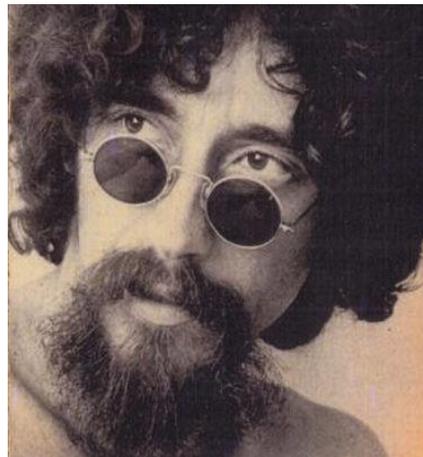
Figura 114:



Eu vou

Fonte: LIMA, 2004, arquivo pessoal

Figura 115



Fonte:

<https://www.radiophoenix.com.br/2017/08/cantor-raul-seixas-morreu-ha-28-anos>

Há uma voz que canta
Uma voz que dança
Uma voz que gira
(Gira!)
Bailando no ar

Raul Seixas, Tente outra vez, 1975

Figura 116



Fonte:

<https://www.radiophoenix.com.br/2017/08/cantor-raul-seixas-morreu-ha-28-anos>

A coreografia, um pensar escrito/inscrito no corpo do ato/fazer dançar. A dança escreve no espaço, uma conversa com o corpo dx bailarinx, dançarinx, com a gente, com o mundo, e, que às vezes conversa com a música, a poesia e as diversas linguagens artísticas. Infinitos são os estilos de danças que podem estar dentro de uma única coreografia. Movimentos gestuais marcam a expressividade de cada bailarino durante a leitura que o seu corpo deseja e faz dentro da coreografia. Através do gesto, a possibilidade de expandir meu pensamento, com o assunto/conversa que o corpo artista/artístico busca mostrar. Mas o que/quem define o bailarino ou o coreógrafo serem artistas? Guardei comigo a explicação do mestre professor Ronaldo, que na época era também coordenador do curso de Artes na faculdade em que estudei. Sua definição do que ou quem é artista, tento recontar da minha forma, pois aconteceu em uma conversa,

Figura 117



Artista é aquele ser/sujeito que o mundo vai dizer não pra ele, mas ele vai continuar tendo a necessidade de se expressar pela/através da arte. Artista é essa necessidade cotidiana de criação e expressão. Um corpo só, movimento/criação sempre

Fonte:
<https://www.youtube.com/user/ronaldoauad>

A necessidade de expressão com/pela arte de fazer/tecer cotidianos, ser artista, se faz presente também em algumas nações de povos originários no Brasil. O pajé do povo Munduruku por exemplo, quando alguém vai se queixar da saúde para ele, a primeira pergunta que o pajé faz é:

Há quanto tempo não dança e não canta?

Essa voz, que canta, dança, gira, baila no ar, fazendo o corpo dançar se mover por/em buscar, criar fazer arte, me tece *artista* (PINAR, 2014) *antropofágicos* (ROLNIK, 2006) *das artes do fazer cotidiano* (CERTEAU, 2012).

A necessidade de expressar as artes contidas nos meus cotidianos, apresentá-las tecidas por/entre essas conversas das diversas linguagens artísticas na minha dissertação tornou-se inevitável. Para Pinar,

a conversa tem um aspecto de testamento histórico. Quando você me ouve hoje, nossa conversa não é só agora, traz nossos pais, os teóricos que foram importantes e estão embutidos em nossos discursos. E é retomando conceitos antigos como o da conversa que estamos também testemunhando o passado e reconhecendo que a conversa é apenas um momento no tempo que estamos, mas que revolve o passado e tensiona o futuro, redirecionando o presente. (SÜSSEKIND, 2014, p. 66).

Essa dissertação coreografada, onde as linguagens artísticas tecem com as palavras desenhadas uma conversa com o que se passou na minha formação. O platô “o início”, revolve meu passado como estudante e tensiona a professora que me formou e que continua formar no/com o mestrado e meus cotidianos. Contados/narrados com o platô “o fim”. Redirecionando meu presente, o platô “os meios”. Me fazendo

Figura 118



Fonte:
<https://goo.gl/KsycRt>

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega um e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.49)

pensar/entender minhas formações com/pelas conversas cotidianas, um rizoma

não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.48)

Figura 119



Fonte:
<https://goo.gl/Lwkrbe>

Um rizoma que se expande inspirado passeando no corpo vai buscando espaços, porque o corpo precisa do ar e o ar se desterritorializa na expiração. O movimento de ir e vir, quando volta já não é mais o mesmo, pois o corpo e o ar já mudaram. Nesse bailar tão natural do/para o corpo de ir e vir, expandir com a voz que canta, dança, gira, baila e com a necessidade da criação cotidiana no/para o corpo vão tecendo conversas que mesmo interrompidas vão criando *espaçostempos*, puxando fios que podem encaminhar o corpo na busca de outros espaços e carrega para outro e outro espaços/conversas, um infinito de possibilidades que se oferecem nos processos cotidianos de tecer em redes o *aprenderensinaraprender*.

Deleuze e Guattari colocam o *entre* as coisas, como um movimento transversal que as carrega uma *e* outra, um riacho, eu colocarei o *entre* as coisas como a onda do mar que chega na praia e temos a fugacidade do instante de achar que a onda terminou ali, ela se impulsiona novamente no meio e começa um novo ciclo de uma forma diferente, carregando uma *e* outra. Um bailar com diversos elementos diferentes que contribuem para a formação dos espetáculos cotidianos, a arte de transformar *ausências em presenças, o nada em tudo*. Envolvido nesta trama, de fazer movimentos, o desejo. Para Deleuze e Parnet, *o desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos. Não há eclosão de desejo, seja qual for o lugar em que aconteça, que não coloque em xeque as estruturas estabelecidas*. (ROLNIK, 2014, p. 29).

Figura 120



Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000200008

O desejo de movimento/transformações nos meus cotidianos, moveu meu corpo pela busca do aprender. Em cada passo, ida ou volta, a incerteza do que encontrar nesse caminhar de tentar *expandir o presente, com o objetivo da sociologia das ausências, transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar ausências em presenças* (SANTOS, 2002, p. 246), onde as dúvidas se desfazem com uma *conversa* e se retomam múltiplas com giros que me encaminharam para novas *redes de conhecimento* e me tiraram para dançar em par ou mover o coletivo de *atores* dos cotidianos e toda complexidade de tentar tecer conhecimentos. *Do ponto de vista teórico, essa trajetória tem a ver, também, com a escolha feita pelas ideias de redes de conhecimento e de tessitura do conhecimento em redes* (ALVES, 2008, p. 16). Com a busca, movida pelo desejo, aprendi/entendi com a *rede de conhecimentos tecidas*, os currículos como *conversas complicadas* [platô “O fim”, página 45].

Esses aprendizados que foram tecidos, forneceram ferramentas e reforçaram em mim o *usuário do cotidiano* (CERTEAU, 2012), antes instinto de que o ato do fazer/mover o pensar, é algo mais de sentir... ao contrário do que alguns especialistas querem nos fazer acreditar, que aprendizagem *possa ser algo sequenciado e avaliado, nos limitando a garantir a comunicação entre as doutrinas do passado e os novos discursos dos gestores da educação nas democracias liberais globalizadas* (LARROSA, 2015, p. 138). Com as pesquisas e estudos durante o processo do mestrado, tive a oportunidade de refletir sobre/com o aprender/pensar o movimento, tecer afetos.

Figura 121



Movida pelo desejo, desterritorializada pelos estudos, teci meu questionamento com as estruturas preestabelecidas como o currículo mínimo [platô "O Fim", página 66]. Ampliei meus sentidos para as táticas *das artes de fazer com os cotidianos* e tentei tecer, *reexperimentar* com os diários visuais, *o currere. Método através do qual os estudantes de currículo podem rascunhar as relações entre conhecimento escolar, histórias de vida e desenvolvimento intelectual de modos que podem atuar de forma autotransformadora* (PINAR *apud* SÜSSEKIND, 2014, p. 26 e 27).

Figura 122



Santos, 2015, fonte: arquivo pessoal

Em consonância com as conversas tecidas com as pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*, onde no decorrer do processo x estudante,



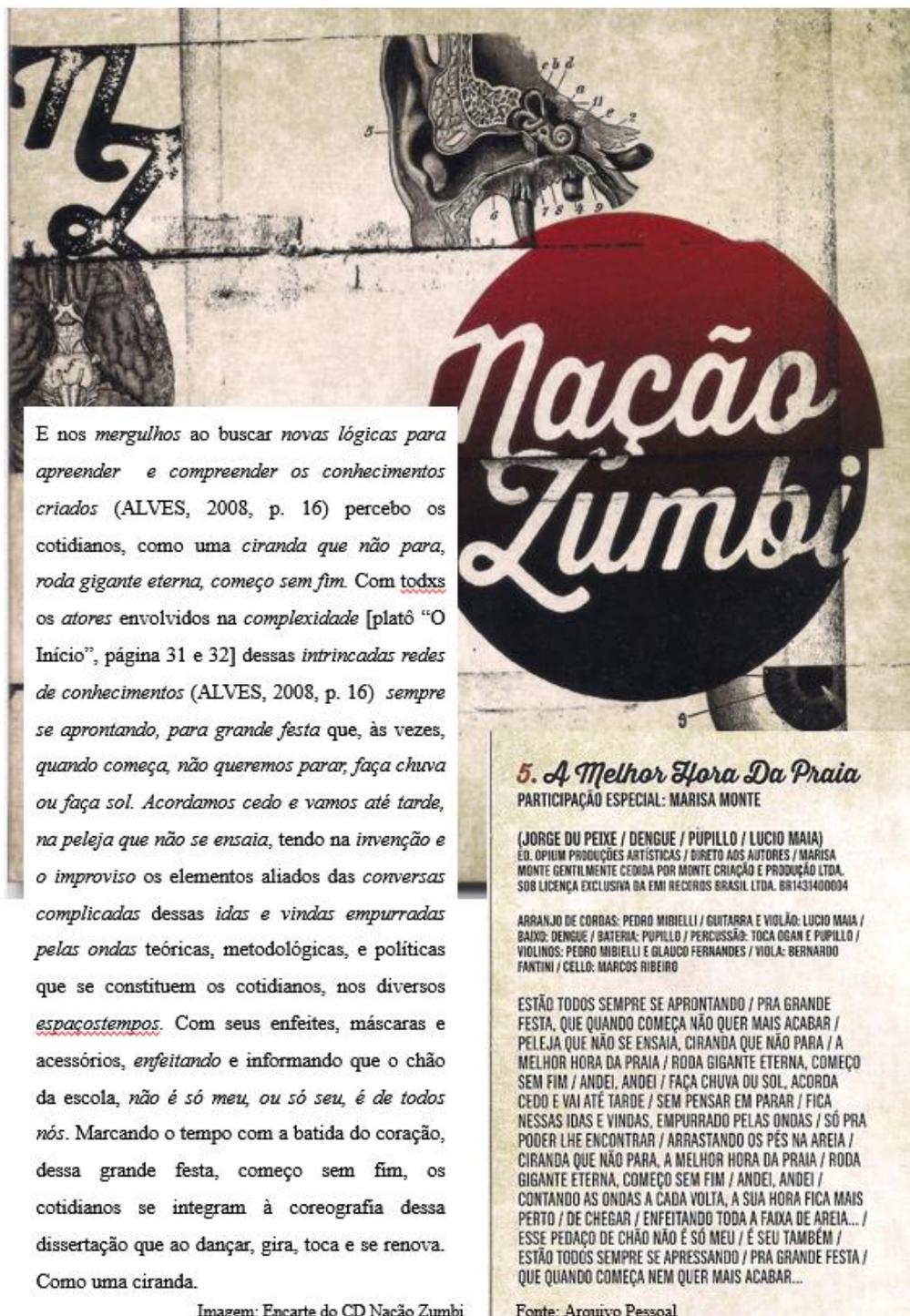
Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas ...

19

seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. Essas ações podem ser sintetizadas em uma

(ALVES, 2008, p. 19)

Figura 123



E nos mergulhos ao buscar novas lógicas para apreender e compreender os conhecimentos criados (ALVES, 2008, p. 16) percebo os cotidianos, como uma ciranda que não para, roda gigante eterna, começo sem fim. Com todos os atores envolvidos na complexidade [platô “O Início”, página 31 e 32] dessas intrincadas redes de conhecimentos (ALVES, 2008, p. 16) sempre se aprontando, para grande festa que, às vezes, quando começa, não queremos parar, faça chuva ou faça sol. Acordamos cedo e vamos até tarde, na peleja que não se ensaia, tendo na invenção e o improviso os elementos aliados das conversas complicadas dessas idas e vindas empurradas pelas ondas teóricas, metodológicas, e políticas que se constituem os cotidianos, nos diversos espaçostempos. Com seus enfeites, máscaras e acessórios, enfeitando e informando que o chão da escola, não é só meu, ou só seu, é de todos nós. Marcando o tempo com a batida do coração, dessa grande festa, começo sem fim, os cotidianos se integram à coreografia dessa dissertação que ao dançar, gira, toca e se renova. Como uma ciranda.

Imagem: Encarte do CD Nação Zumbi

5. A Melhor Hora Da Praia

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: MARISA MONTE

(JORGE DU PEIXE / DENGUE / PÚPILLO / LUCIO MAIA)
ED. OPIUM PRODUÇÕES ARTÍSTICAS / BURETO AOS AUTORES / MARISA MONTE GENTILMENTE CEONDA POR MONTE CRIAÇÃO E PRODUÇÃO LTDA.
SOB LICENÇA EXCLUSIVA DA EMI RECORDS BRASIL LTDA. BR1431400034

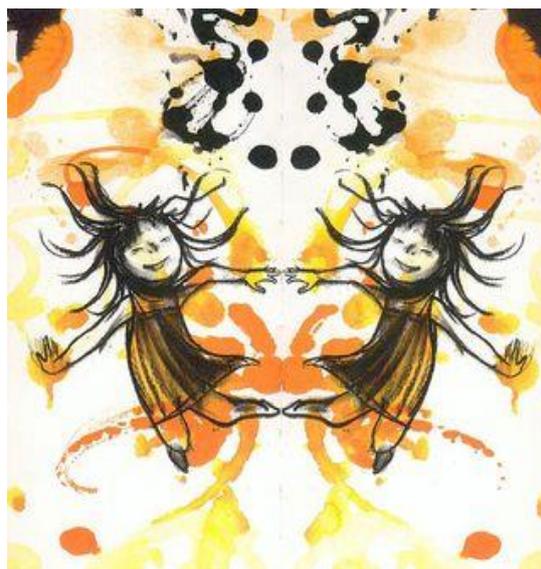
ARRANJO DE CORDAS: PEDRO MIBIELLI / GUITARRA E VIOLÃO: LUCIO MAIA / BAIÃO: DENGUE / BATERIA: PUPILLO / PERCUSSÃO: TOCA OGAN E PUPILLO / VIOLINS: PEDRO MIBIELLI E GLAUCO FERNANDES / VIOLA: BERNARDO FANTINI / CELLO: MARCOS RIBEIRO

ESTÃO TODOS SEMPRE SE APRONTANDO / PRA GRANDE FESTA, QUE QUANDO COMEÇA NÃO QUER MAIS ACABAR / PELEJA QUE NÃO SE ENSAIA, CIRANDA QUE NÃO PARA / A MELHOR HORA DA PRAIA / RODA GIGANTE ETERNA, COMEÇO SEM FIM / ANDEI, ANDEI / FAÇA CHUVA OU SOL, ACORDA CEDO E VAI ATÉ TARDE / SEM PENSAR EM PARAR / FICA NESSAS IDAS E VINDAS, EMPURRADO PELAS ONDAS / SÓ PRA PODER LHE ENCONTRAR / ARRASTANDO OS PÉS NA AREIA / CIRANDA QUE NÃO PARA, A MELHOR HORA DA PRAIA / RODA GIGANTE ETERNA, COMEÇO SEM FIM / ANDEI, ANDEI / CONTANDO AS ONDAS A CADA VOLTA, A SUA HORA FICA MAIS PERTO / DE CHEGAR / ENFEITANDO TODA A FAIXA DE AREIA... / ESSE PEDAÇO DE CHÃO NÃO É SÓ MEU / É SEU TAMBÉM / ESTÃO TODOS SEMPRE SE APRESSANDO / PRA GRANDE FESTA / QUE QUANDO COMEÇA NEM QUER MAIS ACABAR...

Fonte: Arquivo Pessoal

Pra se dançar ciranda, é necessário ser tocado e tocar o outro. A ciranda mantém alguns elementos compositórios de uma coreografia, que varia de *um ponto a outro*, de acordo com a particularidade de cada local em que é executada/desenvolvida/dançada no Brasil. Mas a cada brincante, a ciranda adquire nova forma. É no *meio* do dançar, do giro, do experimentar que a ciranda ganha força e não se reproduz a mesma.

Figura 124



Fonte:

<http://www.veracruz.edu.br/palavradeprofessor/2010/literatura1.htm>

Quando dou aula, xs alunxs pedem que eu repita, com frequência “*a parada da mão*”. Esse ato consiste em cada estudante buscar seu equilíbrio pessoal naquele momento com seu corpo e partilhar com os outrxs em círculo. Ofertando com a mão direita e recebendo com a mão esquerda, fazendo o fluxo de energia daquele instante girar, quando estamos de mãos dadas. E é assim que sinto e sou tocada pelos cotidianos e suas diversas redes de saberes. Quem quer entrar, doa-se para x outrx porque recebe toda complexidade que este movimento envolve, o interessante é *brincar com os improvisos e quem está brincando com você* (SÜSSEKIND, 2014, p.39).

Por conta dos aprendizados tecidos nos cotidianos com as crianças do Jacaré (platô “O fim”, página 79) influenciando diretamente as atividades pensadas para o curso normal ensino médio, priorizamos na maioria das vezes, eu e xs estudantes, por um aprendizado por meio/através das brincadeiras e do brincar. As brincadeiras

populares brasileiras (não tenho conhecimento amplo sobre o tema no exterior, por isso abro essa janela de comentar somente no Brasil), possuem uma diversidade linda, quando pensamos nas linguagens artísticas. São brincadeiras que envolvem em sua maioria o corpo e seus improvisos no cantar e no dançar durante o brincar. Às vezes se trabalha também a questão do coletivo e a *ecologia dos saberes* (platô “O fim”, página 61), como é o caso da ciranda da Lia e alguns brinquedos cantados.

Figura 125



Fonte: <https://www.clickpb.com.br/cultura/lia-de-itamaraca-se-apresenta- hoje-no-espaco-cultural-183840.html>



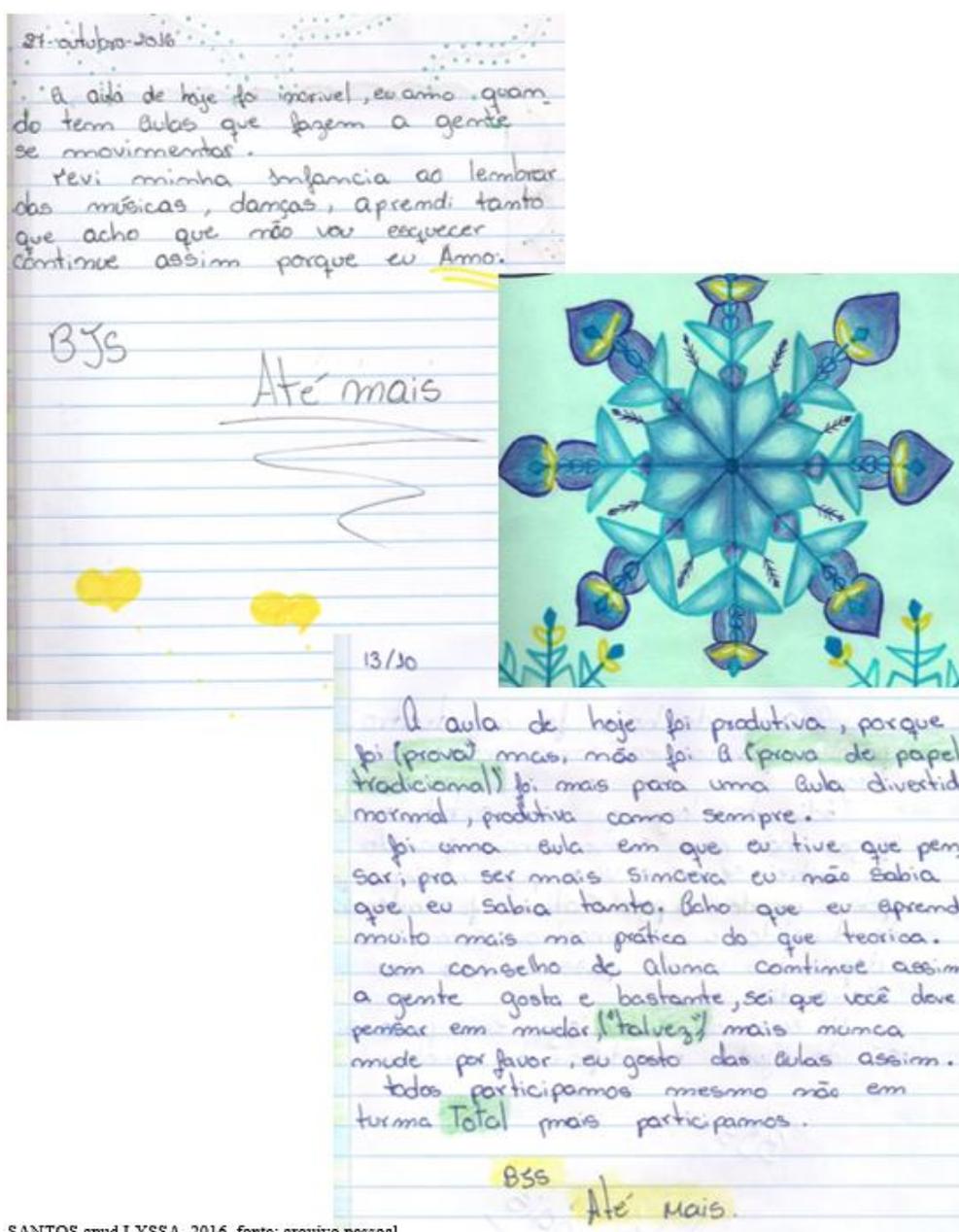
Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida como Lia de Itamaracá, (Itamaracá, 12 de janeiro de 1944) é uma dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira.

Fonte:
http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=317

Essa ciranda não é minha só
 Ela é de todos nós, ela é de todos nós
 A melodia principal quem guia
 É o som da minha voz
 É o som da nossa voz
 Pra se dançar ciranda
 Juntamos mãos com mãos
 Fazemos uma roda
 Cantando essa canção
 Essa ciranda
 Quem me deu foi Lia
 Que mora na ilha de Itamaracá

Ao realizar algumas cirandas ou brinquedos cantados com xs estudantes do curso normal e ler seus relatos no diário visual ou as conversas tecidas pós aulas, observo em seus comentários a surpresa do aprendizado tecido durante na/com/uma brincadeira, o *currere* é corpo num corpo sem órgãos.

Figura 126



Corpo presente que pulsa, se movimenta, gira e conversa com todxs, aprende *retrabalhando a memória, que não é estática e reside tanto na linguagem quanto na afeição e no corpo, corpo esse que é multidimensional* (PINAR, 2014, p. 63). Uma linguagem presente em nós, e que às vezes fica adormecida.

Figura 127



Fonte: http://www.zupi.com.br/danca_e_desenho_em_video/

Em nossa infância se faz presente, *todos nós experimentamos este primeiro idioma, o idioma do caos* (COUTO, 2011, p. 12) eventualmente pode ficar esquecido, adormecido diante de tantas tarefas, atividades da vida que temos que executar. Mas por um momento, na brincadeira, no brincar, alguns estudantes conseguem *regressar a essa condição em que estivemos tão fora de um idioma que todas as línguas eram nossas* (COUTO, 2011, p. 12). As línguas do corpo *multidimensional* que vibra e que canta, acordando as outras línguas/linguagens da arte que foram ou estavam até então adormecidas sem saber que falavam. Essas e muitas outras línguas podem tecer rizomas, ativando sentidos/sentimentos com/no brincar, no jogo.

Quando a aula é sobre jogos populares, brinquedos cantados e/ou ciranda, entro na roda para brincar com xs estudantes. Fico a pensar sobre esse ato de brincar junto

com a turma, se poderia ajudar no processo para que alguns estudantes além de se soltarem nas brincadeiras, possam adquirir mais confiança para falar ou expressar em outras línguas que achem necessário. Como o/no diário visual.

Esse ato de fazer parte da roda, do brincar com a turma, para alguns estudantes é como se eu retirasse a máscara *frente à estatutária* (LARROSA, 2015, p. 174) professor e me permitisse colocar o *chapéu de guizos*, do professor, um ser humano. Longe das máscaras impostas ou postas *das palavras escolarizadas* (LARROSA, 2015, p. 134) e conversar *não como idênticos, mas sim como iguais* (LARROSA, 2015, p. 158) deixando que *entre a leve fluidez da música para que a dança volte a começar* (LARROSA, 2015, p. 174).

Figura 128



Fonte: <https://br.pinterest.com/explore/desenho-de-tatuagem-de-pena/>

O corpo leve a vagar pelo espaço, com o dançar no individual, na diferença dentro do coletivo, vamos tecendo *conversas complicadas*, no *improviso* do brincar. Tentando manter *a primeira função do riso: isolar, distanciar e relativizar as máscaras retóricas* (LARROSA, 2015, p. 176). E nesse devir das brincadeiras, somadas às inquietudes de artista, vamos tecendo piruetas nos currículos preestabelecidos, rindo dos erros para festejar alguns acertos. Com esse bailar, brincar, cada estudante vai escolhendo suas cores para pintar sua tela.

Me permitindo pensar com Pinar, o processo que se desenvolve na *aprendizagem ensino* nesse curso em Angra dos Reis, formação de professorxes nível médio, como uma pintura abstrata de Jackson Pollock. Onde *as conversas complicadas* abrem *rizomas* de aprendizados por entre as redes tecidas cotidianamente. No bailar dessa trama, sempre presente está a *ecologia dos saberes* (SANTOS), processo de pensar/entender que todas as pessoas possuem conhecimento e reflexionar a desterritorialização das disciplinas desinibilizando saberes cotidianos na busca da justiça cognitiva.

Figura 129



Fonte: <http://www.democrart.com.br/aboutart/artista/jackson-pollock/>

Figura 130

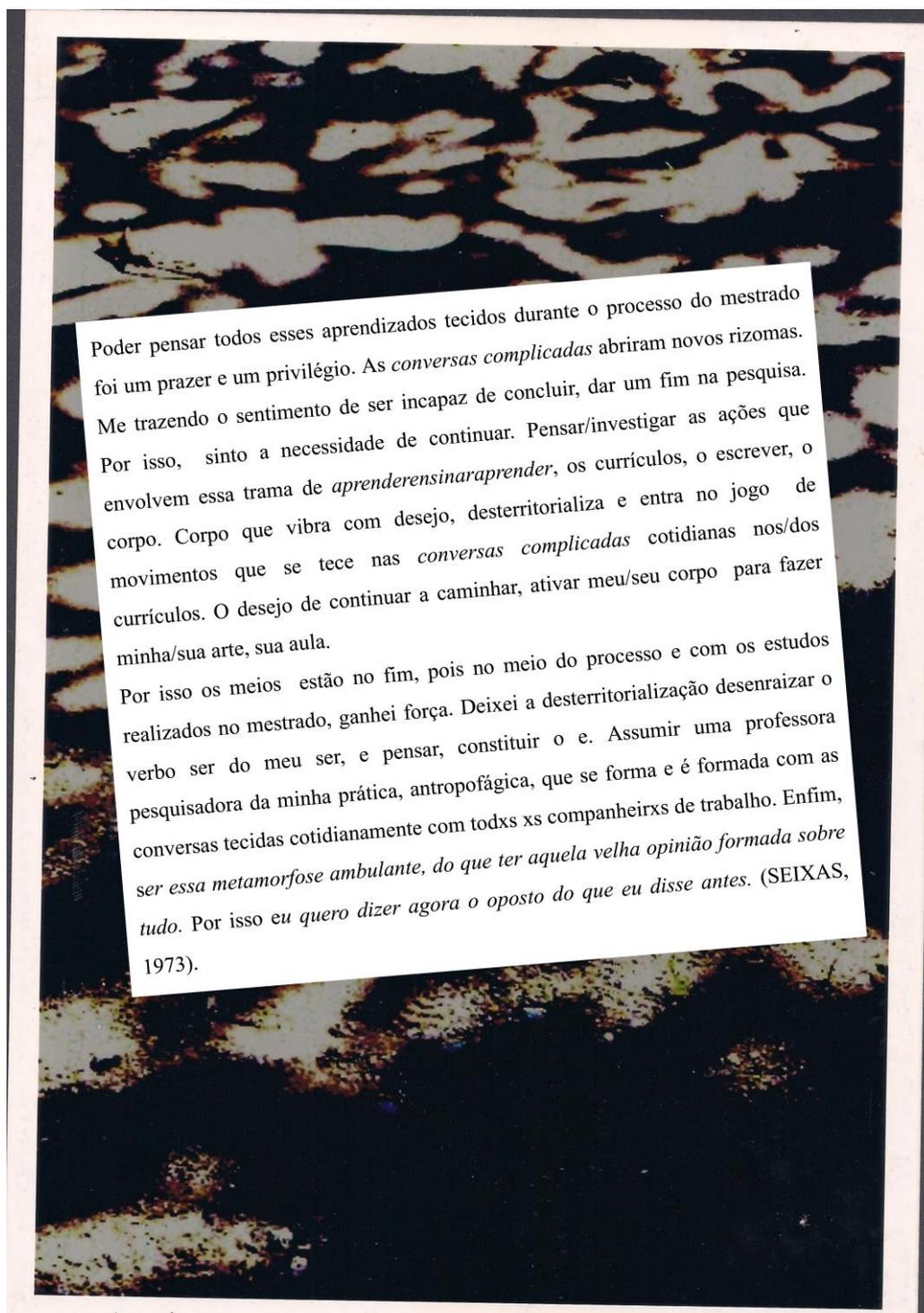


Por conta dos movimentos que foram provocados em todos os processos, percorridos por entre o bailar desta coreografia/dissertação, sou instigada a refletir sobre o pintar de Pollock e sua criação *action painting*, onde seu corpo se faz presente no ato de pintar. Registrando o movimento do gesto com sua cor, sua linha escolhida para fazer sua obra. O corpo não está estático ou sentado. Sua tela não está no cavalete, está no chão. É no fluir do movimento que sua obra se realiza. E se tece no ato/gesto que seu corpo faz ao dançar com sua tela, explorando o espaço. Um bailar, um corpo, sinergia.

Fonte: <http://www.democrart.com.br/aboutart/artista/jackson-pollock/>



Figura 131



Poder pensar todos esses aprendizados tecidos durante o processo do mestrado foi um prazer e um privilégio. As *conversas complicadas* abriram novos rizomas. Me trazendo o sentimento de ser incapaz de concluir, dar um fim na pesquisa. Por isso, sinto a necessidade de continuar. Pensar/investigar as ações que envolvem essa trama de *aprenderensinaraprender*, os currículos, o escrever, o corpo. Corpo que vibra com desejo, desterritorializa e entra no jogo de movimentos que se tece nas *conversas complicadas* cotidianas nos/dos currículos. O desejo de continuar a caminhar, ativar meu/seu corpo para fazer minha/sua arte, sua aula.

Por isso os meios estão no fim, pois no meio do processo e com os estudos realizados no mestrado, ganhei força. Deixei a desterritorialização desenraizar o verbo ser do meu ser, e pensar, constituir o e. Assumir uma professora pesquisadora da minha prática, antropofágica, que se forma e é formada com as conversas tecidas cotidianamente com todxs xs companheirxs de trabalho. Enfim, *ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*. Por isso eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes. (SEIXAS, 1973).

Metodologia

Figura 132: Metodologia



Fonte: ANTUNES, 2017; Arquivo Pessoal

Figura 133



Fonte: Arquivo Pessoal

O caminho percorrido durante a pesquisa na/com/a transformação...

Figura 134



Fonte: <http://www.statusimagens.com/listings/deixar-fluir/>

“O meu mistério é que eu ser apenas um meio, e
não um fim, tem-me dado a mais maliciosa das
liberdades: não sou boba e aproveito”.

(Clarice Lispector)

Cotidianamente, a pergunta que cercava/cercou a minha pesquisa era porque você está fazendo/quer fazer mestrado?

No início respondia, porque eu gosto de aprender. Passadas algumas aulas de epistemologia com (SÜSSEKIND, 2014), aprendi que todo local pode ser espaço de aprendizagem e que não existe por assim dizer/pensar um local de soberania (somente a escola é responsável por ensinar as pessoas) de/para aprender. Pude durante o processo, conhecer /ler algumas cartografias desenhadas por (SANTOS, 2004) com a sociologia das ausências, nas epistemologias do Sul. Que desconstruiu outro paradigma, a dicotomia. Outro motivo de ter entrado para o mestrado foi para descobrir se os meus métodos/metodologias que usava estavam certos ou errados. Hoje com outro olhar, penso com muitos autores: (GINZBURG,1989), (SANTOS, 2007) (de novo, é o cara), (COUTO, 2011), (HOBSBAWN, 1994) que o certo e errado foram criados a priori, para buscarmos a divisão e não a comunhão. Essa divisão de pensamento me afastou, antes do mestrado, de muitos colegas de profissão, afinal, eu os julgava e elxs faziam o mesmo com minhas ideias consideradas “loucas”, sim, *a demonização do professor*, PINAR. Esse autor junto com minha orientadora quebraram o que poderia ser uma estrutura de pensamento na minha mente. Pensar/entender o currículo como uma conversa complicada, como assim? Então, currículo não se parece nada com a lista de conteúdos que muitxs professorxs são forçados a trabalhar. E sim uma conversa com você, o conteúdo e xs alunxs que estão ali naquele instante/momento aprendendo/brincando com você. Indo por essa trilha, uma outra questão, com (CERTEAU, 2012). Aprendi que muitas das *burlas* que usamos cotidianamente pensando estar fazendo algo errado, pode ser uma *tática* do homem/mulher *ordinário*, varia de momento em momento ou de situação para situação o que você vai usar e como vai usar, nada é fixo. E como as conversas/situações mudam o tempo todo, não são fixas, conheci DELEUZE e GUATTARI. Vou tentar desenhar a sensação que senti ao ler, conversar, discutir com esses autores em algumas palavras:

- UAU! Então, não sou “louca”? Meu raciocínio considerado por alguns sem sentido pode ter sentido? Como assim?

Sabe aquela sensação de justiça no fim do filme, que você chora e quer bater palma e sai com toda força para mudar o mundo porque passou acreditar em si mesmo? Então foi mais ou menos assim que me senti. Desconstruída, fui apresentada ao paradigma do *estigma* e percebi os muros que construí ao meu redor com as dicotomias decalcadas por/para/com o sistema dominante no meu mundo/corpo/mente.

Ahh! Os rizomas... são linhas, fluxos, pensamentos vivos que acontecem e que se (re)tecem a cada momento, se conecta de um ponto a outro sem linearidade, um mapa desmontável, não hierárquico se metamorfoseia em si mesmo, sempre no meio, sem início e sem fim, e forma os platôs. E a cada situação de acesso ele pode mudar de novo e de novo, ou não. Nada é fixo, tudo muda o tempo todo. Um caminhar/viajar metamorfose, tudo vai depender da forma como você olha quer ver a situação, o que você quer enxergar ali. E sobre olhar/sentir sabores e odores, “os mergulhos”, ALVES! NOSSA!

Quando você mergulha (pelo menos comigo é assim) nada fica no lugar, você se vira do avesso, a desterritorialização flui... Quando você não conhece o local do mergulho/escola você fica com receio de se jogar de imediato, você não sabe se dá pé, se tem pedra no fundo que pode te machucar, então você dá aquele mergulho leve, só para molhar o corpo, passar a tensão e se conectar ao ambiente. Depois você boia, vai analisando onde pode pisar, se pode/quer ir mais fundo. Passado a fase do reconhecimento do território, caso as ondas sejam calmas/te permitam fazer esse processo de forma tranquila, aí você se joga no mergulho de corpo inteiro, quando retorna à superfície para respirar...a sensação de alma lavada, dever cumprido. As vezes se faz necessário nadar um pouco mais, passar algumas correntezas e ouvir/sentir/saborear as conversas com as pessoas que estão ali. Aprender/entender que toda essa *rede* de conversas e aprendizados tecidos na/com a *pedagogia da embolada* (MANHÃES, 2001) é conhecimento. *Nosdoscom os cotidianos* me ajudaram a entender meus *mergulhos* e escrever/narrar minha prática que também é pesquisa. E não precisaria de uma ordem específica a seguir, para contar/narrar esse caminhar, pois a rede pode se expandir criando novos rizomas, platôs. Você se descobre, um *corpo sem órgãos*. Você vive o e, não mais o é.

O que possibilita entender que pode escolher as cores para pintar suas telas e desenhar suas linhas no fluxo do movimento, da forma/formato (OLIVEIRA; SGARBI, 2008) que desejar/imaginar seus mergulhos e os caminhos que te levaram a eles. Se não ficar do modo como pensou, começar de novo, avaliar o processo percorrido ao invés de julgar o certo ou errado. Improvisar, arriscar um passo novo, nessa ciranda cotidiana *dos currículos criados* (OLIVEIRA, 2012) como *conversas complicadas* (PINAR, 2012) de peito aberto para as *gargalhadas, brincadeiras* (LARROSA, 2015) com a expectativa de se trabalhar na/com a *ecologia dos saberes* (SANTOS, 2004) e a possibilidade de

novos rizomas que tecem, (re)tecem se fazem/formam como uma onda perfeita que se desfaz no percorrer do fluxo do seu caminhar ao encontrar o outro e se encontrar.

(Re)conhecer em si e no seu trabalho essa profusão de sensações, sentidos no decorrer do fluxo, uma *metamorfose ambulante*.

E por ser e viver em/na *metamorfose ambulante*, pude dançar com as formas e formatos na dissertação, pois assim trabalho no/por entre os meus cotidianos. Danço com as linguagens artísticas, sem hierarquias na *ecologia dos saberes*, tecendo *conversas complicadas* que se tornam *rizomas*.

Mas o que mudou na sua prática, com o mestrado? Você pode me perguntar. Parei de julgar, colegas de trabalho e aprendi a trabalhar na *diferença*. Com isso, consegui desenvolver projetos com professorxs e alunxs que envolveram/envolvem toda escola e sua rede complexa (MORIN, 2005). Chamo a todxs, hoje de parceirxs, companheirxs de trabalho. Mas sobretudo, aquela professora que se achava incapaz de escrever um projeto de mestrado, se desenhou em linha de fuga com toda essa *antropofagia, carnavalizou* (ROLNIK, 2014) e agora acha que aprendeu a convidar x outrx a dançar na sua escrita. Evoé!

Referências Bibliográficas

ALVES, N.. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p.91-100

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre as redes de saberes**. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008.

ALVES, N. GARCIA, R. L. Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo. In: ALVES, N.. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p.65-90.

BIBLIOTECA VIRTUAL DA ANTROPOSOPIA. **A diferença entre obrigado e gratidão**. Disponível em: <<http://www.antroposofy.com.br/wordpress/a-diferenca-entre-obrigado-e-gratidao/#sthash.hxNhYUj0.gRpiAI8v.dpuf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano?: e outras intervenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1991.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FILHO, A. V. Enfrentamentos contemporâneos no ensino formal das artes: a cultura visual, o corpo e a arte. In: 22º ENCONTRO DA ANPAP, 22., 2013, Belém. **Anais do 22º Encontro da Anpap**. Belém: Anpap, 2013. p. 3203 - 3216. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/07/Aldo_Victorio_Filho.pdf>. Acesso em: 03 maio 2015.

GALLO, S. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p.91-100

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 1988.

GUATTARI, F.. **CAOSMOSE: Um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

HOBSBAWN, E. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ITAÚ CULTURAL. **Parangolé**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3653/parangole>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARROSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LISPECTOR, C. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

MANHÃES, L. C. Rede que te quero redes: por uma pedagogia da embolada. In: Oliveira, I. B.; ALVES, N. (Org.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

MORIN, E.. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2005.

NASCIMENTO, A. E.; NETTO, P. J. B.; BULHÕES, S. F. **Vamos indo na Ciranda – Mestre Chiquinho de Tarituba: de bailes e histórias**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2004.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: de Petrus Et Alli, 2012.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P.. **Estudos do cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RANCIÈRE, J.. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: contra do desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, v., n. 79, p.71-94, nov. 2007.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SÜSSEKIND, M. L. **Quem é... William F. Pinar?** Petrópolis: De Petrus et Alli, 2014.

SÜSSEKIND, M. L; LONTRA, V. Narrativas como travessias curriculares: sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 87-108, jan./abr. 2016.

WATTERSON, B. **Calvin e Haroldo, O livro do décimo aniversário**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2013.